

Encontro na Cafeteria





PERIGOSAS NACIONAIS

Encontro na Cafeteria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright ©2019 Francine Cândido

Capa & Diagramação: *Francine Cândido*

Imagens: *Pngtree*

Coaching: Guta Bauer

Revisão: Grazi Reis

Increasy Consultoria Literária

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para a minha filha;

Espero que sinta orgulho do meu trabalho.



PERIGOSAS ACHERON



Prólogo

O relógio tocou às 6 horas da manhã. Passei com o dedo a tela para o lado e voltei a olhar para a pilha de cadernos que eu tinha na mesa de centro da sala. Os livros gastos, as manchas de café em rodela demarcavam a madeira, enquanto o que restou da bebida ainda fumegava.

Havia passado à noite toda estudando para a prova de *Transformações na economia política internacional* que eu teria naquele dia, e me sentia a cada hora menos preparado. Lucinda, a empregada da família, adentrou a casa assim que eu me servia do resto de café que ela tinha deixado preparado.

Seu rosto enxuto, mas sorridente parecia esbanjar pena ao me ver. Não poderia ser diferente, com o pai ocupado e a madrasta desequilibrada, nada na minha vida era adequado, ainda assim,

todas as vezes que olhava para o teto acima da minha cabeça, concluía ser privilegiado.

— Você deve dormir também, menino Lucas, sabia que nosso cérebro trabalha menos quando estamos cansados? — Lucinda tinha basicamente me criado, após minha mãe deixar a casa, desistindo de mim e de meu pai, tudo para voltar à pobreza e ao sossego de sua vida anterior.

Diziam que o dinheiro era a felicidade, nunca vi seu rosto sorrir enquanto estive ao lado de meu pai.

— Eu irei descansar mais tarde, antes da prova, não se preocupe. — Fiz um gesto com a caneca. — Obrigado pelo café, mas poderia fazer mais?

— É claro, menino Lucas. Ainda irei lhe preparar um pão na chapa perfeito para começar a manhã. — Concordei com um meio sorriso, deixando as coisas onde estavam, subi as escadas para o meu quarto, e empurrei a porta de correr sabendo que não poderia acordar a madame no fim do corredor.

O apartamento que meu pai tinha adquirido era um duplex de frente para a praia, com vista e condomínio de dar inveja. Bom, ele podia pagar,

afinal a *Braincoff* continuava assessorando a maior parte das empresas brasileiras que se aventuravam internacionalmente. Lugar em que me via obrigado a estar depois da graduação.

Perguntei-me muitas vezes onde estava o meu desejo em trabalhar com Relações Internacionais e em todas elas, nunca cheguei a uma conclusão convincente, apesar de meu pai garantir que desde criança eu sentava na poltrona de chefia e fingia comandar tudo lá. Fingia mesmo ou era pelo fato de ele temer não ter herdeiro?

Enquanto a água do chuveiro caía, observei o piso esperando encontrar um nicho de prazer na profissão, mas o buraco negro da dúvida persistia, afetando-me, corrompendo ainda mais a dedicação forçada que eu tinha nos estudos. Talvez eu precisasse de outra coisa, uma experiência diferente.

Parei de frente ao espelho do quarto, analisei as manchas escuras debaixo dos meus olhos e a forma com que eu parecia ter saído do livro *Pet Sematary*. Sequei o cabelo castanho que pingava em cima dos meus olhos e acelerei com a troca de roupa, estava dando nó na gravata quando ouvi a porta do quarto ao lado abrir-se.

Suspirei. Teria de aguentar a Madame e meu pai no café da manhã e sobreviver com o mínimo de dignidade.

Deixei o quarto, relutei para dar o primeiro passo na escada. Respirei mais do que precisava e abri um sorriso duro e sarcástico. Meu pai não tirou os olhos do jornal, mas a sua esposa analisou de cima abaixo o modelo que eu vestia, concluindo com um resmungo o fato de ter gostado.

— O clube estava falando bem das riscas de giz ontem, já eu, tinha certeza de que essa tendência jamais morreria — falou para qualquer um que quisesse ouvir. O cabelo loiro arrumado em cachos caía por um vestido tubo na cor vermelha em combinação com o batom que marcava o copo de suco.

— Imagino o que mais é assunto no seu clube, Marlete — retruquei, forçando um sorriso e sentando-me para o café. Catarina, nome que ela escolheu após o casamento, mordiscou uma torrada com os olhos soltando veneno.

— Já lhe disse que não me chamo mais Marlete! — retrucou, ofendida. Concordei em um aceno pouco interessado e tomei outra xícara de café, recebendo de Lucinda o pão na chapa. —

Comendo tanto carboidrato, daqui a pouco não vai caber mais nos ternos, Lucas. Sabe que tem que ser apresentável, não é mesmo?

— É melhor olhar a costura do seu vestido, Marlete, está soltando. — Ela virou para ver os lados da roupa que usava, enquanto soltei uma risada baixa. Meu pai, João Honório da Fonseca Cavalcanti, deixou o jornal de lado para me encarar.

— Você pode chamá-la de mãe ou Catarina, creio que já conversamos sobre o desagrado de ser chamado por algo que não quer — zangou-se, o que não era novidade. João estava sempre com a carranca lustrada, os olhos sedentos por dinheiro e o cabelo lambido para trás. Era o típico diretor de uma empresa com domínios e dinheiro.

— Hoje vou passar na faculdade mais cedo, então preciso sair. Um bom café para vocês. — Odiava lembrar que em todos os encontros propícios para boas negociações eu precisava chamá-la de mãe e fingir que éramos uma família feliz, quando na verdade, parecíamos cães e gatos lutando pela última palavra.

— Não se esqueça da reunião de hoje à tarde, Lucas. É sua vez de dar a palavra como futuro CEO

da empresa. — Peguei a mochila de cima da mesa de centro. Lucinda já havia guardado todos os livros que eu precisaria para a faculdade depois. Meu pai, aguardando uma resposta, voltou a me cobrar. — Está ouvindo, Lucas?

— Ah, querido! Quero lhe dar um filho logo, é certo que será mais obediente — falou Catarina em um tom audível para qualquer parte da casa. Dei um sorriso debochado ao perceber que João havia escondido o rosto no jornal, afinal, ele ainda não tinha contado sobre a cirurgia que fez para não ter mais filhos. Uma peste já lhe bastava.

— Não estou indo de terno para fazer exame de próstata, pai. Ainda não cheguei nessa idade — retruquei deixando o apartamento. O zelador me deu um aceno de bom dia e voltou a ajeitar o rádio velho que ele tinha para se distrair.

Ainda que eu tivesse carro, sempre preferi andar até os lugares. Não gostava de coisas fechadas que pareciam me sufocar, e também tinha um péssimo equilíbrio, então jamais aprendi a andar de bicicleta ou moto. Tudo passa rápido demais quando se está em um deles e aproveitar a paisagem era uma das poucas coisas que me relaxava.

Caminhei até o centro de Presidente Moreira para poder passar pelas lojas que abriam naquela manhã ensolarada do litoral. As pessoas caminhavam cedo pelas ruas, indo para as fábricas em cidades menores ou voltando do turno da madrugada nas mesmas.

As panificadoras no caminho já exalavam o cheiro de pão e café fresco, atraindo os mais variados passantes. Passei por todas as lojas do calçadão quando os postes desligavam as luzes tardiamente e as portas de ferro eram roladas para cima.

Estava pouco empolgado para a reunião daquele dia, então sentei no banco do calçadão e suspirei cansado. Eu teria de me apresentar como novo CEO já que meu pai desejava abrir novos caminhos com sua aposentadoria, a pena era que jamais fui consultado sobre querer estar na posição definida por ele.

— Ei, garotão, você tá bem? — indagou uma voz atrás de mim. Virei para ver um mendigo sentado em frente a uma loja fechada, enquanto bebia seu *Velho Barreiro*. Estava acompanhado de quatro cães admirando os passantes. — Está com cara de acabado, mais do que eu, cê é que me

entende. Ouvi dizer que é difícil separar estudantes de mendigo nos dias de hoje.

— Obrigado, mas tenho certeza que esse terno é bem diferente da sua roupa — retruquei com sarcasmo. Meu estado realmente estava cadavérico e eu tinha certeza de que sairia da faculdade direto para a cova mais próxima. — Mas como sabe que sou estudante?

— Dá para perceber, acredite. Mas não se preocupe, eu sei do que você precisa — falou abruptamente, chacoalhando a bebida na sua mão. Fui recusar quando ele soltou uma risada. — Não é disso que estou falando, garoto. Você vai encontrar um emprego logo.

O mendigo se levantou, bateu nas roupas sujas e bebeu um longo gole de *Velho Barreiro*. Os cães o acompanharam, esticando as pernas e balançando o rabo em expectativa do que fariam naquela manhã.

— Por qual razão eu procuraria um emprego? — indaguei. Tudo o que eu pensava era exatamente sobre o que eu já tinha de tolerar.

— Eu sou um ótimo adivinho — explicou com enfática certeza de que eu arrumaria algo mesmo sem precisar. Fiquei confuso, continuei encarando-

o, seu sorriso amarelado se despediu, desaparecendo em meio às pessoas que tomavam o calçadão.

Continuei olhando para a loja ainda fechada quando uma garota em cima de uma bicicleta amarela parou em frente. Estava tentando puxar a porta de ferro para cima quando me ofereci para ajudá-la. Ela me encarou com seus olhos grandes, castanhos, marcados por duas fundas olheiras.

— Por favor — pediu com certa relutância. O cabelo ruivo dela, cacheado, tinha uma franja desgrenhada que enrolava em cima da sua sobancelha. A forma como a luz do sol batia em seu rosto e o vestido marrom florido rodeando seu corpo magro e baixo fez com que eu sorrisse sem perceber. — Agora, se possível.

Concordei com um aceno, puxei a porta e engatei a trava, enquanto limpava as mãos sujas de graxa olhei para a loja e me deparei com a maior coincidência do destino e o fato daquele mendigo não ser nem de longe um adivinho.

O que parecia ser uma lanchonete estava repleta de queijos espalhados pela vitrine e balcões, o papel de parede amarelo tinha bolinhas brancas, e as mesas e cadeiras seguiam uma decoração

simples, mais acolhedora. Na placa, escrito em letras curvas estava *Rainha do Queijo*.

No vidro da frente, em um papel branco colado com fitas coloridas, contratava-se um atendente de meio período.

— Veio para a entrevista? — questionou-me antes de entrar. Olhei do seu rosto para a placa sem conseguir raciocinar uma resposta boa, até porque a pergunta ainda me confundia. — Bom, talvez tenha outro motivo para estar de terno — continuou. — Obrigada por me ajudar.

— Espere... — falei sem perceber. Ela virou para me encarar, surpresa, confusa. Eu apontei para a placa e balancei a cabeça em afirmação. — Eu quero fazer uma entrevista, por favor.

O que eu estava fazendo? Não tinha ideia, mas, naquele momento, eu realmente desejei o emprego com todas as minhas forças. Uma mudança. Era de que eu precisava. Poder observar aqueles olhos amendoados, era o que eu queria.



Capítulo 1

Estava inclinado a acreditar que fazia a maior merda da minha vida, afinal, eu não precisava de emprego e menos ainda entendia sobre queijos. Contudo, quanto mais olhava para o rosto surpreso da garota, mais sentia meu coração amolecer em um tom bobo que eu estava envergonhado de sentir.

— Você já trabalhou como atendente? — interrompeu meus pensamentos. Eu respondi um não, mantendo o sorriso que não queria desgrudar da minha face. — Sabe diferenciar queijos? — Fiz outro não. — Então, está no fim da faculdade procurando um emprego em uma lanchonete? Não deveria procurar um estágio?

— Como sabe que estou no fim da faculdade? — Ela deu de ombros e apontou para meu rosto. — Achei que o terno disfarçaria... — Ri de nervoso.

— Suas olheiras indicam alguém que está no fim da faculdade ou tendo um caso de alcoolismo

severo e por isso não dorme — explicou, seu rosto era marcado por uma expressão de tédio que me fazia ter certeza de que não havia nada de interessante em mim. O que era impossível, não? — Fico mais aliviada que seja a faculdade.

— Estou no oitavo período de Relações Internacionais e preciso de uma renda para me manter até encontrar um estágio ou emprego. A situação no mercado não está tão boa — menti, pois não havia motivo real para eu querer aquele emprego, exceto que me sentia atraído pela chance. — Por essa razão o emprego me é atrativo.

— Então... — começou ela, senti que iria ser descartado e me desesperei. Uma das poucas coisas que desejei fervorosamente estava diante de mim, um emprego longe do meu pai, a descoberta de outros sentimentos. Não podia perder isso.

— Você não vai perder nada me contratando! É claro que tenho muita coisa para estudar, mas lhe garanto que serei inteiramente dedicado ao trabalho e não vai lhe faltar nada que teria com outro funcionário — continuei com seriedade, tomando o passe de empresário que tenta fechar um negócio importante.

— Está certo, vamos ver como você se sai —

concordou, surpreendendo-me. Ela apontou para um avental amarelo em cima do banco atrás do balcão. — Coloque a roupa e explicarei como funciona a cozinha e o atendimento.

— Muito obrigado! Muito obrigado mesmo! Você não vai se decepcionar, vou ser o melhor funcionário que já teve aqui. — Ela deu um resmungo em concordância me fazendo perceber que estava exagerando um pouco. — Me chamo Lucas Martins. E você?

— Meu nome é Sonata Sampaio. Logo você vai conhecer meu pai, ele trabalha na cozinha comigo, mas tende a chegar atrasado. Não se assuste — contou antes de entrar pela porta da qual tinha saído com os queijos. Fiquei me perguntando com o que eu poderia me assustar?

Acompanhei seus passos, enquanto dava nó no avental, havia uma boina de bolinhas que mais parecia ter sido tirado do papel de parede do salão, mas vesti mesmo assim. Olhei para o vidro, minha figura alta e trajada em terno não conversava com aquelas roupas, sabia que meu pai enlouqueceria se me visse.

Diferente do resto, a cozinha era algo mais discreto, com aparelhos aparentemente novos,

panelas sobre as mesas e muitos, muitos queijos. E não podia deixar de me perguntar se aquele lugar atraía ratos com frequência, vi que algumas ratoeiras permaneciam armadas nos cantos, era toda a resposta de que eu precisava.

— Aqui nós trabalhamos com qualquer café que possa ser servido com preparos de queijo. Ali em cima temos alguns tipos das bebidas quentes que fazemos e dentro da geladeira também pode encontrar as outras — explicava de modo automático e rápido. Tentei acompanhar sem saber se conseguiria decorar tudo tão depressa.

— Vocês fazem pão de queijo, lanches gourmet baseado nos queijos. Algum tipo de doce? — perguntei, interrompendo-a. Ela viu que eu olhava para a assadeira rodando onde haviam vários pães sendo feitos, já podia sentir aquele aroma quente inundando meu nariz e fazendo minha fome atijar novamente.

— Compramos alguns bolos de outro lugar para garantir doces, mas existem dois que são nossa especialidade e que preparamos aqui. — Ela abriu a tampa de uma bandeja onde um bolo coberto por chocolate estava feito. Com um prato na mão, serviu-me um pedaço. — É o Romeu e Julieta.

Dei uma garfada, sentindo o gosto salgado de parmesão ser substituído pelo açúcar da goiabada, o fubá ao fundo, não reconheci alguns dos sabores, mas de todo o modo não precisava, era perfeito sem saber os ingredientes. Senti o olhar de Sonata me fuzilar, esperando que eu falasse algo que lhe agradasse. Percebi o teste no fundo daquele pedaço.

— É bem gostoso. O queijo parmesão e a goiabada, o fubá complementando... — falei, como quem entendia qualquer coisa de doces. Na verdade, eu não gostava de sobremesas, mas se era necessário para impressioná-la e manter aquela ideia absurda... — Acho que nunca comi algo igual.

— Queijo meia cura — interrompeu-me com um sorriso gentil que fez meu corpo esquentar. Fiquei confuso e olhei para o prato. — É parmesão, goiabada, fubá, queijo meia cura e açúcar. Intolerantes a glúten e lactose não podem nem passar perto. Sempre saiba o que vai dentro da receita e, ao invés de chutar, pergunte. É mais seguro.

— Entendo — respondi com vergonha. Olhando para outro bolo em cima da mesa, tentei fazer melhor dessa vez e apontei para ele, sentindo que nada poderia dar errado. — Esse é o meu

favorito: cenoura e chocolate.

Ela cortou um pedaço daquele para mim e deixou no prato, sorri como quem tinha ganhado alguns pontos, e coloquei a primeira garfada na boca. Não sabia que reação fazer porque me senti em um mar aberto, dentro de uma boia, completamente perdido quando o gosto de queijo prendeu na minha garganta.

— Esse é um bolo teste que está sendo lançado esse mês, é de queijo parmesão com cobertura de chocolate. Tem sido bem aceito — falou com um meio sorriso se erguendo na face tão redonda e sardenta. *Linda*. Não importa o que ela falasse, ainda era *linda*. — Creio que não preciso repetir sobre o fato de que é mais seguro perguntar, certo?

— É claro. Desculpe. — Voltei a ficar vermelho, sem saber se era por ter chamado minha atenção ou apenas por ter me visto perdido naqueles pontinhos laranja no seu rosto.

Quando o pai de Sonata chegou não pude deixar a minha expressão de “*Quem é esse cara?*” fluir. Ele se apresentou como Allegro, um nome que jamais ouvi falar na minha vida, mas isso era o de menos.

Calça de boca de sino num floral arrasador aos olhos, camisa branca, colete bege e um cabelo preto comprido que ia até o ombro. Sonata sem dúvida não tinha nada que fosse semelhante ao pai, ao contrário, eles eram dois opostos em tudo.

Quando Allegro colocou o avental e a boina, ficou ainda mais engraçado, era como uma propaganda ambulante de um marketing ruim, ainda assim eu sorri, fingindo que era tudo extremamente normal. Era um homem de paciência, com pés lentos, músicas sendo assoviadas e nem de longe o pai que eu tinha em casa.

— E, você estuda qual faculdade, filho? — perguntou enquanto ajeitava as bandejas com os quitutes no balcão. O cheiro que mais se sobressaía era o amargo do café e o irresistível salgado do pão de queijo, algo que me deixava louco só de ver a casquinha crocante e dourada que se quebrava na boca dos clientes em queijo puro dentro.

— Mundo da lua? Estudei lá por quatro anos — continuou em tom de brincadeira. Percebi que o tinha ignorado e pedi desculpas sinceras. — É melhor limpar a baba ou ela vai escorrer até o avental. Sonata sem dúvida faz o melhor pão de

queijo da região, ela gosta de criar novas receitas.

— E essa receita contém o quê? — Ele deu um sorriso travesso e apontou para alguém atrás de nós. Sonata estava depositando um bolo fresco com calda de goiabada por cima. — Desculpe, você me pediu para perguntar — falei instintivamente.

— Sim, eu falei isso, não tem razão para pedir desculpas. — Ela simplesmente virou as costas e entrou na cozinha me deixando a ver navios. Senti que Sonata estava preocupada com algo, o rosto evitando esboçar reação, mas sem sucesso.

— Veja bem, creme de leite ao invés do leite. Dois tipos de queijo coexistindo em uma massa e derretendo ao toque do calor. O ponto antes de assar é liso e elástico — explicava seu Allegro, fingindo puxar algo em suas mãos. — Dentro, só queijo gruyère e minas. Sem parmesão. Parece perfeito, não?

Concordei com um aceno, sentindo que ia babar novamente ao pensar no gosto que aquela receita teria na boca. Por isso a lanchonete lotou assim que o cheiro começou a sair porta afora, alguns clientes até pareciam saber exatamente quando ficavam prontos, pois vinham, pediam rapidamente algumas dúzias e voltavam ao

trabalho.

— Com licença, quero cinco pães de queijo cottage para levar — falou uma das clientes, enrubescendo ao olhar para o meu rosto. Com um sorriso e a atenção ao pedido, inseri os pães com multigrãos dentro de um saco. Ela pagou trêmula, e saiu aos risinhos com suas amigas.

Foi assim durante todo o tempo e só parou o fluxo quando já era próximo ao meio-dia. Vira e mexe alguns apareciam para almoçar qualquer lanche, mas o movimento era significativamente pequeno se comparado a antes. Allegro ajeitou o caixa e olhou para mim com seu sorriso banhado em paz.

— Você já pode ir para casa, rapaz. Fez um ótimo trabalho, nunca vi tanta mulher como hoje — falou, e eu concordei com timidez, mesmo sabendo que era visível o modo como elas olhavam para mim. Talvez fosse o terno, muito chamativo para uma lanchonete. — Devíamos usar seu rosto como Marketing na próxima vez, veja bem, o meu não faz tanto sucesso.

— Está bem, então vou falar com a Sonata e me despedir dela. Talvez ela precise de algo — interrompi aquela conversa de expor meu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Allegro concordou e voltou sua atenção a um cliente.

Dentro da cozinha, Sonata estava anotando receitas em um caderno, ela deixou o olhar cair em mim e acenou antes que eu falasse qualquer coisa. Aquela era a sua espécie de despedida? Permaneci parado na porta. Ela era tão pequena e me fazia lembrar duma mini raposa vermelha, o que fazia minha mão coçar de vontade de abraçá-la.

— Eu volto amanhã de manhã — expliquei, sem saber se estava sendo demitido, se ela tinha ou não gostado do meu serviço de hoje. No fim, me vi querendo impedir ao máximo a minha própria saída dali. — Fui do agrado?

— Ah! É isso que está esperando? — Senti como se morresse por dentro e minha alma vagasse pela cozinha. Ela era tão má e tão linda. Sonata deu um sorriso largo, fazendo seus olhos amendoados se encolherem atrás das bochechas. — Até amanhã às 7 horas, Lucas.

Eu não era cardíaco, mas sentia que deveria procurar um médico logo ou morreria um pouco todas às vezes que ela sorrisse para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 2

A *Braincoff* era um grande bloco reto de dez andares com vidros espelhados em toda a sua extensão, algo de que eu não me dava conta antes, mas era extremamente irritante graças ao sol sendo refletido.

Sim, eu havia dito que precisava passar pela universidade antes de ir ao escritório, mas com os últimos acontecimentos e a perda da manhã, não tinha mais tempo de ir até lá e comparecer à reunião. Ah! A reunião com os acionistas. O que diabos esse dia está querendo ao me fazer ter tantas coisas no caminho?

Suspirei, a cabeça pendendo para um lado enquanto as pessoas me olhavam de esguelha, rindo de minhas expressões fúnebres. Não reparei quando Carlos parou ao meu lado e entortou a cabeça para ver em que, ele acreditava, eu estava interessado.

— É realmente irritante esse sol no rosto —
PERIGOSAS ACHERON

concordou, voltando ao normal. Domingues era meu secretário, confiante, melhor amigo, pessoa capaz de entender meus sentimentos acima de tudo. Em outras palavras, eu o amava. — Você parece que vai assumir o inferno hoje...

— E eu serei o novo capeta — concluí me ajeitando. Domingues era loiro, magro, mas não esquelético, dava para ver o pouco dos músculos que ele cultivava só pela camisa lhe apertando os braços. — Trocou de óculos?

— Faz uma semana, Lucas. — Fiz um aceno de desculpas e passei pela porta automática. No corredor do térreo, várias imagens de meu pai e os negócios mais lucrativos que ele havia fechado nos últimos tempos adornavam a parede. Bom, ele não era vaidoso, só adorava repetir que quem não se valoriza, não vale à pena. — Você tem prova hoje?

— Sim, mas já me esqueci de qualquer coisa relacionada a isso. — Entramos em um dos elevadores e subimos até o nono andar, onde ficava meu escritório. Uma sala ampla virada para a rua movimentada, nada fora do lugar, parecia com os modelos que vemos em encartes de lojas.

— Talvez devesse estudar mais um pouco, a reunião vai ser só às 15h, você teria tempo para

tirar algumas notas sobre isso. — Fiquei olhando para Carlos da cadeira, ele não sabia, mas eu realmente estava em um dilema pior que aquele. Em algum momento na loja de queijos, tive a ideia de que aquele fosse exatamente o meu lugar.

— Quais as chances de eu me recusar a trabalhar como *CEO*, Carlos? — perguntei, fazendo Domingues se surpreender e remexer nos óculos, algo que sempre fazia quando ficava nervoso.

— Acredito que nenhuma, Lucas. Seu pai jamais vai permitir — respondeu sem piedade. Aproximando-se da mesa, Carlos se sentou esperando que eu falasse sobre o que estava acontecendo.

— Tem um lugar que eu gostaria de trabalhar antes de assumir qualquer coisa aqui — falei com sinceridade, Domingues fez uma confirmação com a cabeça. — Descobri só agora que não sei ao certo se escolhi essa profissão por querer ou pelo meu pai.

— Esse trabalho é lucrativo? — Pensei em Sonata e sua lojinha de queijos. Era lucrativo para alguém que não tinha um império montado em suas costas. — Então, é comprável? Pois, conhecendo o senhor seu pai, dificilmente ele vai aceitar algo

assim, irá preferir comprar o lugar para ser o seu parque de diversões.

— Não! Ele não pode fazer isso e nem sequer saber onde fica — retruquei, indignado. Sonata e Allegro viviam felizes ali, criando receitas, atendendo aos clientes. Era uma vida simples, mas digna ao menos de respeito e apesar de eu pensar dessa forma, sabia que Carlos tinha razão, meu pai compraria o lugar como quem dá uma bala ao filho.

— Então, o que pretende fazer? — Dei de ombros. Como saberia? Saí de manhã de casa, conformado com o fato de que teria de assumir como CEO, mas encontrei no meio do caminho um mendigo, uma loja de queijos e a garota que só de sorrir me deixa mole. — Talvez, deva pensar um pouco sobre isso sozinho.

— Vai me apoiar em qualquer decisão? — Domingues se levantou da cadeira e antes de sair deu um aceno de confirmação. É claro que ele me apoiaria, sempre foi assim em tudo o que planejei para essa empresa, em todos os momentos que tive de dar conta do serviço aqui e dos trabalhos da faculdade. A decisão era minha.

A *Braincoff* era tão abarrotada de serviço que ali ninguém olhava para os lados por medo de

perder um minuto precioso. Certa vez, meu pai desejou construir, no pátio do prédio, lanchonetes, caixas de banco e centros recreativos para os funcionários se sentirem menos propícios a deixar a empresa, sua ideia parou no restaurante por falta de espaço.

Quando quinze horas se aproximava, ajeitei a gravata no reflexo do computador. Era de se esperar que eu tivesse uma decisão tomada, mas eu não era bom com escolhas, elas sempre me pareciam torturantes. Afinal, por qual razão eu era obrigado a ver um único caminho? Eu daria conta dos dois. Tinha certeza de que aguentaria.

— Vou lhe acompanhar, Lucas — falou Carlos, entrando na sala depois de duas batidas na porta. Ele viu meu rosto pálido e deu um meio sorriso. — Não está preparado, certo? Quer que eu diga que vai se atrasar?

— Não. Eu estou pronto — respondi sem acreditar nas palavras. Deixei o escritório com Carlos atrás de mim, estava olhando o celular e comparando com a agenda que carregava na mão. Subimos pelo elevador até o último andar, lugar onde ficava a sala de reunião e também a do meu pai.

A mesa longa era composta por doze cadeiras, cinco em cada lado, duas nas pontas. Alice, secretária do meu pai, uma mulher loura nos recebeu dando um olhar simpático para Carlos que retribuiu com cortesia antes de baixar a cabeça ao me ver.

— Quando você ia me contar? — indaguei. Carlos fez um aceno sem graça e assumiu a posição atrás da minha cadeira, uma das pontas. Estávamos esperando os acionistas quando o café chegou e eu me servi.

Mão trêmula, coração batendo a mil, tudo o que eu precisava era de mais cafeína na veia. Deixei-me ser conduzido pelo aroma e todas às vezes que alguns dos acionistas chegavam eu lhes oferecia café para não me sentir isolado. Eu me sentia como um político comprando voto, mas na verdade, eu estava só tentando ocultar o medo estampado na face.

Meu pai chegou e me encarou do outro lado, sorrindo de forma dura, uma tentativa de dizer que estava feliz por eu estar ali. Baixei a cabeça com medo de que ele soubesse o que eu estava tramando. Quando começou a falar sobre seus projetos para os acionistas, só consegui me manter

com os olhos pregados no bloco de anotações.

Senti o respirar preocupado de Carlos atrás de mim, o que me deixava ainda mais nervoso. Se eu fosse uma avestruz, colocar a cabeça em um buraco e esperar aquilo acabar não seria uma opção tão ruim. Por falta de capacidade, apenas continuei fingindo ouvir.

— Gostaria de pedir que recebam e auxiliem meu filho, Lucas da Fonseca Cavalcanti como seu novo *CEO*. — Percebi que todos me olhavam com sorrisos desdenhosos, outros até simpáticos, pessoas que queriam agradar os acionistas majoritários a qualquer custo. — Levante-se, Lucas. Não se acanhe, dê algumas palavras.

Fiz o que meu pai pediu, me ergui da cadeira deixando a caneta ao lado do bloco de notas, ajeitei meu terno sabendo que não precisava e respirei fundo, acreditando que eu tinha capacidade de impor o que desejava para o futuro ou ao menos falar sobre a dúvida em gerir uma empresa tão grande.

— Primeiramente, quero agradecer aos presentes, pois sei que todos tiveram de tirar um tempo da sua agenda para comparecer essa reunião. — comecei em tom formal, a garganta secando

conforme o tempo passava. — A *Braincoff* merece um *CEO* que atinja as expectativas, que inove constantemente o trabalho para se adequar ao mercado de hoje, alguém que seja como o fundador João Honório da Fonseca Cavalcanti.

Alguém pigarreou por causa da minha total falta de humildade, o que de fato eu não tinha nem de longe, mas que naquele momento, estava sendo completamente sincero. *Braincoff* precisava de uma pessoa capaz de conduzi-la ou ao menos ter certeza de que o faria com a paixão que João fez.

— É por essa razão que lhes digo, com toda a certeza, eu não sou a pessoa capaz de fazer isso. — Os acionistas olhavam uns para os outros, depois viram a face do meu pai empalidecer. — Estou aqui, diante de vocês para lhes dizer que aceito permanecer na empresa e que desejo fazer parte do futuro da *Braincoff*, mas não como seu *CEO*.

— Do que está falando?! — berrou meu pai, batendo o punho contra a mesa. — Ficou louco? Você é meu filho, é o melhor para essa empresa!

— Eu discordo, meu pai. Nesse momento, ainda sou um estudante que não tem uma noção clara de mercado ou experiência capaz de trazer lucros para a empresa. Dessa forma — fiz uma

pausa, sentindo que a tensão penetrava em cada lugar da sala — não me vejo no cargo.

Meu pai ia retrucar quando um dos acionistas, o mais velho, conhecido por ser a voz da razão em momentos de tensão, bateu a sua muleta no piso e removeu algo entre os lábios que eu suspeitava ser a pele da boca, mas que preferia fingir não ver, evitando náuseas desnecessárias.

— Um líder incapaz de acreditar em si mesmo, só vai levar à ruína toda e qualquer construção. — O velho olhou para mim e fez um aceno. — Faremos então dessa forma. João continuará como *CEO* até a conclusão da faculdade do filho, em seguida nos reuniremos aqui e novamente escutaremos o que você tem a dizer. Positivo ou não.

Senti um alívio estranho no peito, ainda que meu pai continuasse a me fuzilar de ódio. Ele sabia, pelo resmungar dos acionistas, que todos estavam com o velho e que, portanto, era uma briga que não valia à pena já que o resultado estava claro. Ele perderia a razão e a confiança das pessoas que acreditavam em sua regência como algo seguro.

O problema é que da porta afora, ele não era mais o diretor da *Braincoff*, mas um pai que dava a

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza de não perdoar o filho quando o mesmo estragou seus planos. Uma tempestade se formou do lado de fora, escurecendo a sala e qualquer ideia do que eu poderia esperar em casa.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 3

Meu pai tinha desaparecido desde a reunião e eu que achava que ele viria falar imediatamente comigo, fiquei esperando no escritório em vão. Carlos me lembrou de que eu precisava ir para a faculdade, então me deu conta de que era verdade, eu já estava atrasado demais para ir a pé. Sabendo disso, ele pegou as chaves do próprio carro e fez sinal.

Segui-o sabendo que todos na empresa me encaravam, afinal, uma notícia como aquela não ficaria em quatro paredes por muito tempo. Se me julgavam como alguém consciente ou simplesmente louco, eu não sabia dizer só pelos seus olhares e murmúrios dos colegas. Teria de ficar cego para essa questão.

Ser um estudante era cansativo, sentia que as forças sempre eram exauridas com o mínimo que eu fazia. Estava tentando ser o destaque da turma, PERIGOSAS ACHERON

lutando para conseguir boas notas, caprichando nos trabalhos, entretanto, parecia sempre estar sendo movido para longe desse objetivo.

Todas às vezes pontuei apenas o mínimo nas provas e trabalhos, minhas apresentações eram tão ruins que eu tinha vergonha de assumir que havia me preparado com uma semana de antecedência, preferia ouvir o professor dizer que eu precisava parar de fazer tudo na última hora.

Carlos estacionou o carro, não falou nada sobre o ocorrido na reunião, talvez quisesse que eu me sentisse confortável ou ao menos inclinado a falar qualquer coisa sobre o assunto. Bom, eu não estava com cabeça para isso, realmente, preferia ficar quieto com minhas dúvidas sobre o que escolhi. Trocar a diretoria para ficar em uma loja de queijo.

— Tenha uma boa aula. — Concordei com o que ele falou, ainda sem acreditar que teria qualquer chance de ter algo capaz de melhorar minha face depois da reunião.

Tinha de caminhar uma longa estrada até a guarita e de lá mais alguns minutos até chegar ao primeiro bloco. Ao todo, eu sempre levava quinze minutos para atravessar as construções e ir até onde

a biblioteca estava, em geral, mais ou menos esse tempo para me dirigir a qualquer outra sala de aula marcada no calendário.

Precisava de um café para dar conta de tudo aquilo. Decidi ir até a cafeteria primeiro, quando me deparei com Maurílio, meu melhor amigo, um rapaz alto do estilo *fitness* que podia ser desejado por qualquer garota devido a solenidade com o qual trabalhava seu 8º período. Sempre me perguntei como ele escondia as olheiras tão bem?

— Olha quem vem lá, se não é o Cidade Alta. Como vai amigo? — Maurílio me chamava assim devido ao bairro em que eu morava, uma forma de relembrar a diferença entre nós dois e o resto da turma. Algo desnecessário. — Está atrasado, aconteceu algo de diferente?

— Você já deve saber, seu pai é um dos acionistas. — Ele deu de ombros. — Prefiro não falar sobre isso agora, podemos pular essa parte? Estudou para a prova? — indaguei, sem paciência para o sorriso debochado dele.

— Estudar para a prova? Sabe que não é necessário. Você que é muito cabeça quente e fica se preocupando à toa com os resultados. — Maurílio preferia que a água batesse em sua bunda

para se preocupar e isso, inacreditavelmente, dava resultados bons para ele. — Vai pegar um café? Eu vou com você.

Meu amigo voltou a descer as escadas falando sobre o campeonato de tênis que teria logo e ao qual gostaria muito que eu comparecesse para prestigiá-lo. Quando eu disse que sim, lembrei que eu não sabia nem se estaria vivo quando chegasse em casa.

— Ah, sim. Vou te contar algo, mas preciso que fique entre nós. — Ele fez que sim. — De verdade, ninguém pode saber. O motivo de eu ter pedido um tempo também é sobre isso.

— Apenas diga logo! Eu nunca te dedurei mesmo nossos pais sendo amigos, vai lá, se abre para o velho aqui — falou em tom de brincadeira. Sorri sem achar graça. Ele não sabia como eu estava morto.

— Consegui um emprego — contei, trazendo surpresa para o rosto de Maurílio. Parei em frente à cafeteria e pedi o maior copo para um café preto forte. — Estou trabalhando em uma loja de queijos no calçadão.

— Foi por isso que não aceitou a diretoria? Está louco, cara? — esbravejou repentinamente. Eu

concordei, talvez estivesse louco, mas era essa loucura que continuava a me fazer sentir que estava certo. — Por qual razão?

— Só quero algo diferente. Sempre foi o que meu pai queria, pensei em tentar algo e ver o que acontecia. Não espero que você entenda. — Peguei o café e paguei antes de me virar, Maurílio tocou no meu braço. — Já ouvi muito da minha própria consciência, vamos pular essa parte de sermão?

— Não ia te dar sermão, cara. Quero saber qual o nome do lugar onde você decidiu trabalhar. — Fiquei receoso com aquele pedido, Maurílio percebeu e bufou. — Já disse que não vou contar nada. Confia em mim?

— Estou trabalhando na *Rainha do Queijo*. — Ele estralou os dedos como se lembrasse de algo. — O que foi? Você conhece? Não parece o tipo de lugar que frequentaria, ainda mais com sua intolerância para leite.

— Nossa colega de classe é a dona de lá. Eu ouvi ela falando com a Catarina sobre alguma receita que criou — contou, sem saber a surpresa que isso me causou.

— Nossa colega? — Senti o café queimar minha garganta quando engoli sem pensar. — De

quem está falando? Sonata? Ela estuda conosco?

— Você não a reconheceu? Estudamos juntos desde o primeiro período! Lucas, precisa ser mais atento, ninguém gosta de ser esquecido. — Concordei, sentindo que morria por dentro. Será que ela tinha me reconhecido? Como eu poderia encará-la depois de simplesmente ignorar sua existência nesses quatro anos?

E, principalmente, por qual razão fiquei tão feliz que mal conseguia parar de sorrir? Deixei Maurílio para trás enquanto corria na direção da sala, esperava encontrá-la sentada próxima a minha cadeira, o seu rosto redondo me olhar e sorrir da mesma forma que mais cedo. Quem sabe até falar que me reconheceu e por isso aceitou.

Minha expectativa foi atendida parcialmente. Sonata já estava na sala, ela me encarou graças ao barulho que eu fiz ao abrir a porta. Seus olhos amendoados me encararam com uma surpresa que doeu mais que mil facadas.

Quanto mais eu me aproximava, mais tinha certeza de que preferia estar congelando em algum lugar da Antártida. Parei na sua frente, sorri da melhor forma que pude, o que não era difícil ao ver seu rosto de lua tão perfeito.

— Surpresa! — foi tudo o que consegui dizer. Falei alto, então grande parte dos estudantes da sala riu, senti que Maurílio também me observava soltando gargalhadas. Resolvi mentir. — Eu, quero dizer, achei que tinha sido o único que te reconheceu na loja, porém você também deve ter lembrado meu rosto.

— Na verdade, eu não sabia que estudávamos juntos. Quando você me falou achei que estudava Relações Internacionais, bem, imaginei que era em outra faculdade já que não te reconheci. — Sua resposta foi doce, mansa, sincera e extremamente dolorida. — Mas fico feliz que estamos estudando juntos, assim poderemos nos ajudar mais.

— E não é mesmo? Podemos fazer grupo de estudos quando estivermos com tempo na loja — concordei, entusiasmado. Maurílio chegou perto de mim com seu sorriso entre o deboche e a diversão. Sonata instantaneamente ficou vermelha.

— Lucas deve ser desajeitado no trabalho, não é? Mas tenha paciência que logo ele pega no tranco — brincou, deixando-me irritado. Sonata confirmou com um aceno, percebi que ela tentou falar algo, mas gaguejou tão baixo que se perdeu na conversa dos demais estudantes. — Qualquer dia

eu vou lá em sua lanchonete, quero ver o que tem de bom lá.

— Só lactose! — interrompi, eufórico, surpreendendo ambos. — São bolos e pães de queijo. Tem um com fubá, queijo meia cura, açúcar, parmesão. Intolerantes não podem nem passar perto, sinto muito, Maurílio.

— Mas a Sonata é uma boa menina, ela com certeza vai fazer algo que eu possa comer — retrucou com seu sorriso de hiena querendo dar o bote. Sonata concordou com acenos fortes e “sim” repetidos. — Viu só? Não tem motivos para se preocupar com a minha intolerância, Lucas. Bom, foi legal falar com você, Sonata.

Maurílio nos deixou sozinhos para procurar uma mesa vaga, senti que o esganaria ali mesmo se tivesse a chance. Virei para falar com Sonata e pedir desculpas pela folga de meu amigo, mas ela já não me olhava mais, ao contrário, seu rosto estava completamente virado, encarando outra pessoa com olhos brilhando tanto quanto bolinhas de gude.

— Eu... — tentei, sem conseguir formular uma palavra sequer. Ela não apenas estava interessada em alguém, Sonata parecia ver Maurílio como um

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus Grego de um metro e oitenta do tipo competidor em olimpíadas, colecionador de medalhas e com a piroca maior que um bastão de beisebol.

— Podemos nos encontrar para estudar, Lucas — falou repentinamente, me tirando do devaneio. Eu sorri em concordância, recebendo em troca algo parecido com alegria.

— Sim! Claro! Quem sabe nos encontrarmos no final de semana. Conheço alguns lugares legais que você vai perceber, são perfeitos para os estudos — contei, já imaginando onde eu poderia levar Sonata, quais lugares ela gostaria de conhecer, encontros que eu pudesse providenciar nesse meio tempo. Até imagino eu e ela na praia...

— Leve seu amigo também, soube que ele tem ótimas notas. Será de muita ajuda — continuou, sabendo que eu estava me distraíndo com algo. Por qual razão ela tinha de me lembrar de Maurílio.

E, que papo é esse de ótimas notas? Eu estava perdido, não tinha como competir com aquilo. Eu estava trabalhando em uma loja de queijos, estudando numa faculdade da qual não sabia se gostava, rejeitando o cargo de diretoria da *Braincoff*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, pior! Perdendo a garota pela qual eu tinha me interessado depois de muito tempo para meu amigo que não era nem de longe aplicado! Faltava me dar uma dor de barriga destruidora ou a pior chuva do mundo para fazer daquele dia pior do que já estava.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 4

Quando entreguei a prova, minhas mãos tremiam. Deixei a cabeça cair contra a mesa, suspirando o meu fracasso iminente em mais uma rodada. Maurílio já havia saído da sala graças ao seu desempenho rápido em resolver as questões, tinha o sorriso de orelha a orelha e recebeu aplausos dos demais estudantes que ainda penavam.

Ele era legal com a turma, ainda que boçal pelo dinheiro no bolso, nunca senti inveja dele, na verdade eu sempre pensei que era pela minha incapacidade de me conversar que não atingia o mesmo patamar de Maurílio. Ele adorava fingir estar interessado em uma conversa, enquanto minha face esbanjava preguiça.

Olhei para Sonata, ela também estava com uma cara péssima, o cabelo bagunçado estava pior devido aos dedos que se embrenhavam em

desespero para achar alguma resposta para a pergunta que tinha empacado. Mesmo naquela forma dramática, ela continuava parecendo uma pelúcia de tão pequena.

Não conseguia deixar de admirá-la e só soube que estava sendo constrangedor quando o professor se abaixou para encarar o meu rosto e tirar o foco de Sonata. Sorri sem saber se era o certo para a situação, peguei a mochila e deixei a sala sentindo o rosto arder. Maurílio estava esperando do lado de fora e passou o braço pelo meu ombro.

— E, então? Como foi sua prova? — indagou, por falta de palavras para descrever a merda que foi, apenas deixei-me murchar. Maurílio entendeu aquilo exatamente como devia e deu dois tapas nas minhas costas. — Vamos beber no bar um pouco para passar essa frustração.

— Não vai dar. Preciso saber se ainda tenho um lugar para dormir — respondi, lembrando o fato de que eu não tinha ido para casa ainda e que meu pai provavelmente não permaneceu com as garras guardadas. Eu teria algo me esperando. — Alguém liga para avisar do meu funeral.

— Acha que vai ser tão dramático assim? Você não deixou a empresa, só pediu um tempo,

não é? Seu pai não vai trocar os pés pelas mãos só por causa disso, relaxa — tentou.

Ele realmente não sabia de quem estava falando. Uma coisa que meu pai odeia é qualquer tipo de desobediência. Até posso imaginar ele num asilo com fraldas geriátricas dizendo para a enfermeira que ele prefere os remédios às 6h e não às 18h, tudo para ser do jeito dele.

Depois disso me despedi de Maurílio e não olhei mais para trás, minha atenção já tinha sido tomada pela bicicleta amarela de Sonata destacando-se. Ela estava em cima daquele negócio quando nos conhecemos, era engraçado, mas combinava perfeitamente com as cores da loja de queijos.

— Como se saiu na prova, Lucas? — indagou a garota me pegando em flagrante. Virei para fingir que estava apenas distraído e não encarando apaixonadamente uma bicicleta.

— Eu fui bem e você? — Ela fez uma careta e colocou a mochila dentro do cesto trançado da bicicleta. — Vamos ter outra oportunidade. Essa não é a última prova da matéria, acredito.

— Talvez — concordou, voltando a me encarar enquanto prendia o cabelo. — Você vai de

ônibus, Lucas? Ou tem carro?

— Não, eu prefiro caminhar até em casa — contei. Não queria que Sonata soubesse o quão fracassado eu era ao ponto de odiar coisas fechadas que se movem, além, obviamente da minha falta de equilíbrio para outros veículos de duas rodas. — Nos vemos amanhã?

— Não quer uma carona? Você pode me levar de bicicleta até sua casa e eu sigo o caminho depois. — Neguei veemente ao ponto de quase separar a cabeça do pescoço. Tudo o que eu não podia era permitir que Sonata visse onde eu morava. Se eu sabia ou não andar com aquele monstro amarelo, era o que menos me preocupava.

— Tenho de ir para outro lugar, é fora de mão. Não se preocupe comigo e siga seu caminho — respondi com um sorriso forçado, temendo que ela voltasse a insistir, o que não veio a acontecer.

Sonata se despediu de mim com um aceno e pedalou para a saída. Respirei aliviado e, ao mesmo tempo, tristonho por vê-la partir sem ter a chance de adiar mais esse momento. Tomei o rumo, cabisbaixo, mal vi as lojas passarem e as pessoas que caminhavam em direção oposta, até que cheguei ao prédio.

Assim que abri a porta encontrei um porteiro assustado, com vergonha do que parecia precisar me dizer sem saber se devia. Esperei que o homem desembuchasse quando ele preferiu colocar apenas as sacolas de lixo aos meus pés.

— Seu pai, bom, pediu que eu lhe entregasse suas roupas e que dissesse para não voltar mais aqui. — Fiquei surpreso e voltei a encarar o saco. Minhas roupas estavam jogadas naquilo? — Ele também pediu para avisar que trocou a senha do apartamento e você não vai conseguir entrar mesmo que tente. Me desculpe, rapaz.

— Tudo bem — concordei, ainda incrédulo com o que via. Peguei as sacolas na mão e fui ajudado pelo porteiro, do qual eu nem sabia o nome, a voltar para a rua fria. — Sabe qual é a previsão do tempo para a madrugada?

— Chuva — respondeu com relutância em me dizer a verdade. Bom, o céu já fazia o favor de deixar claro através dos relâmpagos que não seria nada amistoso. — Quer que eu peça um taxi?

— Não é preciso, vou andando. — Deixei o prédio, arrastando as duas sacolas pela calçada. Se eu falasse que meu plano inicial não era ir até a loja de queijos, estaria mentindo. Afinal, o que eu faria

PERIGOSAS NACIONAIS

lá exceto dar com a cara na porta fechada? Nem chave eu tinha ainda. Tive de descartar essa opção.

Maurílio era meu amigo e não negaria teto, contudo, ele morava com os pais que eram amigos do meu pai resultando em portas fechadas na minha cara ao primeiro sinal de briga entre os familiares.

Minha mãe? Bom, eu tinha o telefone dela, mas nosso contato era tão ruim que nem valia à pena tentar convencê-la a me passar seu endereço. Veja bem, ela gostava de ignorar minha existência e se concentrar nos meus meio-irmão mais novos, fruto de um caso que não deu certo há dois anos.

Informações vindas de uma fonte confiável, minha avó que morava na mesma casa e para seu entusiasmo, conseguia fazer fofoca sobre tudo o que sua filha, considerada louca por ter abandonado um homem rico, decidia fazer com seu livre arbítrio sexual.

No fim, cheguei ao único lugar que me restou, um pequeno apartamento sem porteiro ou qualquer segurança, cujas escadas eram sujas e as paredes descascadas. Por qual razão ele vivia ali, só Deus sabia, afinal, o salário de secretário não era ruim e poderia garantir ao menos um calção bom para investir em teto melhor.

PERIGOSAS ACHERON

Quando bati na porta, uma mulher estava, ao que parecia, espancando o filho no apartamento da frente por deixar farelo de bolacha no sofá que ela tinha aspirado. Carlos abriu a porta, me encarou de cima abaixo sem manifestar surpresa e deu espaço para que eu entrasse. Arrastei tudo o que tinha para um cubículo de sala com cozinha que fedia a café.

— Ahm, posso ficar aqui? — indaguei, ele fechou a porta e concordou com um aceno apontando para o sofá de dois lugares, onde, provavelmente, só caberia Sonata esticada. — Eu me sentiria melhor na cama, você não tem cama?

— É esse sofá ou a rua, pode escolher — retrucou, servindo uma xícara de café frio e esquentando no micro-ondas. Olhei novamente para aquele pau velho de sofá e concordei, sem chance de lutar por algo melhor.

— Prefiro o sofá — comentei, jogando o travesseiro no sofá e ajeitando os sacos de lixo em um canto entre a estante de livros e a porta. — Não está surpreso com a minha vinda...

— Como eu poderia? Seu melhor amigo é filho de uma família influenciada pelo diretor. Sua mãe não quer lhe ver nem pintado de ouro e duvido que seu novo trabalho tenha lhe dado as chaves no

primeiro dia — concluiu seu raciocínio. Fiz uma careta. Carlos era bom em tudo, mas principalmente em visualizar cenários.

— É por isso que eu te amo. Seu trabalho de reconhecimento é impecável e não me sinto propenso a fazer merda quando você está perto para me aconselhar. — Ele me entregou a xícara de café e sentou-se em um dos lados do sofá. — Segurança que chama?

— Você está na merda nesse momento, ainda que dentro da minha casa e com meu conselho. — Concordei com ele, cabisbaixo. — Além do mais, fazer merda é relativo para quem se importa. Para seu pai, você fez uma merda gigante, mas, para mim, sua decisão foi o primeiro passo de autoconhecimento.

— Carlos, eu já te falei que te amo hoje? — Ele fez que sim com a cabeça. — Espero que minha decisão não lhe prejudique amanhã. Ficaria realmente triste, ainda mais por saber que você vai continuar nessa espelunca.

— Eu gosto do que você chama de espelunca — retrucou sem deixar qualquer rastro de irritado. Carlos era sempre calmo e isso era difícil de encontrar na barbárie de hoje em dia.

— Como alguém pode gostar disso? — Vi que ele me encarou com as sobrancelhas juntas, então decidi rir e fingir que meu pensamento alto foi mais uma brincadeira. Contudo, eu realmente esperava que ele encontrasse uma parceira logo, mas, considerando o apartamento em que vivia, a possibilidade me parecia mínima.

— Vá dormir! — mandou, como se soubesse o que eu estava pensando.

— Ah, sim! Tenho que acordar cedo amanhã para meu segundo dia de trabalho — concordei ao lembrar que agora era diferente da empresa do meu pai. Antes eu podia chegar a qualquer hora, agora, precisava estar lá o quanto antes. — Acha que meu pai não vai me perdoar?

— Você é filho único e herdeiro dele, seu pai jamais vai permitir que outra pessoa sente na cadeira da empresa que ele criou. Nisso você pode apostar. — Carlos pegou a xícara da minha mão e me deixou sozinho na sala. Tinha um quarto ao lado do banheiro que mal pude visualizar quando ele fechou a porta.

Não me senti aliviado pelas palavras finais dele, pois era fato que João jamais permitiria o meu abandono completo da empresa. Me mandar

embora de casa foi na verdade a ideia que teve para me dar uma lição e me ver voltar feito cão com o rabo entre as pernas. O que eu tinha certeza, não iria acontecer. Iria ser forte, eu precisava ser.

— Só queria um colchão — murmurei baixinho quando o vizinho de cima começou a tocar guitarra e o sofá endureceu ainda mais. A primeira noite na pobreza me ensinaria que o dinheiro tem valor, principalmente quando se trata de uma cama, um chuveiro e panelas *FlavorStone*.



Capítulo 5

Acordei com alguém passando aspirador às 6 da manhã. Recusei-me a abrir os olhos por mais dez minutos, mas tornou-se impraticável quando Carlos entrou na cozinha e, batendo as louças, preparou um café da manhã. Levantei sentindo que meu cóccix tinha se deslocado de tanta dor que senti.

— Dormiu bem? — A pior pergunta que ele poderia ter feito naquela manhã. Eu jamais dormiria bem em uma taboa forrada com tecido vagabundo e sem qualquer espuma para aliviar. Ainda assim, respondi com um aceno de mão. — Estou fazendo café, talvez queira tomar logo para não se atrasar.

— Me atrasar para o quê? — indaguei, quando lembrei da *Rainha do Queijo* e do fato de eu estar trabalhando em uma loja que abre as 8 horas da

manhã em ponto. Era meu relógio biológico apitando o atraso do qual não teria como escapar.

Saí aos tropeços do sofá, peguei a primeira roupa que vi dentro do saco de lixo e me tranquei no banheiro. Fiz tudo o que precisava em cinco minutos, tomando o café quente pedindo desculpas para a minha garganta por mais uma vez estar fazendo-a sofrer e saí dando um tchau qualquer para Lucas.

Corri por duas quadras, era o máximo que meu talento nato para esportes conseguia. Tive de caminhar o resto a passos largos, enquanto a panturrilha latejada inconformada com minha total falta de respeito. Só parei para lhe dar atenção quando a câibra fez questão de surgir e me balear com a maldita dor.

Demorei mais tempo para me recuperar do que tudo o que fiz antes de sair da casa de Carlos. No fim, cheguei quando a *Rainha do Queijo* já estava com as portas abertas, mas sem qualquer cliente à espera.

Encontrei Sonata preparando os quitutes que iam para a vitrine, ela estava com uma calça *capri* cor de diarreia e uma blusa floral amarela que, me parecia, era toda a cor que seu guarda-roupa tinha.

Em todo o caso, mesmo fantasiada de uma idosa, ela era o fogo que eu gostava de apreciar.

— Desculpe, estou atrasado. Tive um contratempo... — menti, esperando que ela me perdoasse por aquele primeiro vacilo. Sonata olhou no seu relógio de pulso e sorriu como quem achava graça.

— 6:59. Está dentro! — falou com espontaneidade, o que me deixou sem reação. — Você tem seis minutos de tolerância para amanhã. Não esquece! Cinco por semana mais o que você conseguir se adiantar.

— Não está brava, então? — Ela negou e passou alguns pães de queijo, peguei para experimentá-los, mas me deparei com a massa ressecada, provavelmente do dia anterior. — Está gostoso ainda.

— Não precisa mentir, Lucas. Um pão de queijo nunca é o mesmo depois de uma hora longe do forno. Perde a crosta, esfria na maior parte e até mesmo o gosto do queijo muda — explicou, pegando um para si e comendo. — Mas, bom, é melhor do que jogar fora.

Alguém já havia dito para esse *ser humano* que era perfeito? Pois eu precisaria falar mais de

uma vez por dia para conseguir destacar o que eu sentia ao ouvi-la falar sobre as coisas de que gostava. Bom, quase isso, eu acabaria por descobrir que havia uma única coisa da qual eu odiava ter de ouvir.

Começamos o trabalho naquele dia com pouco movimento, Allegro disse que era devido ao frio e que, mesmo com o pão de queijo fresco do outro lado da rua, sair se tornava impraticável. Ele me contou que preferia momentos como aquele, quando os poucos que vinham estavam sem pressa e degustavam o que compravam com calma.

— Acha que isso faz diferença? — Ele confirmou. Fazia toda a diferença para quem cozinhava. Sonata não estava ali o tempo todo, mas sempre que podia dava uma olhada para o salão, descobrindo novas reações, olhares apaixonados pela comida e o sorriso que surgia vez ou outra na boca dos fregueses. — Por qual razão ela não estudou gastronomia?

— Sabe, a *Rainha do Queijo* foi um sonho de sua mãe. Quando ela teve câncer fez um único pedido para a filha, algo que Sonata tenta de todas as formas cumprir — contou, como se falasse da história de um terceiro e não da própria. — A

mente dela está na faculdade que escolheu, mas seu coração continua preso aqui, na promessa de manter aberto.

Queria entender por qual razão Allegro agia como se não estivesse falando da própria esposa. Deixei o balcão para arrumar o depósito conforme Sonata me pediu. As caixas, ela queria que colocasse de volta nas prateleiras e me pediu desculpas várias vezes por ter tantas no chão. De acordo com ela, antes não tinha quem pudesse lhe alcançar.

Eu me senti útil ao ouvir essas palavras, de verdade. Identifiquei certa impossibilidade de dispensa dos meus serviços, então poderia continuar ao lado de Sonata sem medo. Enquanto, trabalhava freneticamente nas caixas de mantimentos não perecíveis, percebi que havia algo mais escondido entre as divisórias.

Uma espécie de quadro estava encostada na parede, coberto por tecido branco, parecia ser a única parte de todo o lugar que mantinha um grau de limpeza elevado. Se minha curiosidade virasse sorte, eu provavelmente teria ganhado todos os prêmios para os quais me inscrevi (sem necessidade). Entretanto, eu continuava

desafortunado.

Puxei a peça para mais perto e tirei o lenço que a cobria. Tudo, eu juro, eu esperava tudo menos aquilo, menos os traços de quem eu reconheceria mesmo de longe, afinal, convivi demais para ignorar o sorriso de hiena e os traços angelicais de Maurílio.

Eu não queria aceitar, mas só tinha uma justificativa para aquilo estar onde estava e ser quem era; Sonata realmente gostava do meu melhor amigo e isso fazia de mim alguém em uma zona tão fria, quanto a *friendzone*, já que nem como amigo eu podia dizer que me encaixava.

Tomei um susto quando ouvi o baque de uma caixa no chão. Próxima a mim, vendo o que eu xeretava, estava Sonata com o rosto vermelho feito um pimentão contrastando com o laranja do seu cabelo. Ela não sorria, ela não chorava, eu nem sabia se estava brava comigo. Pareceu-me incrédula nos primeiros minutos.

— Acho melhor você ir embora, Lucas — sugeriu de forma fria. Eu sabia que meu trabalho ainda não tinha acabado, então aquilo só podia significar uma coisa; Demissão. — Não precisa voltar amanhã.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, Sonata... — tentei, sendo interrompido pelo grito dela.

— Não volte mais aqui! — Fiquei perplexo encarando as lágrimas rolarem de seu rosto e o punho ao lado do corpo se fechar com força. É claro que ela tinha motivos para estar brava, eu invadi sua privacidade, contudo, acima disso estava o fato de que Maurílio era meu melhor amigo e ela também estava consciente disso.

— Eu não vou falar nada para ele. — Foi tudo o que conseguir pensar na hora ao responder, mas ela continuava chorando de soluçar, me deixando ainda pior. — Escute, Sonata, estou falando sério, eu não vou contar para ele...

— É óbvio que você vai! — retrucou, limpando as lágrimas com a manga da blusa. — É seu melhor amigo e sei que vão rir de mim no fim das contas, uma doente guardando a imagem do colega de faculdade. Quem não iria rir disso?

— Eu não vou rir disso. — Coloquei a mão nos ombros dela e me abaixei um pouco para ficar rente ao seu rosto. Sonata era realmente miúda e tinha traços de fada, uma com asas que não voavam nem perto da minha luz. — Pode não acreditar, mas eu realmente não tenho motivos para rir disso.

PERIGOSAS ACHERON

— É ridículo. Eu nem deveria estar com isso ainda, quantas vezes fiquei de jogar fora, sabendo que nem chance tenho, só estou sendo ridícula — murmurava para ela mesma, enquanto eu me sentia pior por estar diante de uma situação constrangedora. Sentia como se tivesse lido o diário de alguém, pior ainda, de uma pessoa que significava algo.

— Não é ridículo! Gostar de alguém e não ser correspondido de imediato é apenas uma situação que pode ser revertida. — Eu devia estar louco ao falar isso, nem mesmo acreditava nas minhas palavras para dar conselho a alguém, quem dirá para Sonata. — Eu vou lhe ajudar...

— Como? — perguntou-me. Eu também queria saber, como? Mas não o “como?” a que ela se referia, mas sim ao meu “como?”, o fato de ajudar alguém de quem estou a fim a ficar com outra pessoa? Isso é que era ridículo para não chamar de outra coisa.

— Vou fazer vocês dois se aproximarem. Lembra que sou o melhor amigo do Maurílio? Então, não tem chance de não dar certo — respondi positivamente, recebendo o olhar ainda cheio de lágrimas dela. — Irei te contar das coisas que ele

gosta, de lugares que frequenta. Podemos até fazer um grupo de estudos para vocês se encontrarem!

— E, você tem certeza disso? — Não, eu não tinha certeza, até porque estava entregando meu amigo de bandeja para a menina que eu gostava só para ter certeza de que ela não choraria daquela forma de novo. Um pilantra ou um trouxa? Qual dos dois? — Não faz sentido estar me ajudando. É por causa do emprego?

— Pare! Bem capaz que é por causa do emprego. Eu gosto daqui, mas sinto que você é uma menina especial a quem Maurílio deve reconhecer como uma excelente futura namorada e sou eu o cupido. — Bom, vamos parar e analisar a situação:

1. Eu não queria perder o emprego, afinal, tinha ido longe demais com meu pai e não poderia ser tudo em vão.
2. Sonata realmente era uma menina especial, eu pude ver nos dois dias em que a encontrei. No seu charme, seu sorriso e todas as outras coisas que me fizeram gostar dela, ainda que em pouco tempo.
3. Maurílio precisava reconhecer

isso, mas inicialmente, meu plano, era que se meu sentimento por Sonata se intensificasse, ele pudesse apoiar o relacionamento como uma excelente futura namorada para mim.

4. Agora ser o cupido, essa era a parte com a qual eu não contava.

Sonata aceitou, e não sei dizer se isso foi bom ou ruim. Eu sentia uma espécie de osso na garganta que não queria descer por mais que eu engolisse. Minha mente se inquietava com esse sentimento e mal pude perceber que Allegro achava que eu estava doente, pois suas palavras se tornaram apenas zumbidos no meu ouvido.

Acabei deixando a *Rainha do Queijo* entre um misto de ódio por eu ser tão idiota e pena por eu também ser um idiota.



Capítulo 6

Entrei na *Braincoff* sem sequer pensar no fato de que talvez eu não fosse bem-vindo nem ali, afinal, da minha casa já tinha sido expulso. Tudo o que rondava minha mente era a incredulidade de ter aceitado ajudar a garota, por quem eu sentia atração, a ficar com meu amigo sendo que eles nem combinavam. E, sério, não combinavam mesmo.

Maurílio era esportista, adorava balada, as mulheres passavam por ele e seus olhos brilhavam feito duas bolinhas de gude. Jamais metia uma namorada dentro de casa, pois sabia que os pais o matariam caso ela não fosse da “elite”, não que precisasse muito para convencer ele do contrário, pois Maurílio não curtia o termo “comprometido”. Não condizia com sua bíblia pessoal.

Já Sonata era doce, meiga, sensível. Tão linda e pequena. Carregava consigo um ar mandão e, eu tinha certeza, era cheia de postura fazendo-se ouvir

PERIGOSAS ACHERON

e impor. Ela era o meu tipo perfeito de mulher, que agora caminhava para as garras imundas de Maurílio e com a minha benção! Não podia acreditar na minha idiotice.

— Você não vai subir? — indagou um dos funcionários segurando a porta do elevador. Eu pedi desculpas sem jeito e entrei, meus olhos observaram o chão até que a porta de vidro do escritório desse com tudo na minha testa.

— Mas quem colocou essa porta aqui?! — esbravejei, sentindo o olhar severo de alguém que reconheci pelo perfume como sendo meu estimado pai. Virei para encará-lo feito um cão resignado.

— Esteve sempre aí. Ninguém colocou nada de diferente — retrucou em tom moderado. Queria lhe perguntar se ele me deixaria na rua por muito tempo, mas acreditei ser melhor manter meu bico fechado antes que seu temperamento, o que não era difícil, explodisse. — Vamos conversar. Entre e me sirva um café.

Fiz isso enquanto João sentava na cadeira que me pertencia e ficava à vontade, exatamente como o dono da empresa poderia. Tomou a xícara da minha mão sem olhar e bebericou o café servido antes de falar qualquer coisa, o que me deixava

ainda mais nervoso.

— O café está velho, acredito que ainda não trocaram a jarra — desculpei-me sem saber se eu tinha permissão para falar. Ele soltou um pigarro.

— Esse café foi trazido por ordem minha. — Ele fez uma pausa ao confessar aquilo. Tomou outro gole enquanto me fazia esperar. — Velho, Lucas, estou eu. Cansado, quero poder fazer mais coisas da minha lista, mas como poderia com um filho egoísta que nem o meu?

Egoísta? Eu era o único egoísta daquela situação ou meu pai simplesmente fingia não ver que toda a minha educação e sonhos pertenciam mais a sua vontade de ter o herdeiro nessa empresa do que de fato meu. Nem sequer lembro de quando *Braincoff* se tornou o único motivo para eu e ele trocarmos palavras.

— Você não sabe o que fez ontem e como me prejudicou com isso, mas o que mais me fere, Lucas, é que sua decisão está indo contra seus próprios sonhos... — continuou, deixando-me ainda mais irritado.

— Meus sonhos? Não! Seus sonhos — retruquei em resposta, surpreendendo-o. — Eu não sonho com essa empresa, mas fui obrigado a tê-la

todas as noites atormentando a minha cabeça, pai! Por sua culpa! Não ouse me dizer que eu lhe prejudiquei quando suas decisões foram todas tomadas por você mesmo e para seu benefício.

— Como ousa, seu pirralho ingrato! — Bateu com o punho na mesa fazendo a xícara de café virar com o que sobrou. — Eu lhe dei casa, comida e roupa! Você devia estar me perguntando era em como me agradecer por tudo isso e não reclamando de decisões sensatas que tomei quando você não sabia nem limpar a bunda direito.

— Então é isso? Está dizendo que a criação de um filho é uma troca futura? Pão por obediência?! — Levantei também. João ficava vermelho com facilidade e chutou um balde para longe quando me ouviu falar naquele tom. — Eu não me sinto preparado, pai, e isso é algo sobre o que jamais vou mentir. É necessário mais que um herdeiro para *Braincoff*.

— Ah, claro! Agora você vai dizer o que os acionistas falam o tempo todo? Vamos colocar um estranho no pilar pelo que eu dei a vida e o deixar ser rei sem nem sequer ter vivido nesse reinado! — João era terrível quando se tratava da própria fortuna, ele odiava pensar em alguém usando o

dinheiro que trabalhou para conseguir.

— O senhor tem que entender que um estranho preparado é melhor que um filho sem conhecimento ou amor por esse lugar. Eu nem consigo pensar se tenho algum respeito pelo que fazemos aqui, pois odeio lembrar todas as vezes que colocamos situações como prioridade só por causa do dinheiro do contratante!

— Isso são negócios! — gritou novamente. — Mas pelo jeito você tem razão, está longe de conseguir gerir essa empresa. Achei que te dar tudo era lhe manter preparado, mas não, esse foi meu erro. Essa sua decisão vai doer mais em você do que em mim.

— Está me ameaçando? Vai me deixar para fora de casa e achar que isso pode mudar minha ideia? — indaguei enquanto ele ia em direção à porta. Seu rosto enrugado pelo ódio buscou nos meus olhos a coragem para continuar e sabe-se lá como consegui fazer isso. — O senhor pode acreditar que sou fraco, mas aprendi a ser turrão com o melhor.

João bateu a porta ao sair, chacoalhando a divisa de vidro. Sentei na cadeira para retomar o fôlego, percebendo o quão trêmulo eu estava e o

que aquela afronta significava. Meu pai já sentiu raiva antes, vi várias vezes, então eu sabia que significava nada mais e nada menos que guerra. Uma que eu acreditava ter perdido assim que entrei.

— Vai ficar hospedado lá em casa por mais tempo? — perguntou Carlos entrando na sala. Deixei a cadeira girar em sua direção, sentindo a dor nas costas gritar. Ele fez um sinal negativo com o dedo, como se entendesse. — Sofá é tudo o que posso lhe oferecer. Lembre-se de que também preciso trabalhar descansado.

— O que devo fazer, então? Só posso aceitar — concordei, enrijecido pela ideia. Talvez eu pudesse falar com Sonata sobre ficar na loja, mas nem lá havia colchão e só de lembrar dela, Maurílio também pipocava na minha mente. Tantos problemas para um ser humaninho que nem eu era crueldade de Deus.

— Por que não arruma um quarto para alugar? — Meu pai provavelmente tinha cancelado os cartões essas horas, pois ele não facilitaria mesmo a minha vida fora de casa. Carlos pareceu pensar nisso também e resmungou algo antes de falar sua nova solução. — Fique comigo até próximo mês.

— E o que eu faço depois disso? — interrompi

com verdadeira curiosidade, até porque eu duvidava que iria sobreviver ao pau velho que era aquele sofá. — Durmo na soleira da porta?

— Não! Você vai receber o salário do outro emprego, lembra? — E me surpreendi ao perceber que não tinha pensado nisso também. — Não deve ser muito, mas você pode usar o valor para conseguir um quarto, enquanto eu providencio o básico para sua sobrevivência. Comida, higiene, etc.

— Acho que é a melhor ideia até o momento — concordei com a sabedoria de Carlos, que se esticou e apontou para alguns papéis na mesa. — O quê? Eu vou trabalhar aqui e ele não vai me pagar nada?

— Creio que é exatamente isso que vai acontecer e acho que ir embora só vai comprar uma briga pior do que já está. — Tentei discordar, falar algo como “estou pronto para o que der e vier”, mas Carlos ergueu a mão para me calar. — Se você parar de trabalhar aqui ele pode mandar alguém te seguir, lembre-se que é a loja que vai ficar com problema.

— Tem razão. Se eu sumir ele vai querer saber como estou conseguindo dinheiro e sem dúvida fará

o possível para destruir essa fonte. — Neguei com a cabeça. — Não posso fazer Sonata se complicar por causa disso. Eu que inventei essa guerra.

— E, receio, envolveu muita gente. — Fiquei olhando para Carlos me perguntando se aquilo era um tipo de bronca, mas ele sorriu calmamente deixando óbvio que era mais uma constatação do que rancor. — Como foi no seu novo emprego?

— Muito bem! — respondi ironicamente, chamando a atenção dele que se servia de café. — Sonata estuda comigo, isso me deixou feliz. O trabalho foi calmo hoje, isso também me deixou feliz. Não cometi qualquer gafe e isso me deixou feliz, mas encontrei a porcaria de um quadro horroroso feito para homenagear alguém que nem de longe é bonito.

— Um quadro? O que isso quer dizer? Quem seria esse homem feio? Namorado da garota? — Fiz uma careta de quem reprovava aquela última parte. Não, ele não era namorado dela, mas dependeria de eu ajudá-lo a ser.

— É de alguém que ela gosta — falei com azedume tomando conta da saliva. — Pior, é uma pessoa que conheço e, por ter xeretado, acabei prometendo ajudá-la a conquistar o seu *crush*. —

Fiz uma careta.

— Então, deixa eu ver se entendi... — Carlos me serviu com mais café e sentou-se na minha frente. — Você descobriu que a garota gosta do seu melhor amigo, só que ela acabou lhe pegando no flagra e lhe odiando por isso. É claro que com medo de perder o contato e o emprego depois de tudo, você prometeu que a ajudaria a ficar com ele.

— Basicamente. Basicamente. Conseguiu deixar bem claro o meu problema, Carlos. — Ele concordou com um aceno pensativo. — Pode dizer que sou um imbecil completo.

— Não diria isso mesmo que quisesse — brincou. — Na verdade, eu entendo o motivo de você ter feito isso e claro que era de se esperar que ela já gostasse de outra pessoa. Cogitar a falta de alguém no coração dela é o mesmo que dizer que ela não se vê como alguém boa o suficiente.

— Mas ela é boa... — eu interrompi enrubescendo, Carlos concordou. — Eu só não esperava que fosse logo alguém que eu conheço bem. Sei lá, acho que no fim vou precisar bancar o cupido, talvez seja melhor assim.

— Talvez.

Carlos me deixou sozinho na sala para assinar

PERIGOSAS NACIONAIS

os papéis em cima da mesa, quando terminei, não havia passado nem vinte minutos e o tempo parecia querer se tornar uma eternidade incômoda aos meus olhos. Antes de ajudar Sonata, eu precisava saber de algo muito importante, talvez mais para mim do que de fato para ela; o que ela gostava nele?

Estaria eu tão longe desse modelo?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 7

Saí da empresa aos tropeços quando percebi que a última meia hora passou voando, isso, claro, graças a Carlos que fez questão de me dar uma pilha de trabalho para fazer naquele curto período de tempo. Não ia me atrasar para a faculdade, eu nem sequer precisava estar correndo, mas queria muito encontrar Sonata antes do sinal tocar e fazer-lhe as devidas perguntas.

Não que eu esperasse respostas certas ou que me agradassem, mas eu tinha de ter certeza de qual era a extensão daquela paixonite antes de tentar transformar Maurílio no galã que ela acreditava que ele era. Uma fantasia bem difícil de tornar realidade, digo de passagem. Entretanto, o que eu poderia fazer se era no flamingo dele que ela tinha interesse?

Entrei na faculdade, atravessei corredores

ignorando qualquer tipo de barulho até frear em frente ao estacionamento de bicicletas e encontrar Sonata guardando o seu veículo amarelo. Sorri feito um idiota, o que, preciso admitir, era involuntário. Eu não fazia qualquer esforço, nem sentia meus lábios se abrirem, apenas sorria e a ficha caía.

Não é de mim que ela gosta. Mas bem que poderia. As pessoas não dizem que você precisa fazer uma propaganda boa para conseguir ser patrocinado? Bom, quem sabe os pontos que eu conseguiria naquela rodada de armadilhas para Maurílio? Talvez, apenas talvez, ela acabasse gostando de mim e mudando de ideia, não?

Ou só seria iludido de novo, bom, quem não arrisca não petisca.

— Oi, Sonata — cumprimentei-a. Ela sorriu, mas não como dos outros dias, talvez por ainda estar envergonhada com o fato de eu ter descoberto seu segredo. — Queria falar com você antes da aula, na verdade, quero saber sobre quando começou a gostar do Maurílio.

— Por quê? Acha que estou me iludindo? — indagou com os olhos tremulando em lágrimas. Fiz que não rapidamente. Por favor, eu não podia aguentar ela chorar novamente, era tudo o que não

conseguiria, afinal o exemplar do dia que tive também me deixava sensível para as lágrimas.

— Estou perguntando pelo fato de querer fazer o plano certinho. — Ela ficou confusa, então decidi explicar. — Bom, não dá para simplesmente você se declarar para ele, certo? Precisamos preparar uma armadilha para que ele te conheça melhor, saiba como é especial e tudo mais.

— Bom, vendo desse lado, me parece o melhor caminho. — Sonata passou os dedos pelo cabelo, mas tirei-os na mesma hora. Senti o toque suave dela e meu coração tamborilar feito um louco. Soltei sem conseguir aguentar aquele magnetismo estranho.

— Acho que você não entendeu, Sonata. A intenção não é que você mude por ele, aliás, não tem motivos para fazer isso por ninguém. A ideia é mostrar exatamente a perfeição que você é, assim... — parei por um momento. Acabei de chamá-la de *perfeição*. Eu era muito cara de pau.

— Perfeição? Você acha? — indagou com os olhos arregalados. Não parecia constrangida o que mensurava bem meu potencial de mexer com ela: nulo. — Bom, eu confio em você, Lucas. Vou lhe contar tudo. O que acha de irmos para a biblioteca?

— Isso seria ótimo! — concordei, sorrindo forçado, me sentindo, por dentro, o patinho feio dos patinhos feios, e com a certeza de que Maurílio não era dos bonitos para ter tamanha diferença assim.

Caminhamos até a biblioteca em silêncio, Sonata matutava algo que não quis compartilhar e eu fiz o mesmo. Na verdade, o que eu só conseguia pensar era na mão dela me tocando e no terrível fato de que minhas palavras como homem foram desvalorizadas como se não tivessem sido ditas com verdade. Eu era uma avestruz que precisava de um buraco.

Sentamos em uma das mesas mais afastadas para não ouvir reclamação das pessoas que estavam tentando estudar. Fiz sinal para que ela começasse a falar sobre sua paixão, mas Sonata demorou ainda um tempo para conseguir de fato se abrir. Ela estava relutante por medo ou talvez só não estivesse confortável contando sobre aquilo, esperei pacientemente.

— Na verdade, foi no mesmo ano que entramos na faculdade. Eu não conhecia muita gente, então preferia ficar reclusa. Foi o ano também que minha mãe faleceu e eu estava dividida entre estudar gastronomia e melhorar o

sonho dela ou seguir o meu. — Ela fez uma pausa, me fazendo pensar em como éramos parecidos.

No fim, a maioria dos pais interferem em nossa liberdade, seja por uma promessa no leito da morte ou pela cobrança diária em vida. Era tão difícil permitir nossas escolhas e aceitá-las mesmo sabendo que não daria certo? Para eles, falar que tinham mais experiência já lhes dava carta branca para tomar as rédeas.

— Eu gostava de fazer um lanche antes da aula na lanchonete do Pedro e, bom, foi onde conheci Maurílio pela primeira vez. Ele sentou-se à mesa que eu tinha pego, apoiou-se nos braços e sorriu. Não entendi por qual razão, então fiquei esperando... — Era bem típico dele fazer isso. Acabei revirando os olhos. — Bom, ele disse que gostava de mim?

— Como?! — perguntei, extremamente surpreso. — Ele não apenas deu em cima de você, mas ele se declarou? — Ela confirmou com a cabeça.

— Foi estranho. Ele disse: Eu gosto de você, vamos namorar. — Sonata ficou vermelha. — Era apenas a primeira semana, eu não tinha reparado nele até o momento, então como poderia reagir

diferente a situação?! Acho que por isso ele não fala mais comigo, deve ter vergonha.

— Como assim? Que tipo de reação você teve? — Ela baixou a cabeça na mesa exatamente como eu fazia quando me saía mal nas provas. Seu cabelo tinha um cheiro gostoso de lavanda, mas, por causa do trabalho na loja, era fácil destacar aquele odor de pão de queijo tão específico.

— Eu dei um tapa nele — respondeu. Minha boca só não bateu na mesa por não ser tão grande. Fiquei completamente sem palavras, e Sonata percebeu isso, pois escondeu o rosto entre as mãos. — Não sabia o que fazer! Ninguém nunca tinha se interessado por mim antes ou se declarado, perdi a noção.

— Bom, você poderia ter saído correndo ou só ficado muda. Um tapa é agressão — falei tentando rir da situação, mas extremamente chocado. — E, você gostou dele quando?

— Foi a partir daí — admitiu, ficando com o rosto da cor das sardas rosadinhas que ela tinha. Achei incrivelmente sexy, mas não podia pensar nisso no momento. — Eu comecei a percebê-lo melhor. Ficava constrangida ao ver Maurílio e então, me vi apaixonada por ele.

Era sem dúvida a história mais louca que eu já tinha escutado sobre uma paixão que começou com um tapa, mas bom, eu mal vivi romances, então, quem sabe estava só por fora da última moda. Fazer Maurílio se interessar por Sonata mais uma vez não me pareceu de fato a maior dificuldade, o que já me fazia querer rosnar.

Contudo, entretanto, fazê-lo esquecer do tapa talvez fosse difícil. Afinal, ele nunca havia compartilhado comigo o ocorrido, o que significa que tinha muita vergonha e sentia que o ego ferido já era o suficiente para ter que aguentar um amigo rindo dele. Não que eu fosse rir, se ele me falasse eu na verdade consideraria Sonata uma pessoa violenta.

Agora, quanto mais olho para a inocência e pequenez dela, mais aplaudo sua ação e digo que definitivamente é uma mulher e tanto. Pois não havia motivos para qualquer um tolerar um homem que jamais viu ou trocou uma palavra, simplesmente chegar em você e dizer que está apaixonado? Eu mesmo tomava todo o cuidado com isso.

Tudo bem que temia fracassos acima de tapas, mas sempre pensei que a garota podia me conhecer

primeiro, antes de eu falar sobre qualquer interesse. Era o que estava fazendo com Sonata, certo? Aguardando o vento soprar ao meu favor.

— Você deve me achar uma louca — murmurou, as mãos apertando as bochechas, fazendo-as ficarem ainda mais redondas.

— Na verdade, acho bem sensata. Maurílio é desse tipo mesmo, espontâneo e sem levar em conta o que o outro vai sentir no momento. Nem sei se o que estou fazendo é certo... — Ela me olhou confusa, os olhinhos pareciam sempre mais opacos quando ela sentia que não daria certo. — Digo, ele é um amigo ótimo, mas como homem...

— Obrigada por falar a verdade... — interrompeu-me. Ela sorriu como uma flor murcha e se levantou da mesa. Eu peguei novamente sua mão antes de vê-la ir embora. Estava me acostumando a tocar nela e isso era perigoso.

— Ele pode se apaixonar por você. Na verdade, eu tenho certeza disso. Ele vai. — *Assim como eu.* Queria completar. Sonata concordou. — Vou bolar algo e te falo amanhã de manhã, agora é melhor irmos para a aula.

Deixamos a biblioteca e fomos em direção à sala. Maurílio nos viu entrar e acenou empolgado,

apontando para a cadeira que ficava do lado da dele. Senti minha garganta coçar com uma risada louca para sair. *Me contive.* O que foi extremamente difícil. Éramos amigos, está bem? Muito, inclusive. Contudo, a amizade nem sempre se resume a companheirismo. O melhor amigo só é aquele que abre a porta da geladeira na sua casa, caga e pede papel higiênico abrindo a fresta da porta e zoa de você por qualquer coisa que realmente valha à pena.

E, convenhamos, eu estava no direito de ao menos me divertir com a desgraça dele no passado, enquanto planejava a minha própria queda para o futuro. Até deixei a mão cair no braço dele e o sorriso se abrir dizendo, só pela minha expressão, que eu sabia de sua vergonha alheia.

Se ele entendeu isso, não deixou transparecer. O que é uma pena, perdi a chance de maximizar o deboche, agora, mesmo que eu dissesse algo, ainda não seria no calor do momento e a piada morre se leva muito tempo para ser contada.

Quando a professora chegou, tomei meu lugar e fiquei espiando Sonata estudar. Eu tinha sorte de tê-la conhecido, mesmo que até o momento só tivesse encontrado o azar. Sabe quando se olha para

alguém e pensa: *Essa pessoa vai mudar a minha vida?*

Então, talvez seja o momento de ignorar esse sentimento, pois nem toda mudança passa por caminhos positivos. E, não vou negar que os percalços que eu teria de ultrapassar seriam mais espinhentos que o rosto de um adolescente.



Capítulo 8

Para conquistar o coração de Maurílio basta ter uma vagina entre as pernas, mas isso era algo que eu não poderia dizer para Sonata, então comecei a escrever detalhadamente, em um papel, tudo o que eu sabia sobre meu melhor amigo. Carlos estava tomando seu café enfiado em um livro desde que eu tinha chegado da faculdade.

Ele tinha preparado polenta com carne moída e me impressionei com o fato de ser mais gostoso do que a comida que a *chef* especial de meu pai preparava. Acabei empurrando a janta enquanto a caneta tamborilava no papel. Havia duas coisas que ele gostava mais do que tudo: esportes e teatro mágico.

Esportes não pareciam ser o forte de Sonata, então cogitei que, inicialmente, a melhor ideia seria ajudá-la a entender o que é teatro mágico e como

ficar atenta à vinda deles para a cidade. Não demorei muito para colocar informações básicas sobre eles; Grupo musical, formado em 2003, Fernando Anitelli na voz e no violão. Era isso.

Parei para olhar aquele papel com uma mancha de molho vermelho. Que droga, não dava para entregar desse jeito para Sonata. Peguei outro papel e joguei aquele de lado. Coloquei as mesmas informações e incluí o fato de que o esporte favorito do Maurílio é tênis e que ele praticava com frequência.

— Talvez eu devesse levá-la ao campeonato que ele tinha falado — comentei para mim mesmo. Escrevi no papel o dia e o horário, concluindo que aquele seria um primeiro encontro perfeito para os dois e isso poderia até desenvolver um diálogo interessante. O problema estava no fato de que eu seria a vela menos agradável.

— Vai realmente levar isso a sério? — perguntou Carlos, encarando-me por cima do livro. Eu dei de ombros. Que outra opção eu tinha? Ignorar o pedido dela? Vê-la chorar? Ser demitido da loja? Voltar para a saia do meu pai? Nunca mais ver Sonata ou sentir que ela me evita? Temia mais essas opções.

— É bom para eles, um futuro relacionamento.
— Carlos tossiu e se levantou do sofá buscando ficar mais perto de mim. — Não me olhe assim! Estou fazendo o melhor para evitar pensar que estou ajudando um amigo a ficar com a garota que eu quero. Na verdade, é pior! Estou ajudando a garota. Ai que merda.

— Posso lhe perguntar só uma coisa? — Fiz sinal para que ele continuasse. — Você por acaso se perguntou o que vai acontecer quando ela descobrir que não será nem namorada de Maurílio?

— O que quer dizer com isso? — Bati no papel. — Estou fazendo o meu melhor! Veja, escolhi um local interessante para o primeiro contato, coloquei informações do que ele mais gosta de ouvir e fazer. Vai ser difícil Maurílio negar que ela é a alma gêmea dele.

— Maurílio não é você! — falou Carlos com ênfase. Continuei encarando-o na expectativa de que continuasse a desenvolver seu raciocínio. — Ele jamais vai afrontar o próprio pai, perder a mordomia, dormir em um sofá duro ou trabalhar em qualquer loja para conseguir sobreviver. Você realmente se esqueceu que o dinheiro é a subsistência dele?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O amor pode mudar isso — retruquei sem acreditar nas minhas palavras. Não, o amor não podia mudar o fato de que Maurílio gastava por semana o que provavelmente Sonata comprava para a loja no mês. Nem sequer faria ele abandonar o tênis ou perder seus valiosos patrocinadores. — Você tem razão. Ele está sendo mais esperto que eu.

— Discordo desse pensamento, Lucas. O que ele está fazendo é apenas se manter nas conquistas de outras pessoas e esquecendo seu desenvolvimento pessoal. — Carlos sentou na cadeira à frente da minha e sorriu com entusiasmo. — Quando você me contou o que pretendia fazer, me senti extremamente orgulhoso.

— Sempre achei que o orgulho só vinha dos pais — brinquei com azedume. Ele balançou a cabeça negativamente.

— O orgulho vem das pessoas que se importam com você, daqueles que valorizam o fato de você tomar decisões por conta. Lembre-se de que seu sangue, até o pernilongo tem. — Suas palavras me emocionaram, eu me daria o luxo de chorar, mas acabei guardando as lágrimas para quando eu tivesse sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

Não era vergonha um homem chorar. As lágrimas não possuem gênero e são movidas pelo sentimento não por seu pênis, mas eu realmente desejava deixar aquele primeiro choro vir quando estivesse sozinho na sala, as luzes apagadas e Carlos dormindo. Era uma privacidade que precisava, somente daquela vez.

Quando acordei, Carlos tinha servido o café, o que me deixou atônito por um momento. Estaria eu atrasado, novamente? Acabei com essa euforia, derrubando algumas caixas de livros que vi pela frente. Foi só quando peguei o celular e conferi que faltava uma hora para acordar é que encarei Carlos e o odiei mortalmente.

— Você é do tipo que acorda sempre assustado? Dizem que é devido ao fato de dormir errado ou por pouco tempo — comentou como um estudioso, respondi com uma careta e me deixei sentar novamente no sofá. — Tenho de sair mais cedo hoje. É a reunião dos secretários com a escala do próximo mês. Fiz a sua ontem.

— Já? — Me surpreendi olhando por cima do sofá. Carlos fez sinal para que eu não me preocupasse. — Por isso você é o melhor.

— Sou pago para ser o melhor — brincou,

PERIGOSAS NACIONAIS

empurrando o último pedaço de pão dentro da boca. — Fiz sua agenda se adequar ao seu trabalho de meio período na loja de queijos, coloquei a desculpa de que você vai começar o TCC e precisa da parte da manhã para estudar.

— Você é um gênio. — Estalei os dedos em resposta e fui tomar o café que ele fez. — Papai não vai nem desconfiar, afinal, era de se esperar que eu comesse logo, e tempo é algo que ele não iria querer que eu perdesse, ainda mais com o desejo frenético de me fazer assumir logo a empresa.

— Fato. Agora preciso ir. Feche a casa hoje, deixei uma cópia da chave na porta, assim não preciso te esperar até à meia noite. — Carlos deixou a casa em seguida. Fiquei olhando para os porta-retratos na estante, todos vazios. Nunca perguntei sobre a família dele e agora sabia menos ainda se devia fazer.

Cheguei na Rainha do Queijo antes mesmo de Sonata. Aproveitei o tempo em que a porta de ferro ficava fechada, para analisar o que eu tinha feito até então com o papel que ajudaria a mini raposa armar a armadilha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

1. Ouvir Teatro Mágico.
2. Estudar as estruturas e regras do Tênis.
3. Fingir ter falta de conhecimento sobre algo.

Parei para reler a terceira. Por qual razão Maurílio adorava saber tudo e odiava quando uma menina conseguia ter mais conhecimento que ele? Parecia que estava sempre lidando com uma autoestima frágil e descompensada, pois eu mesmo tinha de aceitar que ele estava certo, mesmo sabendo que não, ele não estava.

É claro que ele conseguia ser mais inteligente que eu com menos esforço, mas isso não fazia dele um sábio, fazia? Era engraçado, mas quanto mais eu revia aquelas informações no papel, mais conseguia reavaliar o amigo que considerei durante tanto tempo. Parece que estava acostumado com uma imagem que não era a verdadeira.

— Chegou cedo, Lucas — falou Allegro, dando-me um susto. — Você estava esperando a Sonata, certo? Ela ficou em casa, pegou um resfriado e pediu que eu abrisse a loja em seu lugar. — Ele pegou a porta e começou a subi-la. — Por

PERIGOSAS ACHERON

sorte ela deixou algumas massas prontas, só precisamos esquentar.

— Ela realmente está bem? Não é melhor ir ao hospital? — Ele fez que não, mas sem me convencer. — Talvez eu deva passar na casa de vocês e levar algo. Estão precisando de alguma coisa? Faço ao meio dia, não é um problema.

— Relaxa garoto, fiz um chá de alho e mel que ela vai ficar ótima. — Quase vomitei ao pensar naquilo. Será que Sonata tinha tomado? — Minha mãe sempre fazia para mim quando eu ficava doente e acredito que a de Sonata também fazia.

Allegro foi ajustando as cadeiras enquanto eu colocava o uniforme e pré-aquecia o forno. Voltei com a pergunta rolando na língua. Por qual razão ele sempre parecia tão distante ao falar da esposa? Vi que Allegro assoviava entretido me deixando ainda mais constrangido.

— Já arrumei o forno — foi tudo o que falei. Ele fez um joinha. — Desculpe, mas, seu Allegro, por acaso o senhor e a sua esposa eram divorciados quando ela faleceu?

Ele me olhou por um momento, curioso, sem entender. Eu não consegui captar o que a reação dizia, apenas senti que a pergunta realmente era

errada e minha boca devia estar sempre amordaçada para evitar esse tipo de situação.

— Eu nunca fui casado para que minha mulher falecesse — respondeu, limpando a mão no avental. Allegro foi para a cozinha e colocou os pães de queijo no forno, voltou com outro sorriso, dessa vez, como se tivesse descoberto algo engraçado. — Já sei por qual razão você me perguntou sobre isso. Sonata me chamou de pai, certo?

— O senhor não é o pai dela? — indaguei ainda mais surpreso. Ele negou com a cabeça e começou a arrumar o balcão ao meu lado.

— Sou o tio dela. Minha irmã era a mãe de Sonata, uma mulher que conheceu o parceiro errado no tempo errado e por fim deu a luz à menina somente com o meu apoio — explicou com tranquilidade, a mesma que eu duvidava existir na garota, caso ela falasse sobre.

— O senhor foi quem escolheu o nome dela?
— Ele concordou, apesar de ser óbvio, eu nem sequer precisava ter feito essa pergunta.

— Eu queria muito uma filha, mas nunca encontrei um parceiro que quisesse se unir e adotar uma criança. Sabe, sou homossexual e muito feliz

PERIGOSAS NACIONAIS

por ter cuidado de Sonata quando minha irmã faleceu, mas ainda tenho o desejo de ter uma família maior, se é que me entende? — Concordei com um sorriso.

Allegro era uma pessoa boa, sem ressentimentos com o mundo ou com a falta de realização dos seus sonhos. Vê-lo agindo assim, falante, cooperativo, amando todos os dias a história que vivia, me fez sentir um pouco de inveja. Perguntei-me se eu reclamava demais da vida que tinha, se, como meu pai disse, eu não deveria ser agradecido pelo dia a dia.

Ele pareceu perceber algo na minha expressão e colocou a mão no meu ombro como alguém da família deveria fazer.

— O que para mim é aceitável, não precisa ser para você, Lucas. Sei que está comparando minha maneira de ver as coisas com a tua e isso é extremamente errado de se fazer. E sabe o motivo? — Fiz que não. — Ninguém pode lhe falar o que é certo fazer ou como é certo agir. Escolher está interligado somente à própria existência.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 9

Sonata não faltou à faculdade como ao serviço. Quando cheguei à sala ela era a primeira a chegar e estava debruçada em cima do trabalho de Revolução Internacional Digital, sua concentração era tanta que não percebeu quando eu sentei ao seu lado. Dei uma olhada para o que ela repassava em um papel e pude perceber que sua letra era um garrancho que eu chamaria de fofo.

— Acha que consegue terminar em tempo? — indaguei. Ela virou o rosto para cima e pude finalmente ver como as bochechas vermelhas e o suor na testa demarcavam seu estado doentio. — Deveria estar em casa, não? Você foi ao médico?

— Está tudo bem — mentiu, assoando o nariz em um pano que carregava consigo. Sentei na cadeira ao seu lado, toquei a testa de Sonata, minha mão formigou da mesma hora. Não pude deixar de

encarar seus olhos, frágeis por causa da febre, *intensos* como sempre.

Mordi o lábio, contendo aquele desejo louco de beijá-la. Sonata também me observava. Para falar a verdade, parecia que ela estava finalmente me enxergando, não como amigo, algo mais talvez. Suas mãos afastaram a minha, mas sem largá-la. Por um tempo ficou ali, preenchendo os espaços entre meus dedos com os seus. O coração surrava meu peito com a velocidade que batia. Supliquei a Deus que não fosse um infarto, pois era o que menos precisava no momento.

Fechei a outra mão em torno das costas da cadeira de Sonata, o espaço vazio, cobri com parte do meu corpo, esperando que ela talvez se aproximasse. Seu hálito já era barrado pelo meu rosto, senti-o tão doce, que podia jurar que uma fava de baunilha tinha passado por ali. Ansioso, esperei. Nenhum movimento, qualquer sinal de que ela pudesse me dar para seguir foi completamente dizimado pela falta de interesse óbvia em suas palavras seguintes.

— Preciso entregar esse trabalho hoje, pois na próxima semana teremos prova novamente. Será ruim deixar acumular — continuou a conversa

PERIGOSAS NACIONAIS

como se nada tivesse acontecido. Peguei-me com as bochechas tão vermelhas quanto a de Sonata, que deu um meio sorriso e se afastou. — Como foi o serviço hoje?

— Bem calmo, para dizer a verdade — contei, sem saber se ficava feliz por aquela aproximação ou se me sentia um completo idiota por acreditar que ela realmente tinha visto algo em mim. Sonata concordou, como se já esperasse aquele tipo de resposta. Decidi falar sobre o que eu queria mais cedo e esquecer o contato que tivemos. — Você está livre no domingo? Claro, se estiver melhor.

— A loja não abre aos domingos então estou livre sim, por qual razão? — indagou. Eu queria realmente, por todas as forças que tinha, acreditar estar chamando-a para um encontro comigo e não com o paspalho do Maurílio, porém, me iludir não ajudava em nada.

— Maurílio vai ter um campeonato no domingo e pensei em te levar comigo para dar início ao nosso plano. Não sei se te interessa... — Ela sorriu, deixando-se iluminar só pelo comentário. Nem era um convite direto do competidor, mas foi o suficiente. — Quero dizer, se você estiver melhor.

PERIGOSAS ACHERON

Por um momento rezei para que Sonata não estivesse bem no domingo. Sei que isso era horrível de se pensar, mas eu ganharia mais tempo para resolver meus próprios problemas com aquele sentimento ruim que me acompanhava. Não conseguia imaginá-la ao lado dele.

Se ela viesse a se tornar namorada de Maurílio como queria, isso já descartava minha utilidade em sua vida, mas se Carlos estivesse certo, meu amigo jamais se envolveria oficialmente com uma garota que possui a conta bancária menor do que a dele. Isso me parecia um jogo de sinuca cruel em que eu sofreria ou ela.

Senti que preferia sofrer a murchar aquele rosto alegre.

— Eu quero sim, Lucas. Vamos nos encontrar na loja? Que horas seria? — Deixei o ponto de encontro e o horário marcado antes da professora entrar na sala. Maurílio chegou atrasado naquele dia, com cara de poucos amigos.

Ao final das aulas nos encontramos na saída, e ele parecia bufar descontroladamente enquanto me esperava. Tomando meu braço em sua mão, arrastou-me até o primeiro banheiro masculino que tinha naquela ala. Ajeitou o cabelo, algo típico de

quando estava nervoso e virou para me falar o seu problema como se fosse cair o mundo.

— Você precisa voltar e assumir a diretoria — falou, e o assunto me deixou surpreso e curioso. O que ele tinha a ver com o fato de eu recusar ou não a diretoria? Tudo bem que eram amigos e o pai dele era um dos acionistas, mas nada disso atrapalhava a vida de Maurílio.

— Do que está falando? — indaguei, fazendo sinal para que ele continuasse.

— Você não pode recusar a diretoria! Volte lá e diga para o seu pai que você quer voltar, que se arrependeu. Abandone aquela porcaria de loja do queijo, não importa o quanto goste daquele filhote de rato, apenas pare de ser egoísta! — ordenou, deixando-me realmente irritado. Ele tinha chamado Sonata de rato?

— Até ontem você não se importava com o que eu fazia, achei que estava tudo bem. O que te faz pensar que tem poder para me obrigar a algo? — Ele ia retrucar, quando acrescentei em lembrete. — Aquele filhote de rato como você chamou tem outro nome...

— Foda-se o nome dela, Lucas! Você não está entendendo o problema nisso tudo. — Maurílio

jogou uma saboneteira contra a parede, estava vermelho de raiva. — Se você não voltar agora, meu pai vai me enfiar naquela empresa! Ele quer que eu assuma a diretoria, pois sou mais competente e blá, blá, blá. Eu não quero, Lucas!

— Ah, então você está querendo me obrigar a voltar para a diretoria só por não querer trabalhar? — Era típico de Maurílio. Ele odiava pensar em passar suas horas dentro de um escritório, abarrotado de papel, usando terno e gravata. Claro que a possibilidade de assumir o tiraria do sério.

— Estou tentando te fazer criar juízo! É óbvio que está muito mais preparado, você praticamente nasceu dentro daquele prédio e conhece todo mundo. — Ele fez uma pausa enquanto eu sorria de seu desespero. — Lucas, você é quem foi feito para lugares sem ventilação! Eu preciso me manter ao ar livre, fazendo outras coisas...

— Vadiando, você quer dizer — retruquei, colocando a mochila no ombro. — Não importa o que diga, Lucas, eu não vou fazer isso. Como acabou de lembrar, eu nasci naquele lugar, é meu momento de respirar ar puro.

— Se você não fizer o que estou dizendo eu vou falar da *Rainha do Queijo* para o seu pai! —

ele ameaçou. Dei meia volta para encará-lo. Ele estava falando sério? Meu amigo me trairia a esse ponto apenas para poder ficar com a mamata de vida que sempre teve? — Estou falando sério.

— Se você está então não temos mais o que conversar. — Ele deu um sorriso de vitória, mas murchou ao ver que eu permaneci frio. — Qualquer coisa que meu pai fizer com a loja de queijos não vai me fazer assumir a diretoria. Então, Maurílio, faça o seu melhor.

Deixei-o no banheiro e fui embora. O caminho para a casa de Carlos foi na companhia de uma garoa fraca que ensopou a minha roupa. Não esperava golpes baixos de Maurílio, e até pensei se o que eu estava fazendo sem ele saber também poderia ser considerado algo tão violento para a nossa amizade.

Quem saberia? Éramos dois desesperados, sendo iludidos pela ideia de que poderíamos ter uma vida livre de nossos pais, algo que não acontecia em uma família rica e cheia de expectativas.

Cheguei em minha atual moradia quando a vizinha voltava a espancar o filho. E, naquele momento, me perguntei o que tanto de errado ele

fazia para apanhar daquela forma? Carlos não estava na sala, mas seus sapatos jogados em um canto me diziam que ele provavelmente já tinha ido dormir.

Tomei cuidado para não o acordar, banhei-me para tirar o frio que tinha impregnado minha pele por causa da chuva, alimentei-me com o que ele tinha deixado no prato, uma espécie de panqueca de frango. E deitei no sofá, na expectativa de adormecer logo, o que não aconteceu.

Fazia dias que meu corpo, apesar de cansado, não conseguia se impor aos neurônios funcionando, portanto, meus olhos permaneciam pregados no teto, sem qualquer chance de querer se fechar ou me dar o luxo de um momento silencioso. Era tão difícil ser permitido sonhar com Sonata? Ao menos nos sonhos eu poderia me iludir.

Olhei o telefone, havia uma mensagem nova de Sonata. Abri com entusiasmo, imaginando tantos motivos para que ela falasse comigo, enrubesci, mesmo sem saber o que dizia. Quando a tela me permitiu visualizar a mensagem, fiquei surpreso.

Sonata

“Lucas, acha que podemos fazer o trabalho de Teoria das Organizações Internacionais? ”

Esse trabalho era só para semana que vem e ela já estava preocupada? Cheguei a rir da semelhança que eu e ela tínhamos, e isso fez minha noite render um sonho tão provocativo que ficaria com vergonha de lembrá-lo ao ver Sonata no dia seguinte. Respondi que sim e abandonei de vez a ideia de que os problemas estavam cada vez piores.

Acordei com o cheiro de pão tostado e ovo frito. Carlos deu um meio sorriso ao me ver e continuou lendo algum livro sobre *Startup*. Sentei na cadeira à sua frente, comendo e lendo as informações da capa. “*Esse livro é para lhe levar longe.*” Dizia.

— Você quer abrir uma empresa, Carlos? — indaguei. Ele tomou seu café tranquilamente e baixou o livro. Respondeu com um sim tímido que me surpreendeu. Talvez ele pensasse que eu fosse falar alguma maldade sobre o assunto? Jamais pensaria nisso. Eu queria que ele se desse bem, mesmo que eu ficasse longe da sua saia. — Acho incrível.

— Mesmo? Não tem medo de me perder e ficar sem a minha saia para lhe proteger? — Nunca me cansava de ver a qualidade com a qual Carlos compreendia as situações e meus pensamentos. Ri daquilo, mas não respondi. — Não é para agora, mas tenho interesse sim. Uma ideia é a chave para mudar de vida.

— Me contrate quando der certo — falei em tom de brincadeira. — Vai saber onde vou estar daqui uns meses.

— Em sua própria casa, recomendo. Não a de seu pai e nem a minha. — Rimos daquilo, juntos. Carlos estava sempre me ajudando e eu sabia que ele não falava por mal ao comentar para que eu procurasse meu canto. Era sua maneira de dizer que só assim eu realmente seria livre da influência de qualquer pessoa, fosse positiva ou negativa.

Seríamos somente eu e minhas escolhas.

— É melhor eu ir, preciso começar cedo hoje, pois amanhã a loja fecha — comentei ao lembrar que finalmente era sábado. — Hoje você pretende sair com alguma gatinha?

— Está querendo a casa livre? — retrucou minha pergunta. Fiz uma careta em resposta. Se Sonata ainda quisesse ir ali para fazer um trabalho,

talvez eu pudesse dizer que sua companhia fosse melhor longe, contudo, duvidava. — Eu tenho um compromisso hoje — completou, desinteressado. — Não volto para casa, então sim, é toda sua.

Não tive tempo de perguntar que tipo de compromisso levava a noite inteira, mas pude ter uma ideia de que Carlos estava molhando o biscoito em algum lugar e isso me levava a lembrar da secretária do meu pai. Talvez, realmente fosse uma boa ideia arrumar outro lugar logo, antes de me deparar com alguma situação ruim.

Na *Rainha do Queijo*, andei de um lado para o outro perguntando se devia convidar Sonata para uma reuniãozinha após o serviço, quem sabe para fazer aquele trabalho da escola, mas ela saiu cedo dizendo que precisava ir em um lugar importante, fazendo com que eu perdesse qualquer sopro de coragem.

Allegro me contou, depois, que naquele sábado era aniversário da morte da mãe de Sonata e ela costumava evitar o trabalho durante o dia todo, já que era um momento doloroso. Concordei sem saber o que sentir exatamente com aquilo.

Seria um sentimento parecido com o que eu tinha? Ou era pior? Afinal, minha mãe ainda estava

PERIGOSAS NACIONAIS

viva mesmo que não quisesse me ver. Era uma morte diferente, então o sentimento também deveria ser outro. Qual era a resposta? Talvez eu nunca soubesse.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 10

Passava das 22h quando Allegro me ligou desesperado. Uma chuva torrencial caía naquela hora e mais da metade da cidade estava sem luz. Atendi com um peso no peito que não saberia explicar, afinal o que poderia ter ocorrido àquela hora? Não havia enchente em lugar algum. A loja foi bem trancada, eu mesmo conferi várias vezes.

— É a Sonata... — explicou como quem dissesse tudo só pelo nome dela. Perguntei o que tinha acontecido com ela e Allegro continuou entre gaguejadas. — Ela não voltou para casa ainda e estou preocupado!

— Ela não está na casa de alguma amiga? Talvez a chuva a tenha feito fazer algum desvio para se proteger — sugeri, mas o ouvi resmungar um não. — Tentou ligar na loja ou quem sabe no celular dela?

— Está desligado e a loja deve estar sem luz

PERIGOSAS ACHERON

com essa chuva, mas não é apenas o atraso dela que me preocupa, Lucas. — Concordei, sem esperar ele terminar. É claro que não era o atraso, mas o perigo que as ruas estavam ultimamente, eu entendia isso. — É que Sonata tem pânico de trovões.

— Trovões? Acha que ela está paralisada em algum lugar? — Ele concordou. — Então, devemos procurá-la. Faça o seguinte, o senhor fica em casa caso ela chegue, eu vou até a *Rainha do Queijo* para ver se ela está lá. Ligarei se a encontrar, faça o mesmo se ela voltar, por favor.

Desliguei o telefone. Carlos tinha levado o guarda-chuva, então me meti em um blusão e coloquei o telefone com um fone de ouvido na calça jeans. Deixei o apartamento cinco minutos depois, me esquivando pelas proteções do prédio, pude evitar uma parte da chuva. A *Rainha do Queijo* não ficava perto de nenhuma das duas casas e isso dificultava as coisas.

Os carros e ônibus que passavam àquela hora tinham pressa e erguiam ondas de água contra os passantes. Parei de me importar quando já estava pior que um pinto molhado. No calçadão não havia marquises e pude ver que, ao longe, o mendigo que encontrei aquela vez, descansava na porta da igreja.

Parei em frente à loja, estava com a porta de ferro aberta, mas sem luz do lado de dentro. Alguém havia estado ali depois que fechamos. Dei algumas batidas, não houve resposta. Coloquei a cara na janela quando vi um tecido se mexer bem atrás do balcão. Nesse momento um raio caiu com força nas proximidades.

— Sonata! — gritei por ela, e vi reação pelo movimento do vestido. Ela colocou o rosto para fora da cobertura, mas não consegui identificar o medo que ela podia estar sentindo. — Sonata, abra aqui. Deixe-me entrar, é o Lucas.

— Lucas? — Ouvi a voz dela baixinho. Cambaleando, Sonata veio até a porta e girou a chave, quando entrei outro trovão chacoalhou os céus e ela estremeceu ao ponto de se ajoelhar no chão e tapar os ouvidos.

Abaixei-me e a envolvi em um aperto confortável, sentindo que seu cabelo ainda estava úmido graças a chuva que tinha pegado em algum momento, emanava uma fragrância suave de morango.

— Está tudo bem — falei, esperando que aquilo a ajudasse. Sonata se acalmou, mas eu temia que meu coração jamais conseguisse parar de bater

com tanta força quanto naquele momento. Nunca estive tão perto dela, e agora sentia que não queria deixá-la se afastar.

Acabei, em relutância, permitindo um espaço entre nós para que eu pudesse trancar a porta atrás de mim. Sonata levou um tempo para se erguer e foi apenas até atrás do balcão, onde novamente deixou-se cair encolhida. Sentei ao seu lado tirando do bolso o meu telefone e puxando o moletom ensopado para me livrar do frio.

Conferi que Sonata não tinha a roupa molhada, aliviando-me. Ela não estava bem ontem e esse problema poderia se agravar caso ela ficasse molhada por muito tempo, então vê-la bem me fez ignorar o fato de que, sem dúvida, eu ficaria gripado.

Voltei à atenção para o telefone e liguei para Allegro, que atendeu prontamente.

— Ela está bem, estou na loja. Assim que diminuir a tempestade nós vamos até aí. — Ele soltou um suspiro de alívio pelo telefone e imaginei se o que eu ouvia era um choro sendo controlado. — Descanse agora, o senhor também precisa.

— Eu o assustei, não é mesmo? — indagou quando a ligação terminou. Eu dei um meio sorriso.

É claro que ele tinha se preocupado, eu mesmo mal pude controlar os pensamentos ruins com o que poderia ter acontecido, mas como culpar Sonata por isso? Ela estava tão apavorada quanto nós dois. — A bateria do meu celular acabou antes da chuva começar, não consegui avisá-lo.

— Não se preocupe com isso por agora, você não está mais sozinha — ela concordou em um agradecimento silencioso. Coloquei os fones de ouvido no celular e liguei no *Deezer* para que ela pudesse escutar algo além dos trovões. Foi o tempo de ajudá-la a arrumar e outra luz serpenteou pelo céu fazendo barulho.

Observei Sonata se entreter com o que tocava, o que me deixou mais aliviado. Agora ela parecia ter menos medo da tempestade e mais segurança ao meu lado. Isso me aqueceu o peito, que ainda lutava sem freio para que Sonata pudesse ouvir o quanto sua aproximação me deixava transtornado.

Gostaria que ela percebesse isso, mas se notou, não demonstrou. Outro raio caiu nas proximidades, fazendo Sonata se ajeitar para ficar mais próxima de mim. Tomei a liberdade de envolvê-la em meus braços, sem me rejeitar, ela deitou a cabeça no ombro e cantarolou o som que

ouviam.

Era reconfortante ter o seu corpo envolvido no meu, como se tivesse sido preparado para recebê-la nele.

Ficamos ali por algumas horas, as luzes da loja voltaram e já se podia ver um pouco da cidade iluminada. A chuva também tinha passado e os trovões estavam longe demais para causar qualquer barulho.

— Acha que podemos ir? — perguntou Sonata, levantando-se com o celular e o fone em mãos. Fiz que sim.

— A chuva passou e os trovões também, devemos nos apressar para não ficar ainda mais tarde — respondi, pegando o moletom ensopado e ajudando Sonata a fechar a loja novamente. Retornamos o caminho pelo calçadão quando percebi que, de cabeça baixa, ela me deixava conduzir. — Ahm, eu não sei onde você mora.

— Ah! Sim, desculpe — concordou, ficando vermelha, segurando o guarda-chuva amarelo nas mãos. — Moro a uma hora daqui, no bairro das flores. Sabe onde fica?

— Não. Sou péssimo com direção — expliquei. De fato, eu não tinha conhecido muitos

bairros da cidade, pois meu pai frequentava apenas os nobres, o que eram somente dois. Das casas ricas eu era obrigado a voltar para o meu lar, lugar que não fugia do estereótipo de rico à beça.

— Sabe que não precisa me levar até em casa, não é? Eu sigo bem sozinha daqui — concordei, mas não me mexi. Segui seus passos curtos, fitando o guarda-chuva naquele tom tão comum que só me fazia lembrar de Sonata. — O que houve? — percebeu.

— Você gosta bastante de amarelo, não? — Ela concordou com um sorriso largo. — Nunca lhe vejo com acessórios de outra cor. Acho bonito, de verdade.

— Minha mãe também achava. Ela sempre dizia que amarelo era a cor da nossa família e do dinheiro, a segunda parte nunca foi nosso forte, mas é certo que sempre fomos o apoio um do outro. — Sonata me encarou como se quisesse perguntar algo, mas sem saber como. Eu já imaginava o que seria. — Você nunca fala da sua família...

— Não tem muito que falar — interrompi, sabendo que seria difícil contar todos os pormenores sem entrar no fato de que eu era podre de rico e estava fingindo precisar do dinheiro

apenas para me afastar da empresa do meu pai e ficar perto dela.

— Sua mãe é legal? — ela insistiu. Eu dei de ombros. Não tinha lembranças suficientes dela para conseguir falar algo significativo em nossa coexistência curta. — Seu pai é bom para você?

— Ele é tudo, mas não bom. — Sonata murchou com a resposta. Ela devia acreditar que eu era uma pessoa de azar, mas não via por esse lado. Sorte e azar existiam como um complemento ao outro e isso era natural na vida do ser humano. — Faço questão de ter uma boa relação com ele, entretanto, nem sempre dá certo.

— Imagino que não. Tento guardar boas memórias da minha mãe, assim sei que ela não vai sofrer ao acreditar que me deixou com mágoas, contudo é claro que em algum momento nós duas tivemos desentendimentos e ressentimentos — contou de forma pesarosa. — Você também é filho único?

— Sim, apesar de minha madrasta tentar todos os dias sem saber que meu pai já é castrado. — Sonata soltou um riso baixo, e se conteve em um pedido de desculpas silencioso. Acabei rindo também em contrapartida ao vê-la. Ela sempre era

linda quando se esforçava menos para ficar séria. Respirei fundo, fingindo olhar para a rua.

— Tenho mais uma pergunta para lhe fazer.
— Concordei, na expectativa do que viria a seguir. Gostava daquele momento de intimidade com Sonata, ainda que tivesse de esconder grande parte da minha vida. — Como você é amigo do Maurílio? — Fiz uma careta, o azedume subindo pelo meu rosto como se tivesse chupado limão.

— Como assim? Só somos amigos — respondi, na esperança de que ela parasse de falar sobre ele, mas não, Sonata seguiu a conversa.

— Digo, Maurílio é rico e sempre que o vejo está com pessoas de posses. Até acreditei que você era um deles, mas daí apareceu na loja para pedir emprego... — explicou. Engoli em seco. Ela realmente o observava muito.

— Meu pai trabalha na casa dele há muito tempo, então, bom, nos conhecemos desde criança — menti, tentando não imaginar a bola de neve para onde isso ia me levar. — Ele é um bom rapaz, gosta das pessoas, não de dinheiro. — Outra mentira cabeluda que a deixou feliz.

— Então talvez ele me aceite por perto amanhã. — Era isso que ela temia? Preferia quando

os trovões eram nosso problema maior, ao menos eu podia abraçá-la e sonhar que eu era o homem com quem ela desejava estar. — Oh! Chegamos.

Quando Sonata falou é que percebi um condomínio pequeno, cheio de apartamentos circundando um pátio coberto por varais que ligavam as casas. Era um ambiente humilde, com pintura descascada, luzes de emergência que não funcionavam e bicicletas para todos os lados que eu olhei. Tinha um cão também, mas ele nos ignorou.

Subimos uma das escadas laterais até o apartamento seis e entramos. Allegro nos recebeu na porta com um sorriso largo no rosto e um abraço apertado que envolveu nós dois. Fiquei pensando se aquilo era normal de acontecer em famílias unidas, pois nunca cheguei perto do meu pai para abraçá-lo.



Capítulo 11

— Que bom que estão bem. Entrem! Lucas, sintase em casa. — Olhei ao redor, a sala comprimida era bem organizada junto com uma cozinha com meia parede de divisória. Havia um corredor que levava, eu imaginava, aos quartos. — Um café ou chocolate quente? Seria bom, não?

— Na verdade é melhor eu ir para casa. Vai dar duas da manhã já — expliquei. Na verdade, eu não queria ir embora e ficar sozinho com uma pizza na casa de Carlos, mas também não podia desejar que eles me recebessem ali para passar a noite. — Agora que Sonata está bem, já podemos descansar em paz.

— Mas está tarde mesmo para você ir para casa. O ideal é que fique aqui — comentou Sonata com um ar de pedinte para Allegro. Ele pareceu concordar com a ideia e deu um sorriso. — Pai, você tem um pijama para emprestar? Lucas está

PERIGOSAS ACHERON

ensopado, ele precisa tomar um banho quente.

— Eu realmente... — comecei, falando bem devagar na expectativa de que eles me interrompessem novamente e o convite fosse estabelecido como impossível de ser negado. Allegro não me decepcionou, ele bateu com a mão no meu ombro.

— Eu faço questão que fique aqui. Como pai, sei que é perigoso andar por essas ruas tão tarde. Venha comigo, vou te levar até o banheiro e te entregar uma muda de roupa. — Quase gritei de emoção, mas mantive a expressão de infeliz por estar causando problemas, mas grato pela preocupação dos dois.

Deixei Sonata na sala e acompanhei Allegro, que me entregou uma muda de roupa com cuecas, que, diz ele, serem novas. Dada a situação que eu me encontrava e desejava mortalmente, não me importei, afinal, era só virar do avesso e poderia ser usada como nova.

Tomei banho em um banheiro menor do que o de Carlos, o que era impressionante visto que o projetista teve que arcar com um lugar para a privada, pia e o próprio chuveiro. Quando me vesti não esperava que as roupas ficassem exatamente

como ficaram. Na verdade, eu nunca tinha visto aquele tipo de pijama na minha vida e agora preferia morrer.

A blusa, não era um problema, feita de algodão, dava certo conforto, contudo, a calça, aquilo nem podia ser chamada de calça. Era uma espécie de cueca pervertida que deixava o pênis tomar o formato de bola e as nádegas — as quais eu tinha pouca — saltassem feito dois melões.

Era uma ceroula branca que destacava formas que eu preferia deixar guardadas para uma ocasião mais propícia e íntima. Fiquei por alguns minutos com a cara na porta na tentativa desesperada de encontrar solução para meu problema, quando Sonata bateu na porta.

— Lucas, me dê suas roupas molhadas que quero botar para secar — pediu. Sem saber o que fazer, coloquei-as em frente ao vexame e abri a porta sentindo o rosto queimar e se retorcer. Mal consegui abrir os olhos para ver a reação de Sonata quando ela murmurou alguma coisa e saiu constrangida. — Você deu uma ceroula para ele?!

Ela brigava com Allegro que deixou a cozinha mantendo sua calma e seu sorriso, que me fazia desejar quebrar alguns dentes. Ele abriu a porta do

quarto da frente e apontou para que eu passasse. Acho que nunca andei tão rápido para alcançar outro extremo, quando puxando a roupa em que eu escondia o piupiu. Nisso, o pai de Sonata fechou a porta.

Nem pude perguntar como sairia dali amanhã de manhã ou onde ele dormiria, fui calado de forma graciosa e prática como se não fosse nada eu estar vestindo o que estava, principalmente na frente da filha de alguém.

Deixei-me deitar na cama, encolhido na posição fetal, que era a única coisa em que encontrei certo conforto. Passou meia hora e vi que todas as luzes se apagaram e as batidas da porta deixaram claro que todos finalmente dormiram, mas e eu? Como conseguiria dormir usando pijama de idoso na casa da garota que eu curtia?

O tempo acabou levando a resposta depois que o sono chegou. Acordei quando a luz do sol batia na janela e Allegro abria a porta com minhas roupas em mãos. Eu me cobri com a sensação de violação rompendo meu rosto ardendo.

— Elas secaram bem enquanto você dormia — falou, colocando em cima da cama. — Sonata já acordou, disse que vocês têm um compromisso

hoje, certo? Eu vou preparar um lanche já que está perto do almoço e devem estar mortos de fome.

Tinha me esquecido da promessa de levar Sonata para ver Maurílio jogar naquela tarde. Coloquei as vestes e dobrei o pijama deixando todo o rancor cair sobre uma única peça de roupa. Abri a porta do quarto ouvindo uma música instrumental tocar baixinho e senti o cheiro de incenso mascarar as facetas do café passado.

Sonata estava na mesa e sorriu ao me ver, fingia não lembrar da noite passada e agradei em silêncio por isso. Tomamos café ouvindo Allegro assoviar como se fosse um instrumento novo na composição, enquanto ele rebolava pela sala em uma faxina bem por cima dos panos.

Deixamos a casa dos Sampaio às 12 horas e caminhamos por muito tempo em silêncio, observando a sujeira que subiu dos bueiros ser recolhida pelos funcionários da prefeitura. Não havia muitos carros na rua indicando que o pessoal queria evitar o trânsito nas ruas que sofreram mais com a chuva.

— Acha que estou bem? — indagou repentinamente. Olhei para o seu rosto, não me parecia febril ou pálido, estava até corado com um

leve toque de maquiagem. Naquele dia, Sonata tinha penteado o cabelo também tirando os embaraços dos cachos. Quanto tempo ela tinha demorado para se arrumar? Pensar nisso me deixou com ciúme.

— Não parece que vai ficar doente — respondi, meio emburrado. É óbvio que eu sabia que a pergunta dela se referia à sua fisionomia preparada para encontrar Maurílio e não sobre qualquer mal-estar que ela pudesse estar sentindo. Contudo, cá entre nós, eu me negava a falar que havia só perfeição nela, por mais que houvesse.

— Quis dizer sobre a roupa mesmo. — Soltei um “ah” de desentendido. Virei para ver o vestido listrado que ela usava, o que por incrível que pareça, não era amarelo, mas combinava perfeitamente com o cachecol de sua cor favorita. — Acho que devia ter me arrumado mais. Vai ter muita gente lá?

— Acho que está bem e, não, duvido que saiam de casa para ver a competição num campo molhado. — Para falar a verdade eu nem sequer sabia se ia ter mesmo a competição, pois não liguei para Maurílio desde nossa briga na sexta e duvidava que ele iria ficar feliz por saber que eu

iria vê-lo, mas com a pessoa que me mandou largar.

De qualquer forma, eu tinha duas promessas para cumprir e uma vontade avassaladora de continuar perto de Sonata por mais um tempo. Era agradável pensar que caminhávamos para um encontro, ainda que não fosse o nosso.

Decidida a puxar assunto, Sonata começou a contar que precisava fazer alguns cursos ou ter uma ideia genial para uma receita nova, pois a *Rainha do Queijo* estava prestes a entrar na mesmice de sabores. Nunca tinha pensado em qualquer receita, mas o faria por pedido dela.

— Você anda sem inspiração? — Ela concordou com a pergunta. Devia estar cansada de trabalhar na loja, inventar receitas e ainda ir para a faculdade que já era estressante, ainda assim Sonata mantinha o rosto calmo quando estava perto de Allegro, feições que nunca via durante as aulas. — Acho que logo vai vir uma inspiração.

— Dizem que quando se está apaixonado é que vem... — comentou com o sorriso no rosto. Encarava os pés caminhando na calçada, e fez o mesmo para evitar constrangimento de ter pensado que essa paixão seria bem-vinda no meu coração. — Você já gostou de alguém, Lucas?

— Sim — respondi com sinceridade. Ela se surpreendeu com a manifestação espontânea. — Ela gosta de você também? Como se sentiu ao se apaixonar por ela? O que ela tem que você mais gosta? Me conte, por favor?

Pensei naquilo por um instante. Olhei para ela tentando memorizar todas as respostas que ficariam silenciadas em meus pensamentos. Ela não gostava de mim. Eu me senti sem ar, como se tivessem arrancado meus pulmões. Gosto de como os cachos desgrenhados caem em seu rosto e são iluminados pelo sol, intensificando mais o laranja.

— Não sei. — Ela sentiu que eu fiquei na evasiva e não continuou. Por sorte ou azar, chegamos no estádio onde aconteceria o campeonato. Por causa da falta de cobertura, o gramado estava ensopado e algumas pessoas limpavam o chão, provavelmente gente que tinha sido contratado pelos *carteira cheia*.

— Espere aqui, vou procurar Maurílio — pedi. Sonata concordou sem relutância, parecia estar extremamente desconfortável no ambiente cheio de finíssimos representantes da alta sociedade. Eu me senti mal e até me arrependi, mas já era tarde para ir buscá-la, novamente.

Maurílio estava no banheiro, mas não sorriu quando me viu, apenas bateu a porta do armário e pegou sua raquete. Estava de saída quando toquei seu ombro em uma tentativa de me desculpar pelo meu egoísmo, se é que eu realmente precisava fazer isso e não ele.

— Desculpe, mas realmente preciso que me entenda. — Ele deu de ombros como se não importasse mais. Decidi continuar. — Estou realmente frustrado em acabar lhe prejudicando, Maurílio, mas preciso de um tempo. Prometo que assumirei a diretoria, só me dê até o fim da faculdade. Vamos pensar em algo para enrolar nossos pais.

— Duvido que funcione. Meu pai sempre foi obstinado em tirar a diretoria da sua família. Amizade para eles é só conhaque caro quando não tem o que fazer, de resto, nem para dar apoio. — Maurílio tinha razão. Nossos pais se diziam amigos, mas na verdade prefeririam a morte do que compartilhar benefícios da empresa em igualdade.

— Mas eu sou seu amigo e é isso que importa. — Ele deu um meio sorriso e concordou. — Vamos lá para fora? Trouxe Sonata comigo.

— Sonata? Do queijo? Por que trouxe ela com

você? — Maurílio pareceu emburrado, mas logo depois soltou um risinho e me deu um soco no ombro. — Já entendi. Vamos lá para fora então, não tem como deixar sua amiguinha esperando.

Quando abrimos a porta, Sonata estava cercada por um grupo de rapazes que antes se mantinham afastado. Incomodada e constrangida, ela ficava olhando para o chão, o rosto vermelho ocultava um pouco das lágrimas que pareciam querer cair. Saí correndo ao seu encontro, Maurílio atrás de mim. Ao me aproximar vi que falavam algo com ela de forma insistente.

— Você não é uma das faxineiras? Como assim? A ralé aqui não entra se não for para limpar o chão — disse um deles. Não sei quem era, nem visualizei seu rosto antes de lhe dar um soco e fazê-lo cair na grama. — O que pensa que está fazendo, seu filho da puta?

Maurílio tentou apaziguar quando os rapazes se aproximaram, mas foi impossível impedir dois ou três socos distribuídos entre eles e nós.

O término daquela batalha foi uma Sonata carregando compressas de gelo que pegou em uma loja de conveniência perto, Lucas com o olho roxo, eu, com sorte, apenas com os lábios rachados por

algum imbecil.

— Me desculpem, eu não devia ter vindo — falou Sonata com sinceridade. Lembrei do que ela tinha comentado sobre Maurílio ser amigo somente de gente rica e que ela talvez não se encaixasse nisso. Inicialmente tinha pensado a mesma coisa, Sonata jamais seria aceita em nosso círculo de amigos e isso pelo fato de ela não ter a melhor conta bancária.

Agora, vendo-a naquele estado, percebi que eu fui o responsável pela humilhação que ela estava passando. Talvez me odiasse por isso, era o certo a se fazer. Quanto mais a encarava, mais sentia que devia me afastar de Sonata. Afinal, quem eu estava tentando enganar? O mundo de gente esnobe, com bebida cara e carro importado, me pertencia. Eu havia nascido nele, convivido minha vida inteira com aquele tipo de pessoa. Não tinha como ela se adaptar, e eu menos ainda. Uma barreira invisível tinha crescido entre eu e Sonata, mesmo que não soubesse, era o divisor de águas mais denso da face da terra. Criado pelo valor *real* que se dá a alguém



Capítulo 12

No fim, restamos apenas eu e Sonata caminhando de volta para casa. Maurílio tinha recebido uma mensagem e pediu desculpas ao nos deixar. Não falamos sobre o assunto da briga, mas eu sabia que ela estava se martirizando por causa do ocorrido. Eu também não conseguia parar de pensar na culpa que tinha em tudo aquilo.

Os moradores finalmente começaram a deixar suas casas depois da tempestade que abalou as ruas. O trânsito voltou ao normal, as pessoas iam e vinham almoçar com suas famílias e tinha quem se arriscava a tomar um sorvete mesmo no frio que fazia. As poucas poças que restavam preenchiam somente as beiradas da rua sem incomodar ninguém.

— Me desculpe pelo que aconteceu, Lucas. Por minha causa você e Maurílio brigaram com

seus amigos — falou Sonata, quebrando o silêncio. Ela me encarava com os olhos esbaldando desculpa e culpa. Queria lhe dizer que não aconteceu por causa dela, mas infelizmente seria mentira. Ainda que Sonata não tivesse culpa, era óbvio que seria vitimizada.

— Eu deveria ter imaginado que iriam fazer algo assim, então a culpa é minha — respondi com sinceridade. — E, eles não são meus amigos. Nenhum que faça o que fizeram pode estar em uma lista de amizades.

— Como posso lhe compensar? — indagou, enquanto analisava um letreiro com as palavras *Sorvete? Opa!* Seus olhos brilhavam e imaginei que aquele seria mais um desejo dela do que de fato uma preocupação comigo. Dei risada ao perceber isso, pois era linda de se ver. — Talvez queira um sorvete?

— Uma ótima ideia — concordei, tomando a mão dela na minha e entrando na loja. Sentia o calor emanar de Sonata, aquela tensão percorrer meu corpo em um arrepio, mesmo assim não a soltei, não podia. Estava sendo, a cada momento, mais atraído pelo seu corpo. — Escolha o sabor?

— Morango — respondeu de forma tímida, a

mão ainda envolvendo a minha sem mostrar qualquer tipo de relutância, parecia não desejar soltar. Seria medo pelo ocorrido antes? Ela realmente estava assustada? Ou, talvez, apenas ainda tentando me compensar? Tive medo de que fosse a última opção e soltei sua mão. — O que foi?

— Não consigo pensar no meu sabor, são tantos. Qual é o mais doce, moça? — perguntei para a mulher do balcão, tentando disfarçar a insegurança que me assombrava a mente. Ela apontou para um de Ovomaltine, que de fato parecia interessante. — Esse então.

Recebemos as paletas e Sonata pagou no caixa. Não relutei ao vê-la pagar, pois se tratava de uma compensação pela briga, algo de que ela não abriria mão. Olhei de relance para meus dedos trêmulos, o punho inchado pelo primeiro soco e aquele sentimento quente que ainda penetrava meu corpo ao lembrar de tê-la tocado.

— A compensação de uma vida na palma de uma mão — murmurei com um sorriso fraco no rosto. Fingi estar distraído ao ver Sonata voltar e tomar seu lugar no banco livre, a dificuldade dela subir lhe causou embaraço.

— Odeio essas cadeiras altas. Não consigo me ajeitar nelas. — Sonata tinha pernas curtas, o que prejudicava o impulso em uma cadeira tão bamba. Já eu conseguia me sentar sem dificuldade nenhuma, graças as pernas de flamingo que tinha. Olhei para os lados procurando uma mesa normal, mas não havia. — Não se preocupe, acontece sempre.

— Você vem muito aqui? — Ela concordou com a cabeça, mordendo o primeiro pedaço da sua paleta vermelha. — Não conhecia esse lugar ainda, mas parece agradável e calmo.

— E é mesmo, aqui não tem competição para achar lugar como é no centro, além de ser menos frustrante, pois os casais adoram lugares assim e quando se vem sozinha, parece que o isolamento é automático. — Concordei, olhando para alguns sentados e conversando. — Mas hoje não estou sozinha, o que é bom.

Virei para ver seu sorriso se ascender. Não, ela não estava sozinha, era ao meu lado que comia um picolé e se sentia à vontade. Não no de Maurílio, não no de qualquer outro homem. Isso me fez rir em retorno.

— Vamos brindar a primeira vez que o

PERIGOSAS ACHERON

isolamento não nos persegue. — Coloquei a minha paleta à sua frente e fui recebido pelo choque fraco da dela. Rimos com nosso motivo de comemoração.

— E ao fato de que estamos atrasados com mais um trabalho. — Sonata tinha razão, eu nem sequer me lembrava mais do trabalho que ela tinha falado pelo celular. Olhei para seu rosto preocupado, a testa enrugava ligeiramente todas às vezes que pensava em algo grande. Dei uma mordida na paleta, ouvindo o som de alguma banda *indie rock* tocar. Era o primeiro lugar que eu não ouvia tocar pop. O que era bom, diga-se de passagem.

Sonata deixou a paleta cair um pouco e os pingos caíam na mesa, pontilhando. Ela nem sequer havia notado. Peguei sua mão e ergui para que pudesse impedir a continuidade daquilo. Ela me encarou, surpresa, e deu um meio-sorriso que derreteu meu coração. Achei que ia desmanchar ali. Tamborilando junto com o ritmo da música estava meu coração e, mesmo aquele burburinho incessante das pessoas ao redor, foi como se estivesse sozinho com ela.

Sorri, senti que Sonata ia fazer o mesmo, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

parou. Lembrou de algo. Sua cabeça desceu levemente para a mesa. Não precisava ouvir o que ela ia dizer, apesar de ter esperado pacientemente. Maurílio. Era nele que ela pensava.

— Acha que Maurílio está bem com o que aconteceu?

— Mas, afinal, o que você tanto vê nele? — Sonata ficou vermelha e baixou os olhos para a mesa. Fiquei constrangido ao perceber que meu tom de voz era mais acusador do que eu queria usar. — Desculpe, não é da minha conta.

Levantei da mesa e esperei que ela me seguisse para o lado de fora. A paleta tinha acabado e nossa motivação para conversar também. Sei que havia sido grosseiro, mas eu também tinha apanhado e estava com o orgulho ferido, então por qual razão essa preocupação doentia com Maurílio?

Deve ser assim gostar de alguém. Talvez eu que não soubesse de fato o que era estar apaixonado e no fim só me iludia em acreditar que sentia alguma coisa por Sonata. O amor poderia ter um manual para seguir, isso facilitaria meu entendimento sobre o assunto. É claro que nunca fui um monge, mas também não senti nada demais antes.

PERIGOSAS ACHERON

Como posso saber se estou realmente gostando dela a ponto de me machucar? De ter a mesma preocupação que ela com Maurílio? Pensei no que senti ao receber a ligação de Allegro, ao sair na chuva despreparado e com medo de que algo grave pudesse ter acontecido. Era como se a cada momento sem notícias eu morresse lentamente.

Ou talvez eu só estivesse com frio ou uma pneumonia? Era possível que eu estivesse gostando de Sonata além do que imaginava? Criar uma armadilha para Maurílio talvez não tivesse sido uma boa ideia, pois sentia que estava caindo como um rato nela.

— Preciso comprar armadilhas para ratos, acha que podemos passar na loja primeiro? — A pergunta de Sonata me sobressaltou. Ela nem devia imaginar que eu estava pensando exatamente a mesma coisa, só que para humanos, então, maior, bem maior.

— Claro! — concordei. Sonata entrou em uma agropecuária e atravessou as prateleiras em busca do que procurava, fiquei acompanhando-a até que nos dividimos um em cada corredor. Dava para ver pelas frestas o cabelo laranja dela cobrir seus olhos amendoados, observá-la sempre me fazia sentir

perdido. — Achou algo?

— Achei um caderno de receitas — respondeu em tom de brincadeira. Seu sorriso me procurou do outro lado das prateleiras. — Parece que estamos em um encontro, não é? Em uma loja, em corredores diferentes, olhando coisas inúteis.

— Você não teve muitos encontros, certo? — Ri ao ouvi-la falar. Sonata envergonhou-se o suficiente para voltar a esconder o rosto, me senti mal, então preferi continuar. — Eu nunca estive em um, na verdade. Sempre me falaram que encontros aconteciam em cinemas ou restaurantes, uma cafeteria de queijos, quem sabe?

— É uma boa ideia, posso usar de marketing no próximo dia dos namorados — concordou rindo. Suas mãos colocaram de volta o caderno e ela seguiu para outro corredor. Dei meia volta, parando em frente ao objeto que Sonata segurava. Era um caderno amarelo de lhama.

Acabei pegando-o de volta e pagando no caixa. Não sei se daria para ela ou simplesmente guardaria de recordação, mas pedi que fosse embalado para presente em um papel que escondesse completamente seu conteúdo. Quando procurei Sonata ela estava com várias ratoeiras na

mão e também ia pagar.

— Comprou um presente? — indagou. Concordei balançando a sacola.

— O rapaz que divide o apartamento comigo está de aniversário — menti sem saber o motivo. Apenas queria adiar o momento de entregá-lo. — Não é nada muito caro, só uma lembrança para que ele pare de me perguntar onde estão as chaves.

— Não sabia que morava com um colega — admitiu Sonata, pegando a sacola do vendedor. Saímos pela porta da frente quando troquei de lugar com ela para ficar mais próximo da rua. Ainda havia muitas poças e motoristas debochados.

— Por pouco tempo. Estou procurando um apartamento ou alojamento em que eu possa ficar. Não precisa ter muito espaço, sala e cozinha já é o suficiente, posso encaixar minhas coisas e também móveis, vou precisar disso. — Ela ouviu atentamente, pensou por alguns instantes e pareceu ter uma ideia.

— Dona Mercedes, minha vizinha, está para alugar um dos apartamentos que ela comprou ali no condomínio, posso falar com ela se quiser. — Morar ao lado de Sonata não seria uma má ideia, consigo até imaginar ela saindo de manhã de casa

com um sorriso e me dando *bom dia*. Seria bem melhor que Carlos, por mais que eu gostasse dele.

— Adoraria! — respondi de uma forma assustadoramente empolgada. Acho que parecia mais um psicopata atrás de Sonata do que um homem que verdadeiramente gostava dela. Vi muitos filmes de terror para saber. — Quero dizer, seria bom, afinal, eu tenho pouco tempo para ficar com Carlos, ele precisa de espaço também.

Chegamos ao condomínio de Sonata alguns minutos depois, Allegro nos recebeu, estava lendo com tudo fechado e o mínimo de luz. O incenso já fazia uma cortina de fumaça a envolver qualquer um que entrasse. Tossi, ainda que relutante. Era quase impossível aguentar o cheiro de menta.

— Pai! Eu pedi para não fazer isso — brigou Sonata, abrindo as janelas e deixando a fumaça desaparecer. — O senhor vai acabar se matando aqui dentro e seus olhos já não estão bons para o senhor ficar forçando para ler no escuro!

— Mas não gosto de sol, Sonatinha — retrucou, envergonhado. Ao me ver, Allegro abriu um sorriso e deixou o livro de lado. — Olha quem está aqui! Como foi o passeio de vocês. Querem comer algo?

— Nós na verdade precisamos fazer um trabalho, seu Allegro. É para essa semana. Desculpe-me por incomodar novamente. — O pai de Sonata apenas bateu com a mão no meu ombro, recebi aquilo como um conforto de que eu era bem-vindo na casa deles. — O que acha de começarmos logo, Sonata? Assim aproveitamos o resto do dia.

— Sim! Eu concordo, apenas espere um momento que vou pegar as minhas coisas. — Aquilo me fez lembrar que eu não tinha trazido absolutamente nada comigo. Teria de ajudá-la e copiar depois, era a única forma.

Sonata voltou com os cadernos, nos sentamos ao redor da mesa de centro e abrimos o conteúdo da última semana. Era incrível como ela conseguia ficar ainda mais desesperada que eu em momentos como aquele. Seu cabelo já estava revirado, transformando-a em um pequeno leão. Sonata sempre bufava quando não conseguia a resposta, o que sempre me fazia rir internamente.

Allegro trouxe café e pão de queijo que tinha recém assado. Quando terminamos tudo já passava das 20h, a mesa e o trabalho estavam cheios de farelo, as xícaras borradas com o café seco que restou e metade dos papéis estavam amassados,

jogados no chão.

De um lado, caído na mesa estava eu, enquanto Sonata ocupava o outro lado, deixando seus cachos caírem em cascata, parte nos olhos. Fiquei com vontade de tocá-la, foi irresistível, dominando todos os meus músculos de uma forma penetrante. Enrijei os músculos, respirei várias vezes com mais e mais força.

Cheguei à conclusão de que não bastava estar perto dela e não poder tocá-la, que essas eram coisas que meu corpo e meu coração jamais permitiriam. Eu não conseguiria vê-la com Maurílio e sabia disso, mas era algo que Sonata queria e isso importava mais do que meu desejo e medo.

Estiquei a mão, os dedos tocaram levemente seu cabelo, tirei-o do rosto e a vi me encarar com os olhos amendoados, cheios de surpresa, mas sem constrangimento. Era algum tipo de contemplação, não da mesma forma que eu, mas uma sombra fraca do que sentia.



Capítulo 13

Covardia é uma palavra forte. Sempre achei de uma intensidade que ninguém merecia ser chamado, mas fui claramente alvo desse adjetivo e agora me revirava no sofá da sala, bufando feito um boi bravo, indignado com a minha própria incapacidade de manter o momento mais doce que tive com Sonata.

Sim, eu fui embora assim que nossos olhos trocaram um silêncio nada reconfortante, mas extremamente dominante. Fiz isso por não saber o que falar em seguida, chocado com o fato de ter tocado o cabelo dela sem mais nem menos. Ainda sentia a textura dele entre meus dedos.

— Ah! Que droga! — irritei-me novamente, virando para o lado de fora do sofá. — Por qual razão eu fiz isso? Que imbecil! O que estava pensando? Que ela ia me beijar? Que eu podia tocá-

la?

— Você a tocou? Onde? — indagou Carlos, saindo de trás do sofá e se sentando ao meu lado. Nem sequer tinha percebido a presença daquele infeliz, e agora não podia deixar de contar o que havia feito. Ele esperava pacientemente, como se a caça estivesse próxima a cair em sua pergunta, no fim eu estava mesmo.

— O cabelo dela. Estávamos descansando depois de horas fazendo um trabalho de faculdade e eu acabei vendo o cabelo dela caído nos olhos e puxei, tirando-o. — Quanto mais eu falava mais me sentia deprimido e envergonhado. Suspirei abalado.

— Achei que tinha sido pior pelo jeito que você está bufando. Não tem nada de errado tocar no cabelo de uma garota para ajudá-la a tirar dos olhos. — Virei para Carlos com um olhar de ódio, ele pareceu sentir que sim, havia mais. — Você não saiu correndo, né?

— Nem me despedi — concordei, tapando o rosto com as mãos. Ouvi Carlos soltar uma risada baixa, controlando-se para não me constranger ainda mais. É claro que não precisava da ajuda dele, já fiz isso o suficiente. — Ela disse que vai encontrar um apartamento lá no condomínio dela.

Agora, prefiro estar do outro lado do mundo se fosse possível.

— Com o seu dinheiro é — lembrou Carlos, tomando outro gole do seu café. — Vai dar continuidade ao plano de fazer Maurílio gostar dela? Pois, se for, suas ações podem ter comprometido um pouco isso.

— Isso eu já sei, mas respondendo a sua pergunta: sim! Não quero perder a amizade de Sonata, percebi que encontrá-la me trouxe coisas novas, sentimentos, decisões. Coisas que eu estava precisando — contei, sabendo que parecia bem egoísta precisar dela para continuar seguindo decisões que eu devia tomar por conta própria.

— E se gostar se tornar uma paixão? — continuou, me fazendo encará-lo com receio. Carlos percebeu aquilo e respirou profundamente. — Não sei quanto aos seus sentimentos, Lucas, mas chegar a amor sem que esteja preparado para não o ter pode lhe deixar uma cicatriz incurável.

— Você já amou alguém? — Ele concordou com um aceno. — Por qual razão nunca se casou com ela? É a mesma situação?

— Mais ou menos. Ela gostava de mim e eu dela, mas tínhamos princípios completamente

diferentes e isso causou problemas dentro de casa, coisas que não se resolviam só com o que sentíamos um pelo outro. — Carlos fez uma pausa, relembrando de algo no seu passado. — Dividimos tudo igualmente, ela levou as fotos e me deixou os porta-retratos que ainda mantenho na estante.

— Conseguiu ao menos gostar de alguém depois disso? — questionei, vendo que ele sorria de forma cabisbaixa. — Parece que não... — concluí.

— Nós chamamos de amor um sentimento único, mas não funciona dessa forma. Nunca amamos o mesmo ser com a mesma intensidade. Então é impossível lhe dizer que amei alguém mais do que ela. — Carlos terminou seu café, colocou a xícara na pia e deixou o apartamento junto de seus pensamentos.

Fiquei observando os porta-retratos, vazios, descansando nas prateleiras empoeiradas. Um amor que não se abandonou por completo, era o que mostravam. Acabei demorando mais para chegar na Rainha do Queijo, poderia chamar de desmotivação, mas na verdade estava relutante em encarar Sonata.

Ao chegar lá, encontrei-a limpando as mesas e com todos os quitutes a postos, parecia que tinha

levantado muito cedo, mas suas olheiras deixaram claro que ela não tinha dormido na noite passada e estávamos ainda mais parecidos. Teria sido pela mesma coisa que eu?

— Bom dia — cumprimentei em tom formal. Não sabia que outro tipo de abordagem poderia fazer. Sonata pareceu sentir a mesma coisa e respondeu um *bom dia* ainda mais robotizado que o meu. Coloquei o avental, conferi o que tínhamos à mostra para não esquecer de nada e, quando voltei a encarar Sonata, ela estava de pé do outro lado do balcão.

— Eu consegui a chave do apartamento para te mostrar hoje à tarde. Você teria tempo? — Fiz que sim, sem pensar na agenda ou em Carlos. Depois cuidaria de ambos. — Bom, Allegro disse que não vai ter muito movimento hoje. Então, podemos ir tranquilos.

— Como ele sempre sabe que não vai ter movimento? — Ela deu de ombros e apontou para alguns duendes que pela primeira vez reparei. — Ele acredita nisso?

— Sim, não apenas acredita como passa um bom tempo limpando-os para que fiquem felizes — explicou sem entusiasmo. Parecia que ela não

partilhava do mesmo pensamento de seu pai. — Sobre ontem...

— Eu pensei em algo diferente para aproximar você de Maurílio — falei com um sorriso amarelo, desesperado por evitar qualquer conversa sobre ontem. Ela se surpreendeu e concordou com alguns acenos, não tão interessados quanto das últimas vezes. — Já lhe disse que Maurílio não culpa você pela briga. Fique tranquila.

Trabalhamos pouco naquele dia e na maior parte do tempo só ouvimos a voz de Allegro cantar alguma música gaúcha que eu desconhecia. Sua bunda passava pelas mesas, limpava os pratos ou conversava com os clientes como se fossem íntimos. Assim como ele tinha falado, não teve movimento, o que me fez olhar para os duendes por um tempo.

Eles funcionavam mesmo? Talvez fosse apenas questão de sorte, era difícil dizer. Peguei um deles na mão e fiquei observando as bolinhas brancas em sua roupa vermelha. Podia ser uma decoração de natal com tantas cores. Allegro parou atrás de mim e estreitou a cabeça para ver o que eu segurava.

— Agora, você só precisa fazer o pedido —

contou, dando-me um susto. Larguei o duende na bancada e voltei a olhar para os clientes. — Já sei, você não acredita nisso. Contudo, sabe que desde pequeno escuto os talentos dos duendes em conseguir coisas para nós.

— Do tipo? — indaguei fingindo interesse. Ele começou a listar algumas coisas sem importância, como objetos que perdeu na infância, sobre saber quando um temporal vai cair e etc... Mas só dei valor mesmo quando ele começou a falar sobre constrangimento.

— Eles são ótimos em nos livrar de situações constrangedoras, principalmente as que ardem nosso coração e incomodam nossa mente. — Fiquei olhando para Allegro me perguntando o quanto ele sabia da noite passada. Seu sorriso se abriu, e com um tapa no ombro foi para a cozinha.

Voltei a olhar o duende e a pensar que talvez não fosse uma má ideia pedir algo ao objeto. No pior das hipóteses, eu teria de ouvir Sonata falar sobre não tocar nela e que fui um invasor. Quem sabe até me demitir. Peguei o duende e olhei fixamente naquelas duas bolas negras.

— Sem constrangimento. Sem constrangimento — pedia em voz baixa. — Sem

constrangimento. Sem constrangimento. — Allegro não tinha falado quantas vezes eu precisava conversar com o objeto, mas fiz quatro por garantia e teria continuado.

— Você está falando com um duende? — perguntou alguém atrás de mim. Larguei o objeto novamente e virei para atender uma cliente loira, alta, que me parecia muito familiar. Demorei, mas reconheci pelo laço vermelho no seu cabelo que ela era da nossa turma da faculdade.

Resumindo: constrangimento 1 x 0 duende.

— Ah! Olá, posso lhe ajudar com seu pedido? — Ela negou com a cabeça de forma ríspida. Parecia não entender o que eu estava fazendo ali. Ao encontrar o olhar com o de Sonata, ela abriu um sorriso simpático.

— Linda, precisa de algo? — Isso, esse era o nome da infeliz! Não tinha como lembrar depois de tanta gente indo e voltando naquela turma. A garota tirou um caderno de dentro da bolsa e entregou para Sonata, que agradeceu. — Foi proveitoso?

— Sim, deu para utilizar bastante coisa para o trabalho, obrigada. — Ela virou para me encarar novamente e, com um sorriso frio, acenou. — Bom, vou indo, nos vemos na faculdade. Até mais, So.

Linda saiu pela porta da frente enquanto Sonata guardava o caderno e o avental. Queria saber que tipo de informações ela tinha passado para a garota usar? Conhecendo os professores, era provável que qualquer tipo de semelhança equivaleria a pontos descontados. Sonata sabia disso?

— Vamos lá ver o seu apartamento? — Fiz que sim e retirei o avental, acompanhando-a enquanto Allegro tomava meu lugar e ajeitava o duende no lugar. — Você já conhecia a Linda? — perguntou enquanto caminhávamos.

— Lembrava do rosto dela, mas nunca falei com ela. Sobre que trabalho ela estava falando? — perguntei, Sonata confirmou minhas suspeitas, era o que tínhamos trabalhado ontem de tarde. — Nossa, em que momento? Saí tão tarde da sua casa. — Fiquei ressentido, dava para sentir na voz, mas ela não percebeu.

— Linda me ligou ontem um pouco depois que você saiu, perguntou se eu tinha feito o trabalho para emprestá-lo, pois ela esteve o dia todo ocupada e não deu conta de fazer uma linha do dela — contou com um misto de dó e alegria por ter ajudado alguém. — Hoje quando chegar da

faculdade vou fazer as alterações no nosso para entregarmos sem estar parecido.

— Ela poderia ter feito isso já — retruquei, mas Sonata deu de ombros. — Realmente não se importa que ela tenha copiado o trabalho e que agora você vá ter de ajustar o seu?

— Linda está muito ocupada com o clube de Relações da faculdade, é mais fácil que eu consiga ajustá-lo do que ela. — Aquilo fez uma raiva borbulhante subir no meu estômago. Eu tinha certeza de que Linda nem sequer se importava com Sonata ou havia percebido que ela já estava com olheiras e cansada de tanto trabalho.

O modo como agiu, olhou, sorriu, tudo era um indicativo de proveito, ainda assim, a garota dos pães de queijo estava inconsciente a esse fato, e me perguntei se essa bondade misturada com tolice fazia parte da educação simpática que Allegro devia ter lhe dado.

Queria dizer algo para ela, mas só pude engolir aquele sapo pensando que talvez fosse melhor permitir que Sonata continuasse com a amizade que tinha criado já que eu só era mais um novato em sua vida, sem direito de lhe dizer o que fazer e como agir. Já sentiu correntes prendendo

PERIGOSAS NACIONAIS

sua língua? Eu estava começando a perceber-me cheio delas.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 14

O apartamento que Sonata me mostrou era ótimo para as minhas necessidades e barato para a carteira que agora tinha. Eram dois cômodos apenas, uma cozinha e um quarto com banheiro que tinha apenas uma elevação para o chuveiro e o vaso lado a lado. Não era de luxo, com divisões de cortina e móveis de segunda mão.

— Ela disse que planeja redecorar, então os móveis serão trocados ao longo da sua estadia, pediu paciência enquanto fica aqui. — Concordei, sem me importar com o tempo que iria demorar. Da minha janela, era possível ver a casa de Sonata do outro lado do pátio, o que me deixou com calor no peito e com a sensação de que morreria feliz.

A visita não demorou muito, logo nos dividimos e fui para o escritório. Teria sido melhor se Carlos não tivesse repassado a pilha de atrasados que eu precisava resolver, sendo que já estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cansado de tantos papéis. Meu pai não falou comigo depois daquele dia e nem sequer o encontrava nos corredores, mas sabia, por bocas miúdas, que a situação se agravava.

O pai de Maurílio tentava convencer os demais acionistas a tomar outro presidente, alguém competente e responsável como seu filho. A promessa de voltar a reunião e dizer se estou ou não preparado depois da faculdade, era o que mantinha essa decisão ainda longe de ser tomada. Talvez eu começasse a sentir uma pressão maior daqui para frente.

Fui para a faculdade arrastando os pés, mas cheguei tão inteiro quanto poderia. Era apenas segunda e eu já me via sendo pisado pela faculdade e meus dois trabalhos de meio período. Não conseguia imaginar o que faria quando tivesse de voltar ao TCC.

Sonata sorriu ao me ver, mas não chegamos a conversar antes da aula. A professora se antecipou e começou a passar informações no quadro quando nem tínhamos esquentado a cadeira ainda. Era mais um trabalho, outro que teríamos de fazer em grupo e do qual eu estava desesperadamente com vontade de escapar.

PERIGOSAS ACHERON

Mais uma noite me faria perder os cabelos, eu tinha certeza.

Maurílio virou para falar comigo assim que a professora anunciou o trabalho em grupo, o que me deu uma ideia para continuar ajudando Sonata, estando ou não com vontade de fazê-lo. Precisávamos de mais duas pessoas e encontrei ambas ali do meu lado, Linda e Sonata conversavam alguma coisa, mas sem um envolvimento de amizade aparente.

— O que acham de fazermos o trabalho juntos? — perguntei quando ouvi elas discutirem sobre quem chamariam. Sonata concordou de primeira, mas Linda deu uma olhada para Maurílio primeiro e depois aceitou. Não sei o que tinham, mas pareciam extremamente simpaticas. — Acha que podemos fazer na *Rainha do Queijo*?

— Claro! Posso fechar a loja mais cedo amanhã e nos encontramos lá para trabalhar. — Todos concordaram com lugar e horário estipulado, mas tomei a liberdade de anotar o telefone de Linda, a única pessoa com quem não tinha contato direto e, portanto, se precisasse de alguma coisa emergencial, poderia avisar ela.

Fui para casa, trabalhei no dia seguinte e fiz

questão de ligar para Linda e cancelar o compromisso. Ela não estranhou a princípio, parecia até esperar pelo dito cancelamento, mas não tomei nota disso. Continuei com o plano de Maurílio e Sonata se encontrarem sozinhos para o trabalho.

Vou dizer que foram as horas mais torturantes do mundo. Eu só conseguia olhar para o teto, sacudir meus pés freneticamente e puxar a camisa com os dentes, tentando ignorar a vontade que me fazia querer sair do sofá e chegar lá chutando a porta. Carlos chegou mais tarde naquele dia, me viu e deu um sorriso sarcástico.

— Achei que você tinha trabalho hoje. — Fiquei surpreso com o fato de ele saber, já que eu não tinha comentado absolutamente nada sobre o assunto. — Maurílio me contou — explicou. — Disse que estava animado em deixar você ficar sozinho com a sua paquera. Sabe o que isso significa?

Levantei na mesma hora. Olhei o telefone, não havia qualquer sinal de ligação de Sonata. Ele não poderia ter faltado também, poderia? Tomei a blusa nas mãos e saí sem me despedir de Carlos. Corri para a *Rainha do Queijo* como se isso dependesse

de toda a minha existência, mas tive fôlego quando comecei a avistar a loja e suas luzes ligadas.

Sonata estava dentro dela, debruçada sobre a mesa. Cabisbaixa, olhava os pães de queijo que pareciam ter sido assados recentemente e a fumaça que saía de um bule de café. Entrei na loja e a vi me encarar com esperança, uma que não fugiu de seus olhos, ao contrário, intensificou-se mais em um sorriso constrangido.

— Acho que estão todos ocupados hoje — explicou, como se precisasse fazer isso. Ela se levantou e caminhou até a metade da loja, as mãos torcendo a barra do vestido que usava, enquanto os olhos minguados tentavam evitar as lágrimas. — Você também teve um dia cheio?

Não respondi. Andei até ela, sentindo o tempo parar para que eu pudesse alcançá-la sem ser repellido. Minhas mãos se acomodaram em suas costas, recebendo o corpo dela confortavelmente contra meu peito, seu rosto deslizando pelo tecido do blusão e aconchegando-se como se eu tivesse sido feito especialmente para isso.

Deixei meu queixo apoiar no topo de sua cabeça, sentindo a textura do cabelo dela tocar na minha pele, causando arrepio que correu por todo o

meu corpo. Eu sabia que estava lhe dizendo sem palavras nenhuma, só com o som do meu coração, que eu gostava dela. Contudo, o medo de não ser claro me torturava o suficiente para me fazer murmurar.

— Fique ao meu lado. — Ela se remexeu, deixou as mãos subirem no meu moletom e segurarem com firmeza a roupa. Ela chorava, senti seu corpo soluçar levemente e o rosto penetrar ainda mais no esconderijo que Sonata tinha visto em mim.

Minha mão acariciava seu cabelo quando ela se afastou enxugando o rosto umedecido. Não soube o que dizer naquele momento, apenas fiquei observando-a em seu ritual de limpeza e fôlego para se recuperar das emoções que queriam fazê-la continuar em lágrimas.

Como meu coração morria por ela. Era tão difícil controlar a intensidade do que eu sentia. Sonata tinha uma influência enorme no meu coração e em outras partes mais, diga-se de passagem. Nunca consegui imaginar que alguém fosse capaz de fazer algo assim, deixar o ar rarefeito. Como eu queria que ela ficasse comigo. Que me visse como um homem e não apenas como

aquele amigo que chegou convenientemente para lhe ajudar. Eu a amava, se é que sabia o que isso significava. Se é que não era apenas um louco enganado pela própria carência. Alguém deixando-se levar pela confiança de que podia ser alguém que valia à pena. *Mundos diferentes*. O muro denso e intransponível. Eu me perguntei várias vezes se conseguiria destruí-lo caso Sonata esticasse a mão em minha direção. Até ali, permanecia sem resposta.

— O que quer dizer com fique ao meu lado?
— perguntou. Senti meus lábios secarem na mesma hora, a garganta parecer arranhada. Até as minhas mãos que estavam tão seguras de si quando abraçaram Sonata, agora tremiam descontroladamente. O que eu responderia? Queria que ela soubesse que estava gostando dela com uma confissão daquele tipo?

Fique ao meu lado. Nem sequer era digno do que eu sentia por Sonata mesmo que fosse tudo o que eu conseguisse dizer no momento. Olhei para os lados, cocei os cabelos próximo a nuca e esperei que ela simplesmente nunca tivesse feito aquela pergunta, mas seus olhos continuavam me observando em busca do que eu evitava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tive um dia ruim — menti, como se isso fosse a resposta ideal para a pergunta. Sonata continuou em espera, procurando saber mais sobre o que aquilo queria dizer. Tomei fôlego, pensei em todas as alternativas e concluí que não era o momento para lhe falar a verdade. — Precisava que alguém ficasse ao meu lado hoje, desculpe, devo ter sido inconveniente.

— Não foi — falou imediatamente, o sorriso fraco abrindo-se em seu rosto. — Eu que devo ter sido inconveniente por chorar quando você é quem estava com problemas.

— Sempre podemos chorar juntos quando tivermos problemas. — Recebi uma confirmação fraca dela. Percebi que a minha sentença completava por si só com um “é o que amigos fazem”. O que me deixou com um nó na garganta terrível.

Tinha acabado de fazer uma confissão e corrigido em tom de amizade, isso sim era ser muito trouxa. No fim, minha experiência era sempre levada embora quando se tratava de Sonata, pois eu me via num barco no meio do oceano sem um porto para me sentir seguro.

— O que acha de comermos os pães de queijo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e tentar fazer um pouco do trabalho, afinal você veio mesmo com seu dia tendo sido ruim. — Concordei, um pouco envergonhado, e tomei uma das cadeiras. O pão de queijo realmente era fresco, assim como o café. Sonata tinha fechado a loja mais cedo e preparado tudo nos conformes.

— Está uma delícia — respondi me sentindo mal por ter acreditado que não ir faria ela e Maurílio ficarem juntos. Maurílio. Pensei nesse nome com certo rancor. Como ele podia ter feito isso conosco? Faltado sem mais nem menos? Ele é quem tinha sugerido o trabalho comigo. Só comigo? Seria essa a resposta?

— Você trouxe seus cadernos? Podemos começar? — concordei. No meio da mesa distribuímos as pesquisas e a digitação. No notebook que eu tinha trazido digitei grande parte do trabalho, enquanto Sonata falava sobre o que tinha descoberto e sua própria experiência.

Colocamos toda nossa força mental ali, enquanto o café esfriava e o pão de queijo esgotava, percebíamos que a situação ruim também desaparecia de nossas cabeças. Rimos muito naquela noite, o que tornou mais fácil os estudos conforme a dificuldade nos alcançava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que estamos bem por hoje — comentei me esticando na cadeira. — Falta a apresentação, mas para isso eu tenho planos melhores. Então, deixe comigo. — Sorri ao ver que ela bocejava. — Estou cansado também.

Olhei para o lado de fora, o sol começava a aparecer e entrar pela porta de vidro. Não teríamos muito tempo para descansar, pois a loja precisava ser aberta e os clientes atendidos. Fiquei me perguntando quantas vezes Sonata precisou fazer tudo isso sozinha? Conciliar a faculdade, o trabalho, a casa e sua própria vida.

Eu, sempre que precisei de folga, tirei para os estudos. Sempre que me via atolado de trabalho, Carlos levava metade para casa e os adiantava. Nunca tive problemas com onde morava e a minha vida se tornava mais fácil. Eu era privilegiado, apesar de não perceber isso antes.

Nem sempre um teto em sua cabeça significava que seria mais fácil. Agora consegui entender melhor isso. Olhei para Sonata, ela tinha adormecido na mesa. Toquei sua mão de leve, ela estava gelada e eu não percebi antes, mas suas roupas não eram suficientes para o frio da madrugada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirei meu moletom e coloquei por cima de seu ombro, fui até a cozinha e fiz o que Allegro tinha me ensinado quando Sonata estava doente. Coloquei o avental, distribuí os pães de queijo e sovei a massa dos pães, deixando a batedeira finalizar as massas dos bolos. Provavelmente nada seria tão bom quanto o que ela fazia, mas adiantar aquilo me fez sentir mais prestativo que em anos no escritório.

Limpei a mão, ajeitei os quitutes prontos no balcão e preparei o caixa para receber os clientes do dia quando o café já penetrava por cada canto da loja. Sonata levantou a cabeça, esticou-se e deu um longo e preguiçoso bocejo. Fiquei admirando como o sol tocava seu cabelo e a sua pele, deixando-a com uma aparência tão cálida.

Eu era louco para senti-la novamente no meu abraço.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15

Quando saí da loja, o céu estava cinzento e parecia escurecer cada vez mais no horizonte. A chuva que vinha do mar era sempre a pior, e sem dúvida deixaria Sonata novamente com medo ao ponto de paralisar. Por sorte, naquele dia, ela já tinha ido cedo para casa e Allegro garantiu que a loja não seria um problema. Talvez lá ela se sentisse menos aflita.

Peguei nas mãos o celular quando começou a vibrar. Na tela estava o nome de Maurílio, o que fez meus dedos enrijecerem na mesma hora. Se eu atendesse, o que falaria? Brigaria por ter feito Sonata chorar ou simplesmente agradeceria por ele ter perdido mais uma chance de conquistá-la? Fiquei na dúvida, mas apertei o botão de atender mesmo assim.

— Pode falar seu furão. — Ouvi uma risada

esganiçada do outro lado. Maurílio parecia contente com algo que só ele entendia. Esperei uma explicação, mas continuei sem qualquer resposta do outro lado. Meu coração pulava de ódio, senti até uma leve dor de cabeça por causa da intensidade que meus dentes pressionavam um contra o outro. — Você me ligou apenas para rir?

— Estou estranhando seu jeito grosseiro. Era para você estar feliz, homem! Como pode depois de uma noite de amor você estar com esse temperamento. Devia me agradecer assim que atendesse o telefone. — Fiquei confuso. Algo que eu deixei escapar estava gritante na minha mente. O que ele queria dizer com isso? Que porra afinal ele estava pensando ao deixar a Sol sozinha? O que eu iria agradecer? Tudo o que mais desejava era enfiar a cara dele na rua e esfregar no piche. Meu silêncio fez Maurílio continuar. — Vamos nos encontrar para você me contar tudo. Ainda não almoçou, certo? Vamos comer no restaurante perto do seu trabalho.

Desliguei o telefone e segui para o lugar combinado. Não podia estar mais preocupado com aquelas palavras. De onde Maurílio havia tirado a ideia de que eu e Sonata estávamos nos pegando?

Eu nem sequer tinha cancelado com ele. Aquele idiota só podia ter inventado alguma merda com seu cérebro de minhoca.

Entrei no lugar abarrotado ao meio dia, Maurílio fez sinal para que eu o acompanhasse na mesa escolhida e fui servido por uma taça de vinho previamente pedida por ele. Seu rosto de lobo ergueu a sua em um brinde e cumprimento, enquanto eu apenas o ignorava.

— Quero um filé duplo com bastante cebola — pediu Maurílio ao garçom que havia encostado na mesa. Olhei, incrédulo. Ele estava com cara de quem tinha ganho em alguma loteria. Sonata chorando voltou à minha mente, preenchendo aquelas dúvidas com ainda mais rancor do meu amigo. — E, você? Quer um frango bem temperado ou cansou disso.

— Macarrão com carne moída — falei, ignorando a piada de Maurílio. O garçom anotou os pedidos e nos deixou sozinhos. Decidi que era hora de conversar e coloquei a taça para o lado. — Por qual razão você faltou ontem? Nós tínhamos marcado para fazer o trabalho!

— Qual é, Luca! Até parece que era esse o motivo. A Linda me contou tudo, ela falou que

você e a Sonata se gostam e provavelmente era para dar uns pegas nela. Não queríamos atrapalhar, até porque faz tempo que nenhum dos dois dá uma dentro, não é? — Fiquei de boca aberta ouvindo aquilo. Maurílio escutava sua própria voz ou ele era realmente pouco cordial quando se trata de sexo?

— Do que você está falando? Não percebe como está sendo imbecil, Maurílio? — indaguei batendo com o punho na mesa. — Não sei de onde a Linda tirou isso, aliás, nem sei como vocês se falam tanto, só que eu e a Sonata não temos nada e você não tem nem o direito de falar sobre a vida sexual de qualquer pessoa dessa maneira.

— Calma, Lucas. — Maurílio levantou a mão, percebendo que algumas pessoas nos encaravam. — Eu e a Linda estamos em um rolo, sabe? Ela me disse isso e eu, como achei que eram amigas, acreditei que você preferia ficar com Sonata e tudo mais. Vai me dizer que ao menos você não sente algo pela ruiva?

Fiquei calado. O garçom trouxe a comida e Maurílio deu uma longa garfada, mastigando e engolindo como se jamais tivesse comido algo tão maravilhoso em sua vida. Eu tinha perdido o apetite, mas acabei empurrando algumas garfadas

para dentro.

— Não vai me responder? A ruivinha não te interessa? — Encarei-o sem responder. Meu prato parecia cada vez mais atraente para jogar em Maurílio, o que aconteceria se ele continuasse falando.

— O nome dela é Sonata — respondi, dando valor ao fato de nomear alguém. Ela era importante para mim, mas principalmente era uma pessoa e não havia motivos para dar apelidos quando se tem um nome. Maurílio pareceu surpreso e abanou a mão como se aquilo não importasse.

— Para de falar como se ela fosse importante, Lucas. Entendo que você goste de ficar com ela, que se divirta naquela pocilga de queijos, mas, no fundo, não tem como escapar do seu destino cara. — Ele fez uma pausa para mastigar outro naco de carne. — Você vai precisar se livrar da pobretona, é o que seu pai vai querer.

Parei de comer naquele mesmo momento. Meus punhos cerraram no garfo que tinha em mãos, a saliva descia com dificuldade pela garganta. Senti meus músculos enrijecerem, o ódio aumentar a cada minuto, principalmente ao ver Maurílio continuar a vida como se não tivesse falado ainda

mais merda.

Ele não sabia, mas eu levava muito a sério meu novo emprego, Sonata e principalmente a ausência do dinheiro e influência de meu pai, enquanto ele continuava com aquela fralda grudada em sua bunda. Levantei-me da mesa chamando a sua atenção, tirei a toalha do colo e joguei em cima do prato.

— O que está fazendo, cara? — indagou. Eu o encarei com tanto ódio que sentia todo o espaço ao meu redor desaparecer conforme Maurílio abria a boca. — Vai dizer que se ofendeu? Não é possível que está levando a sério essa garota, mais do que nossa amizade, cara. É só mais uma.

Queria dizer para ele que não era simplesmente mais uma, mas alguém que curtia um cara como Maurílio e que nem sequer o conhecia direito. Era uma menina dedicada, amorosa e que quando sorria meu coração quase pulava pela boca. Claro, ele não sabia disso.

Ele jamais entenderia o que eu estava sentindo e decidi que contar para ele sobre Sonata já não valia mais à pena. Agora, eu estava disposto a conquistá-la não importando o que precisasse fazer, nem mesmo se isso significasse manchar a

reputação de Maurílio e destruir o príncipe que ela tinha construído nele.

— Tenho que ir. Pague a conta, te ouvir já foi mais do que eu aguento — falei me retirando do restaurante. Ouvi Maurílio esbravejar, mas preferi apenas ignorar. Atravessei a rua até a empresa, na expectativa de que um tempo isolado me fizesse pensar em tudo. Eu realmente era rico, mas não pretendia que esse dinheiro separasse o que eu mais queria no mundo.

Eu podia morar em qualquer lugar, abandonar a empresa do meu pai e seu nome, mas não conseguia sentir a mesma coisa quando pensava em Sonata. Sabia que havia algo errado comigo, um sentimento que me tomava por dentro e fazia dela a única que eu não tinha certeza se seria capaz deixar ir embora.

Carlos tinha razão, eu havia aceitado ajudar a garota que gostava, armando coisas para que eles pudessem ficar juntos, mas o efeito disso em mim era avassalador e quanto mais tempo eu passava com ela, mais fundo na armadilha eu caía. O rato era eu, o queijo era Sonata.

Entrei na sala me deparando com Carlos organizando os papéis. Lembrei que ele almoçava

cedo e preferia também voltar ao trabalho antes que perdesse o pique. Seus olhos encararam o meu estado deplorável e, com um suspiro, serviu-me café.

— Sabe que seu corpo pode não aguentar essas jornadas por muito tempo, não é? — Fiz que sim. Entendia isso, o problema era impedir que as coisas continuassem nesse fluxo descontrolado. Ele me entregou a xícara e sentou no banco do outro lado. — Como foi sua noite de estudos? Ela estava muito triste?

— Quem não estaria? — retruquei a pergunta virando para ver a paisagem da janela atrás de mim. — Sabe o que Maurílio me falou? Que achou que eu estava pegando Sonata e me deixou ficar um tempo com ela para me divertir. Ele ainda disse — ri amargamente daquilo — que ela tinha de ser só uma diversão já que minha família não aceitaria isso.

— E, você está disposto a lutar contra essa verdade? Pois, por mais dura que seja, Maurílio tem um pinga de honestidade em suas palavras. Sonata não seria aceita pela família. — Ele fez uma pausa para que eu pensasse no que tinha falado. Engoli o café como se fosse a última xícara que

beberia na vida. — Ela não é um passatempo para seu coração?

— Acho que ela nunca foi uma brincadeira. Nem mesmo quando eu a vi pela primeira vez abrindo sua loja. — Quanto mais refletia e falava sobre Sonata, mais a certeza se vinculava ao meu corpo. — Sempre fui consciente do que queria para a vida, minha saúde, mas é verdade que jamais tive coragem de assumir riscos.

— Então, agora está disposto a isso? — Fiz que sim em resposta. A mão não estava mais trêmula, ao contrário, tão firme quanto a minha decisão se mantinha. — Vai se mudar da minha casa quando?

— Já quer se livrar de mim? Já sei! Não quer que meu pai saiba que está ajudando o filho a ficar com uma garota que ele não aprovaria? — perguntei em tom de deboche, ainda que minhas palavras saíssem com uma verdade crua. Ele sorriu, mas não como se achasse graça.

— Não quero me livrar de você, Lucas, e menos ainda me importo sobre estar ajudando-o com suas escolhas. Nunca fiz isso antes, não será a primeira vez agora. — Ele fez uma pausa, levantou-se e serviu de café. Esperei

pacientemente. — O que estou dizendo é que preciso saber se aguento a pressão de novo e não posso fazer isso com você na minha casa.

— Como assim? — Ele ergueu a xícara em direção ao andar de cima. Perguntei com um dar de ombros, pois não entendi.

— Vou pedir a Luana em casamento — contou com um resquício de timidez passando pelo rosto. Eu bati na mesa de tanta alegria que senti e corri para abraçá-lo com força. Carlos finalmente poderia ser feliz novamente, e isso não podia ser melhor. — Não precisa toda essa emoção. Ela nem aceitou.

— Só de saber que não vou te ver mais naquele lugar desorganizado e sozinho, me dá um alívio. — Peguei um talão de cheque nas mãos e encarei Carlos. — No que posso lhe ajudar para se livrar daquele ambiente ou ao menos deixá-lo agradável.

— Pode apenas sumir de lá — retrucou com um meio-sorriso. Fiz uma careta de ofendido, a mão aberta contra o peito. *Ele realmente tinha dito que eu deixava o ambiente desagradável.* Um secretário audacioso e bom, pode ser um problema. Carlos me deixou na sala para continuar com seus

PERIGOSAS NACIONAIS

afazeres. Passei o resto do dia sorrindo ao pensar que não veria mais os porta-retratos vazios.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 16

Cheguei cedo na loja no dia seguinte, coloquei as coisas na bancada e procurei Sonata. Era o dia que eu poderia me mudar para o apartamento, portanto, queria ter certeza de que estava tudo certo. Vê-la me fez lembrar de Maurílio e engolir em seco o fato de que eu não poderia cumprir mais a promessa de ajudá-la. Ela teria de desistir dele, pois, nessa vida, meu amigo jamais trocaria o dinheiro por ela. Ele era alguém que queria ficar na mordomia e jamais daria motivo para seu pai lhe arrancar tudo. *Não*. Maurílio jamais faria isso por um rabo de saia. Amava demais a liberdade e de menos qualquer companheira que pudesse ter. Talvez fosse bom, Sonata não precisava daquilo. Ela não tinha de lidar com alguém objetificando até mesmo quem lhe amava. Pesando seu valor em uma balança de carne.

— Papai disse que hoje vai estar muito movimentado, espero que dê tempo de colocarmos suas coisas em ordem. — Fiz que sim, pensando nas coisas que ela provavelmente acreditava que eu tinha, mas que na verdade era nada resumido a nada. Precisava pensar em algo que me fizesse passar menos vergonha, Carlos teria de me ajudar.

— Seria bacana, mas não tenho pressa. — Ela me encarou com seus olhos castanhos perfeitos fazendo meu coração incendiar com o leve contato. Baixei a cabeça, envergonhado. — Sabe, Sonata, eu queria lhe perguntar se você teria interesse em...

— Cheguei! — gritou Allegro da porta, me fazendo ficar quieto na mesma hora. Engolir aquele que poderia ser um convite para um encontro foi mais difícil do que a comida da minha madrasta. — Estou muito animado por hoje.

— O senhor chegou cedo, seu Allegro. — Minha frase saiu com uma tranquilidade que meu interior não esboçava. Ele tinha todos os dias para chegar cedo, mas logo hoje, algo em sua chave biológica mudou, era realmente sacanagem do destino.

— Papai pensou em algo interessante para a loja, ele quer aplicar logo, por isso está aqui tão

cedo e animado — contou Sonata, sem revelar o que era. Esperei para ouvir de Allegro, que apenas tirou do bolso uma folha com desenhos estranhos rabiscados e algo que parecia ser *entrega delivery* no canto.

— Isso é uma bicicleta? — indaguei, recebendo a confirmação afoita dele. Senti que iria começar a suar em pleno inverno com aquela notícia, ao menos com o que eu tinha previsto que seria a grande ideia dele.

— Para aumentar as vendas, iremos passar a entregar os pedidos direto no endereço que os clientes quiserem! Será um sucesso total. Já até consigo imaginar as caixas de pão de queijo na parte de trás da bicicleta e você montado nela, Lucas. — Era lindo saber que ele me imaginava assim, logo eu que nem sequer sabia me equilibrar em uma.

— Será uma visão incrível, seu Allegro — concordei com um sorriso amarelo, sentindo que iria desmaiar se continuasse a pensar na vergonha que passaria em frente a Sonata. Nem sequer pensava mais no safado do duende, quando me veio à cabeça que o constrangimento marcaria mais um ponto. — Vamos torcer para que dê certo!

Sonata sorria sem saber que na próxima vez que me visse, eu provavelmente estaria esborrachado no chão, destruído pela vergonha e querendo um buraco na terra para enfiar minha cabeça e não sair mais.

Enquanto todos estavam tranquilos, eu ainda suava frio. Passei a manhã sem saber como conseguir uma desculpa plausível para isso. Acabei deixando a loja passava das 13 horas, horário que tinha marcado me encontrar com Carlos na casa dele. Assim que abri a porta, meu rosto pálido foi analisado por ele.

— Comeu algo que não lhe fez bem? — Neguei com a cabeça, me jogando no sofá da sala e fitando o teto, analisei minha morte lentamente abanar para mim. — Então Sonata disse que não quer mais você trabalhando lá?

— Qual a chance de alguém da minha idade aprender a andar de bicicleta? — perguntei, ele parou para pensar naquilo e deu de ombros. — Acho que nula. Eu não sei nem por onde começar, ou com que partes são feitas uma bicicleta!

— Eu acredito que todos conseguem aprender a andar de bicicleta mesmo quando são idosos, seu corpo vai reconhecer o equilíbrio e ajeitar-se para

dar certo. — Ele fez uma pausa e colocou o saco onde eu trouxe algumas roupas. — Agora, preciso lhe perguntar o motivo de precisar da minha ajuda quando você só tem isso para levar?

— Não diga isso em voz alta, Carlos! — retruquei na mesma hora, relembrei o motivo de tê-lo chamado. — Preciso que se lembre que eu não tenho só isso quando encontrarmos com Sonata. Falando nisso, onde conseguimos caixa de papelão e aqueles isopores pequenos?

— O que pretende fazer com elas? Não está pensando em encher para fingir que tem alguma coisa, está? — fiz que sim, dando uma olhada na casa de Carlos para ver se achava alguma coisa interessante. — Você não precisa parecer pobre?

— Sim! Mas não posso chegar lá com um saco de lixo onde estão minhas roupas, o que ela vai pensar de mim? — indaguei. Ele deu de ombros sem reconhecer a importância nisso. — Qual é, Carlos! Me ajude nessa. Falando nisso, troque de roupa, não pode parecer um secretário engomado, pois Sonata acha que somos colegas de quarto.

— Por sorte, só de casa. Meu quarto ainda não divido — rebateu, tirando o paletó. Carlos colocou uma roupa mais confortável, algo que eu

imaginava, ele usava para correr em algum momento da sua vida que até hoje não vi. — Falando nisso, vamos passar no mercado e comprar coisas que você... — Ele parou repentinamente. — O que está fazendo?

— Colocando suas panelas nessa caixa. Tinha uns livros guardados então peguei emprestado, assim posso levá-las comigo e fazer uma moralzinha. São daquele tipo antiaderente? — coloquei a última panela dentro e fechei com a fita que achei na gaveta. — Agora só precisamos levar alguns livros e também as caixas com isopor. Lembre-se de fazê-la abrir essas.

— Você vai me devolver isso, Lucas e comprar novos para você. — Eu balancei a mão em confirmação. — Não acredito que está fazendo isso. Poderia simplesmente comprar outros, ela não ia ficar reparando se você tem coisa nova ou não.

— Não seja idiota! É claro que sim. Ela vai pensar: “Nossa, ele mora há tanto tempo, mas não trouxe nada velho, apenas coisas novas.” — Peguei uma pilha de livros aleatórios e coloquei em outra caixa minúscula, uma que ele usava para produtos de limpeza. — Preciso de algumas coisas velhas para fazer valer a mentira. Depois eu devolvo.

— Está bem. Vamos colocar isso no carro e ir até o mercado. Vai precisar de produtos de limpeza, copos, pratos, comida para fingir que alguma vez abasteceu essa geladeira. — falou de forma petulante. — Ferro de passar, talvez, também precisemos ir ao R\$1,99.

— Podemos fazer tudo isso e eu ainda te faço a compra de algumas Champagne para você celebrar minha saída com a sua amada. — Carlos soltou um riso e pegou as caixas descendo para colocar no carro. Eu o acompanhei, dando adeus ao local que me acolheu tão bem.

Entramos primeiro na loja de R\$1,99 colocando em um carrinho o que Carlos considerava útil para ter em uma casa. Fiquei apenas observando e contando o fato de que eu teria de pagar por todas aquelas coisas. Tinha objetos de banheiro que eu nem sequer sabia para que usar, como por exemplo um esfregão com cabo longo.

— É para limpar o vaso, não deixar sujo após usar por dias — explicou, e não contive o nojo. Nunca limpei nada assim antes. — Um ventilador, pratos, copos, toalhas novas, panela de pressão. Acho que temos tudo já. Podemos passar para o

mercado.

Olhar aquelas coisas me fazia pensar no quanto eu estava preparado para morar sozinho. Ou não. Do meu ponto de vista, minha tentativa de ficar perto de Sonata e com minhas próprias coisas fazia com que eu tivesse certeza de que não, não saberia sobreviver a uma panela de pressão.

— O que você mesmo disse sobre essa panela? — indaguei Carlos enquanto ele dirigia em direção ao mercado. — Ela pode explodir?

— Sim. Se você não cuidar, é claro. — Ele fez uma pausa para ver minha cara quando o sinal parou. Deu uma risada sarcástica. — Não vai acontecer com você, fique tranquilo. Só te fiz comprar por estar precisando de uma.

— Só pode ser brincadeira — resmunguei, incrédulo com a audácia de meu secretário. Havia dado muita confiança para ele desde que me mudei para sua casa. Precisava contornar isso com minha autonomia de agora em diante. — Por qual razão você nunca comprou uma panela dessa?

— Bom, eu almoçava e jantava fora muitas vezes, não precisava de algo assim, mas agora preciso de uma casa completa. Você mesmo disse que quando eu fosse casar, precisaria dar um jeito

naquele apartamento. — O carro voltou a andar, virando a rua onde o mercado ficava. — Estou usado seu dinheiro. O aluguel que eu não te cobre antes.

— Bem a sua cara fazer isso, meu grande amigo — retruquei com uma careta. Descemos do carro assim que ele estacionou. Fomos para um mercado lotado às cinco horas da tarde. Esse era o poder de uma temporada naquela cidade. Pegamos um dos poucos carrinhos que restavam e nos estreitamos entre os corredores socados.

Carlos novamente assumiu o papel de dona de casa e colocou as coisas de higiene, comida não perecível e até mesmo produtos de limpeza que eu conferia a embalagem e deixava de lado. Parei em uma das prateleiras no corredor de macarrão e puxei um bocado de miojo para dentro do carrinho.

— O que está fazendo? — indagou ao ver que eu já tinha colocado mais de dez e começava a jogar sopas instantâneas para dentro. — Essas coisas não são saudáveis! Achei que queria impressionar Sonata.

— Quero que ela acredite que sou um estudante normal, Carlos. Nesse caso, não tenho cozinheiras, tenho um micro-ondas velho e uma

chaleira para conseguir fazer o miojo. Não tenho nem tempo para ficar procurando receitas em algum cyberbook. — Compreendendo onde eu queria chegar deixou de lado os vegetais que tinha trazido.

— Se a comida de um estudante é isso, então vamos pegar alguns energéticos e salgadinhos. Vai realmente parecer verídico. — Ele fez uma pausa enquanto pegava os demais produtos. — Só não se alimente disso sempre. Ao menos faça valer sua saúde ou não terá como continuar vendo Sonata.

Apesar de Carlos ser bem mais velho que eu, nós dois conseguíamos nos identificar mais do que com Maurílio. Talvez fosse seu temperamento sério ou a forma como ele estava sempre disposto a dar bons conselhos. O que me deixava feliz em compartilhar aquele tempo com Carlos era simplesmente a forma leve e despreocupada que eu conseguia sentir mesmo após um turbilhão de acontecimentos.

Fiquei imaginando se eu sentiria saudade de ver meu amigo com frequência, de compartilhar com ele os momentos importantes dali em diante. Não podia contar com ele para sempre, não agora com sua nova vida e tudo o que precisava cuidar

PERIGOSAS NACIONAIS

para fazer dar certo. Então o futuro e minhas decisões pareceram pesar ainda mais sobre meus ombros.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 17

Carlos analisou o condomínio com satisfação, parecia até mesmo estar reconhecendo um lar que poderia ser seu. Bom, se dependesse do som dos vizinhos, dos cachorros latindo e das crianças berrando, era realmente semelhante ao lugar que ele já vivia, portanto, muito mais fácil de se identificar.

Eu preferia não pensar nessa barulheira e me concentrar no fato de que estava indo para o lugar que chamaria de lar a partir daquele momento. Quando abri a porta, Carlos deixou as caixas vazias na parte do quarto, elas não estavam pesadas, mas decidimos fingir que sim.

Pegamos então as sacolas e as caixas com panelas, colocamos na cozinha bem em frente a porta, numa tentativa de fazer Sonata vê-las primeiro. Respiramos pesado quando tudo estava

dentro de casa e olha que não era grande coisa, mas devido a nossa forma física, bom, não era de se esperar um pique grande.

Estávamos ajeitando os móveis do apartamento quando Sonata bateu na porta e entrou. Seu sorriso se alargou ao me ver, mas diminuiu com certa vergonha quando se deparou com Carlos descendo do quadrado que era o banheiro.

— Você é o amigo do Lucas, é um prazer conhecê-lo. — Sonata esticou a mão e foi recebida pelo aperto gentil de Carlos e o sorriso afável que adorava usar quando estava diante de algum tipo de negociação. Sempre falei para ele se conter, mas era um trejeito quase impossível de parar. — Estuda na mesma faculdade que nós?

— Na verdade, sou um recém-formado em administração. Creio que Lucas não lhe contou, mas dividimos o apartamento desde antes da faculdade. Éramos amigos de bairro apesar de eu ser bem mais velho. — Ele deu uma risada que fez Sonata rir também. — Imagine como era difícil fazê-lo sair lá de casa com os jogos que eu tinha.

— Eu imagino sim, Lucas tem cara de um gamer assíduo. — Aquela conversa estava me dando nos nervos. Tudo bem que não tínhamos

conversado sobre o que Carlosalaria para justificar sua velhice, mas me chamar de fedelho abusado?

— Carlos é quem me chamava para ir jogar, não acredite no que ele diz — retruquei em resposta. — Só está me provocando, mas na verdade, ele não tinha muitos amigos. Era do tipo nerd, então eu era o único com pena o suficiente para lhe dar atenção.

Eu e Carlos trocamos olhares rabugentos antes de continuar a arrumar o apartamento. Sonata voltou a rir, achando graça de nós dois, decidiu pegar uma das caixas que estavam próximas e, que merda, era logo uma das vazias. Carlos entrou em seu campo de visão no mesmo momento com um pedido de desculpas silencioso.

— São roupas íntimas, sabe? Não vai querer abrir. — Era uma maldita caixa que batia na minha cintura e ele disse que se tratava de roupas íntimas?! — Lucas é um rapaz bem limpinho. — Ele deu duas batidas na caixa. — Vamos deixar que ele cuide dessa parte. Me ajuda na cozinha?

Sonata ficou vermelha e concordou em seguida. Vi eles se afastarem sentindo meu corpo arder em ódio. Eu queria matar, Carlos e juro que o

faria assim que ela fosse embora. Começaria pelas tripas, isso, para ele sofrer bem.

Era quase dez da noite quando as últimas caixas que restaram foram as de “roupas íntimas”. Sonata se despedia de Carlos na cozinha, vi que ela encarava os pés quando me aproximei e parecia extremamente envergonhada. O que afinal ela tinha naqueles últimos dias? Teria sido meu abraço? Não podia ser.

— Obrigada pela ajuda — falei, dando o melhor do meu sorriso. Ela concordou com a cabeça e acenou as duas mãozinhas para dizer que estava de saída. Vi ela atravessar o pátio até o apartamento e se fechar lá quando Carlos voltou a jogar as panelas dentro das caixas. — O que está fazendo?

— Levando de volta. — Tentei barrar ele, mas Carlos ergueu uma frigideira acima da cabeça. — Preciso dessas coisas, Lucas. Não tenho miojo em casa e não como aquela sopa aguada que você comprou. Vou levar hoje.

— Mas e se ela perceber? — indaguei. Ele deu de ombros, então assumi que não adiantaria discutir. Carlos terminou de colocar as panelas na caixa e desceu as escadas em direção ao carro.

Fechei tudo e fui ao encontro dele, com medo de que Sonata colocasse a cara na janela, fiquei observando, mas não vi nada. — O que acha de uma pizza?

— Agora? Você deve estar com fome para querer ir agora. — Fiz que sim. Realmente estava faminto, mas agora sem panelas e chaleira, nem mesmo o miojo eu poderia fazer. Carlos, seu mesquinho! — Bom, conheço uma nova pizzaria e acho que você vai gostar. Se chama Mundo Animal.

Minha boca se abriu, olhei meio incrédulo. Esperei que fosse brincadeira, apesar de Carlos não ser alguém que faz piadas do tipo, com duplo sentido. Ele deu um sorriso desentendido, não reparando que era um nome ridículo para qualquer estabelecimento. Coloquei as mãos na cintura, resolvendo comentar, afinal Carlos continuava com a cara de tapado.

— Parece nome de puteiro, Carlos — retruquei entrando no carro enquanto ele dava partida. — Eu realmente quero pizza. Não pense em me levar para uma despedida de solteiro, pois ainda é cedo.

— É realmente esse o nome da pizzaria, é por

causa da forma que se come — explicou, me fazendo entender menos ainda. Esperei uma resposta melhor e ele decidiu continuar o que falava. — Não tem prato ou talheres lá, você come com a mão. Eles te dão só um avental, pelo que ouvi falar.

— Você realmente quer ir nesse lugar? — Ele deu de ombros. Não sabia se Carlos realmente poderia se identificar com algo assim, mais bárbaro. Ele parecia ser tão certinho. — Bom, desde que a pizza seja gostosa. Minha barriga parece estar grudada nas costas.

Paramos em um restaurante cheio de animais de safári no tamanho real, ocupando um corredor largo que nos levava para o salão cheio. Tinha sons de animais saindo das caixas e o elefante que berrou no meu ouvido me fez dar um pulo de susto. O que na verdade era só uma mulher com uma vuvuzela.

— Sejam bem-vindos ao Mundo animal! — falava com entusiasmo. — A mesa é para vocês dois apenas? — Carlos concordou e ela nos acompanhou até um lugar no centro do salão. Os garçons vestiam caldas e orelhas de feltro que tornavam eles ainda mais cômicos.

Até as pizzas tinham nomes e animas ou títulos, como o *Rei da Selva. Cor sim, cor não.* Virei para ver Carlos na expectativa de que ele também estivesse achando a maior bizarrice do mundo, mas seu sorriso e o modo como balançava a cabeça me dizia o contrário.

— Você parece ter dois anos — murmurei sendo ignorado por ele. Nos deram aventais de zebras e as pizzas foram chegando nas mesas em seguida. Era gostoso, o cardápio diferenciado, a massa fininha e crocante. Queijo, muito queijo, mas era difícil comer ou falar com tanta buzina na entrada e a música alegre que tocava nas caixas de som.

— É um lugar muito legal. Vou vir mais vezes aqui. — Queria dizer para ele não trazer a futura noiva para pedi-la em casamento ali, pois seria divórcio antes de assinar os papéis. Acabei ficando em silêncio, mordiscando a pizza, mantendo-me atendo à alguma cena do tipo: *Guerra de comida.* Pois era tudo o que faltava.

Quando terminamos, Carlos me levou de volta para o condomínio e se despediu ainda cantando a baladinha que tocava na pizzaria. Senti que, naquela versão dele, sem dúvida se daria bem com

Allegro, pois era exatamente o tipo de coisa que o pai de Sonata aproveitaria.

Entrei no jardim do condomínio me deparando com Sonata sentada no balanço. Parecia estar me esperando, mas não era possível, afinal, eram duas da manhã e ela não iria passar aquele tempo todo no frio. Ia?

— Estava te esperando — falou assim que me viu. Sentei ao seu lado no balanço e esperei que ela continuasse que queria dizer. Sonata relutou por um momento. Parecia estar engasgada com as próprias palavras. — Na verdade, queria lhe dizer que estou feliz por você ter se mudado para cá. Tenho certeza de que vai gostar do condomínio e também poderemos continuar com os trabalhos com mais facilidade

— Ah, sim. É verdade. — Não sabia o que dizer ao ouvi-la daquela forma. Meu coração disparava descontroladamente, tentei respirar, fingir que não estava morrendo de um ataque cardíaco, mas mal conseguia conter a minha emoção com suas palavras. Realmente aquele abraço tinha feito a diferença?

— É bom ter um amigo perto — continuou, broxado tudo e qualquer expectativa que eu

pudesse ter. Deixei a cabeça pender para o lado, dando a impressão de estar com sono. Sonata se ergueu na mesma hora. — Devemos ir dormir. Amanhã temos mais uma sexta cheia e sinto que precisaremos estar com a corda toda.

— O duende do seu pai falou que vai encher amanhã? — Ela concordou com um risinho. Era difícil admitir, mas em todas às vezes Allegro estava certo, enquanto eu ainda esperava a chance de sofrer menos com todas as vergonhas que vinha sofrendo. — Nesse caso é melhor irmos mesmo.

Sonata se aproximou do meu rosto e me beijou rapidamente, o cheiro de menta penetrou nas minhas narinas, passando pela minha garganta, resfriando meu pulmão com um ar frio, mas que era tão gentil ao ponto de eu querer sentir mais. De eu ter prazer só em poder ter aquele perfume tão perto.

— Sonata... — chamei-a sem que pudesse refrear meus pensamentos. Eu nem sabia o que dizer quando seus olhos pararam e me observaram esperando algo, qualquer coisa que eu quisesse dizer, mas todas as palavras que sentia desejarem sair da boca foram engolidas em seco. — Eu não sei andar de bicicleta.

— Como? Não sabe? — Surpreendeu-se com

minha revelação. Bom, era isso ou teria de pedir que ela me beijasse de novo, que eu pudesse cheirar seu cabelo, abraçá-la como na última vez. Que ela ficasse comigo e não apenas como amiga. Preferi passar por um constrangimento mais leve do que a recusa.

— É, eu não quis dizer para o seu pai por medo de perder o emprego, mas eu nunca aprendi a andar de bicicleta — expliquei baixando a cabeça. — Sinto muito, estou comprometendo o teu trabalho por causa disso.

— Essa é sua preocupação, Lucas? — Fiz que sim. Ela voltou a sorrir e abanou com a mão. — Não seja por isso, eu mesma vou te ensinar a andar de bicicleta. O que acha de domingo? A loja fecha e teremos tempo!

Queria negar. Por favor, tudo menos isso. Não podia passar essa vergonha na frente dela, e aquele mentiroso do Allegro pairava na minha mente rindo ao lado do duende, depois de me fazer acreditar na maior palhaçada da vida. E agora o mundo continuava provando que eu estava fadado ao constrangimento.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18

Tudo o que eu menos queria aconteceu rápido demais, pois enquanto a sexta movimentada nos ocupou o tempo, o sábado também fez questão de passar com um estralar de dedos. No fim, domingo estava com o sol raiando e eu não havia pregado o olho em momento algum, pois tudo o que vinha à mente era a aula de bicicleta.

Sonata não esperou que eu tomasse café ou ao menos me preparasse psicologicamente, não que fosse possível, afinal nada me tranquilizaria com duas rodas e um desequilíbrio nato. Abri a porta, encontrei-a com um sorriso largo e contente, parecendo que tinha esperado com muito ânimo por aquele dia.

Precisava compartilhar isso, ou claramente as coisas ficariam piores.

Saímos para o pátio antes das crianças começarem a brincar. Havia umas mulheres

PERIGOSAS ACHERON

estendendo roupas, outros caras fazendo churrasco e um Allegro, com a cadeira de praia na varanda e seu livro no colo, tudo para acompanhar o meu aprendizado de perto.

Engoli o choro.

— Pedi essa bicicleta emprestada para a Mariazinha. Ela disse que não iria usar de manhã, então podemos praticar bem o básico. — Sonata apontou para uma bicicleta rosada com duas rodas extras na traseira e uma grande cesta na frente. — Essas duas rodas vão te ajudar a pegar a ideia da bicicleta, depois passaremos para a minha e podemos cuidar do teu equilíbrio melhor.

Fiz que sim, olhando para o céu e rezando por uma única gota de chuva que nem de longe parecia vir. Estava claro que não haveria nem nuvens naquele dia para atrapalhar as aulas. Quando Sonata começou a me ensinar, o público só foi aumentando. Eles riam de algo, enquanto eu sentia ser minha falta de habilidade em uma bicicleta de rodinha.

— Acha que estou indo bem? — perguntei para Sonata ao parar suando em sua frente. Ela confirmou com a cabeça com vergonha de não poder admitir que na verdade, eu parecia um cavalo

montado naquilo. — Talvez eu devesse desistir!

— Não diga isso. Nós vamos conseguir, apenas precisamos de uma pausa. Que tal almoçar lá em casa? Pelo que vi, meu pai vai fazer uma lasanha à bolonhesa. — Concordei. De fato, estava faminto e precisava muito escapar dos olhares que ainda riam da minha dificuldade.

Sonata e eu subimos até o apartamento deles nos deparando com Allegro servindo algo extremamente cheiroso. Era uma lasanha com muito queijo em cima, feita metade de molho branco e a outra de vermelho, ambos recheados com muita carne moída. Sentei-me com um empurrão de Sonata e fui servido primeiro. Meu estômago roncava.

— Como está indo o treino, Lucas? — perguntou Allegro mesmo tendo visto a maior parte dele. Dei de ombros, enfiando um pedaço gigante de lasanha, engasguei por causa da quentura. Sonata deu tapinhas nas minhas costas e serviu um pouco de água. — Está quente, a fumaça não é brincadeira.

— Desculpe, é que estou faminto — expliquei, desconcertado. Sonata provou a lasanha e soltou um longo gemido de quem havia aprovado o sabor.

De fato, estava ótimo, mas ouvi-la fazer aquilo só me fez perceber que era mais gostoso do que isso. — O senhor cozinha bem, seu Allegro.

— Capaz, meu jovem. Essa receita aprendi com a mãe de Sonata, ela sabia preparar todos os pratos que visse, com perfeição e muito, muito sabor. Sempre colocava seus próprios temperos para dar um toque especial. — Sonata concordou de boca cheia. — Sobre a prática, não se preocupe, eu sei que deve ser difícil aprender algo depois de certa idade, mas você consegue.

— Obrigada. — Apesar de me sentir zangado pela conversa voltar a roda, o apoio de Allegro pareceu tão real que me deixou grato por ouvir aquelas palavras. Não precisava de muito para me deixar bem, pude perceber que grande parte das coisas que me falavam, faziam com que eu recuperasse a força de vontade.

Talvez fosse por causa do meu pai, ou da ausência da minha mãe, ou da madrasta que pouco se importava com seu enteado. Nenhum deles me deu um elogio e duvido que um dia irão fazê-lo. Sozinho era melhor do que acompanhado, eu acreditei, mas ver Allegro e Sonata sorrindo na mesa deixou aquele gosto de inveja na boca.

Voltamos depois do almoço para andar de bicicleta. Sonata dessa vez pegou a amarela que era dela e insistiu para que eu subisse enquanto era empurrado por suas mãos pequenas. Senti que novamente era o espetáculo, mas as risadas haviam mudado para apreensão, como se fosse possível se machucar feio naquele negócio.

Temi um pouco, não vou mentir.

— Pedala — lembrou-me Sonata quando me distraí. Envolvi os pés com força, empurrando rapidamente os pedais, ouvi ela falar algo, mas não consegui entender até perder o equilíbrio da bicicleta e o mundo começar a virar do avesso.

Sonata, que temeu me deixar cair, tocou meus braços em uma tentativa de impedir isso. Senti necessidade de me apoiar nela e foi assim que rolamos os dois um no outro. Eu, parando em cima dela, com uma das mãos em seu pulso, a outra nas costas, protegendo-a ao mesmo tempo que a puxava para mais perto de mim.

Nossas respirações se mesclaram pela proximidade, meus olhos não conseguiam deixar os dela, tão grandes, amarronzados, perfeitos como eu jamais vi igual. A boca pequena, desenhada como se fosse com pincel, respirava tranquilamente

fazendo seu peito subir e descer.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram, meu coração acelerou e, por um breve momento, senti que o dela também batia com tanta força que eu poderia ser capaz de gravar. Não ficamos vermelhos, não esboçamos uma reação mais palpável do que aquela que habitava nossos olhos. Ardentes, apaixonantes, profundamente hipnotizados um pelo outro.

Só nos desvencilhamos quando as risadas e as palmas finalmente nos alcançaram. Botei-me de pé e vi que os moradores assoviavam em resposta ao acontecimento, e até Allegro ria disso. Ajeitamos nossas roupas, encarando os pés pregados no chão de nervoso, as folhas caindo conforme tirávamos a sujeira.

— Desculpe, eu não devia ter lhe segurado — murmurei mais para mim do que para Sonata, ainda assim, a ouvi resmungar um sim e puxar a bicicleta de volta.

— Acho melhor pararmos. — Concordei, relutante. Ela tinha me dispensado de uma forma tão fria que eu me senti congelado na mesma hora. Fechei os olhos, respirei fundo, a vi subir as escadas e entrar no apartamento. Allegro foi atrás

dela e o show dos moradores também terminou.

— Sabe que não é assim que se conquista uma garota, né? — Virei para encarar uma menina de dez anos de pé próximo a mim. Usava uma jardineira floral e tinha os cabelos presos em um rabicó. Desconcertado, continuei olhando para ela.

— O que disse? — perguntei me ajoelhando para ficar do seu tamanho. — Não é assim que se conquista uma garota?

— Não! Você precisa usar flores de margarida e trazer acessórios floridos. Fazê-la cair só mostra seu desastre — concordei com uma criança. Eu tinha mostrado desde que conheci Sonata, só aquele lado desastroso mesmo. Deveria ter levado flores? — Mas você é bonito, garotas gostam de homens bonitos.

Ao menos a menina reconhecia esse meu lado. Fiz carinho na cabeça dela e me afastei para o apartamento. Fechei a porta quando o celular tocou. Na tela, o número de Maurílio. Não sabia se queria atender, então deixei o telefone de lado e me joguei na cama. Estava tão cansado que adormeci.

Acordei mais de quatro horas depois, o céu começava a escurecer, então peguei o celular para achar o interruptor. Foi quando vi mais de vinte

ligações perdidas, todas de Maurílio em uma insistência assustadora. Talvez fosse grave, talvez. Retornei a ligação.

— Finalmente, Lucas. Achei que estava me ignorando. — Não respondi, então ele suspirou pesado. — Desculpa, cara. Não imaginei que ela era tão importante a esse ponto! Fui um babaca, confesso.

— Ao menos sua cabeça conseguiu separar a merda do pouco de cérebro que você tem — retruquei, recebendo uma risada baixa dele. — Eu estava dormindo, por isso não vi a ligação. Me diga o que quer, assim consigo voltar para a cama.

— Ah! Então, queria mostrar que estava arrependido, sabe? Pensei que poderíamos fazer algo, nós quatro. Eu, você, Sonata e Linda. — Ainda que eu pudesse falar alguma coisa ele continuou. — Já sei. Já sei. Vocês não são um casal, mas isso não importa. Seria bacana pra fortalecer nossa amizade e, se ela é importante para você, tem de ser para mim também.

— Não sei, Maurílio. O que você está pensando em fazer? — Ele pegou algum papel na mesa antes de falar. — Vai me dizer que só tinha praticado seu discurso até o convite?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ninguém é perfeito, cara. Vamos pular essa parte, por favor. Agora, deixa eu ver. Ah! Tem a fazenda do meu pai. Você sabe que ninguém vai lá no inverno, podemos aproveitar um bom vinho e histórias de terror. O que acha? — Fiquei em silêncio me perguntando se aquilo era uma boa ideia. Maurílio percebeu. — Qual é, Lucas? Amizade, cara.

— Vou ver com Sonata. Te respondo amanhã. — Ele concordou relutante e desligou. Fiquei martelando aquilo o resto da noite. Talvez Sonata se recusasse a ir, o que eu achava extremamente improvável. Mas, se fosse o caso, me libertaria de aceitar e também de vê-la ao lado de Maurílio. Apaixonada, novamente.

E, mais uma vez, eu seria esquecido no fundo de uma piscina.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19

Quando conversei com Sonata, ela concordou na mesma hora, é claro. Seu interesse vívido sempre me recordava o fato de que sua paixão era Maurílio e provavelmente jamais seria eu. Acabei telefonando e aceitando a oferta do meu amigo, deixamos a semana passar sem problemas.

Calos me fez comparecer nas reuniões da manhã, então tive de falar pra Sonata que precisaria ficar duas horas fora da loja, mas que compensava de tarde. Logo em seguida era obrigado a ir em jantares beneficentes e perdia as aulas que eram importantes. Por sorte, ela sempre me deixava o caderno para que eu copiasse ou entendesse a matéria.

O trabalho que fizemos foi adiado mais uma semana, então estávamos livres novamente daquelas correntes, ainda que estivesse fresca na minha memória o que eu faria com Maurílio e

PERIGOSAS ACHERON

Linda. Uma vingança pequena, mas que os afetaria bastante.

Quando sexta à noite chegou, Sonata já estava com uma mochila pronta e me esperava do lado de fora de casa. Pegamos o ônibus para a fazenda que Maurílio tinha passado o endereço, e não foi de todo ruim atravessar pedregulhos e matas densas na companhia de Sonata, pois ela admirava cada paisagem por onde passávamos até adormecer no banco.

Estava frio, então lhe cobri com as mantas que Allegro tinha enviado junto e deitei virado para ela, admirando seu rosto, dessa vez com todo o tempo do mundo. Mesmo com a falta de iluminação, seu rosto resplandecia para mim e isso era exatamente o que significava ficar apaixonado.

Meu coração reagia ao seu rosto, os pelos dos meus braços se eriçavam quando o perfume dela me atingia. Sua voz costumava me fazer rir, mesmo que eu não tivesse nada de engraçado. As coisas mais banais, tudo transformava Sonata em alguém que me balançava completamente, conduzindo todos os meus desejos para simplesmente vê-la feliz.

Não sei em que momento dormi, mas o sol já

batia no meu rosto quando alguém colocou a mão para tapá-lo. Abri os olhos e vi que Sonata estava virada para mim, protegendo-me do sol da manhã e sorrindo, como se visse algo engraçado. Limpei no mesmo momento a boca, acreditando ter babado, mas estava seca.

— Eu ronquei? — perguntei, ela negou com a cabeça e voltou a rir. — Então, o que seria tão engraçado?

— Você dormindo sempre mexe a boca, como se estivesse falando algo, murmurando. Infelizmente, não deu para decifrar nada, apesar de eu ter tentado por muito tempo. — Fiquei aliviado ao pensar que ela não tinha conseguido descobrir nada, afinal, que tipo de coisas eu poderia ter falado? — Lucas, tem algum apelido que eu possa te chamar?

— Um apelido? Nunca me deram um, apesar de eu gostar da ideia. — Ela pareceu pensar um pouco, então continuei. — Maurílio sempre foi chamado de Mau, teve outro cara que estudou conosco que chamávamos ele de Bibelô, mas daí era para ofender mesmo. Ninguém gostava dele. Era folgado demais.

— Então, posso de chamar de Luca? — pensei

naquilo. Não tinha muita diferença do meu nome, para falar a verdade só cortava o “s”, mas ao ouvi-la pronunciar foi como se tudo tivesse sido perfeito, cada consoante e vogal no seu devido lugar, destinado a me pertencer. Concordei com um aceno afoito. — Luca. Eu gosto.

— Eu também — admiti sem dizer que eu gostava era dela me chamando assim. — Posso te chamar por um apelido também? Acho que me sentiria melhor ao poder chamá-la diferente. Para combinar.

— Que apelido você gostaria de me dar? — Pensei. Sonata, não era um nome fácil de simplesmente colocar apelido ou comer parte das letras. Também não queria que significasse nada para nós. Ela ficou me observando, satisfeita com minha demora para escolher algo bom, seu sorriso aguardava ansiosamente, iluminando-se mais e mais.

— Sol, vou te chamar de Sol. — Seu rosto ficou um pouco surpreso e sério ao mesmo tempo. Talvez ela não tivesse gostado. Talvez fosse um nome ruim, ainda que significasse muito para mim.

Então seu olhar me encontrou, fervia tanto quanto o meu. Senti que poderia me queimar se me

aproximasse mais. Sua boca abriu e fechou algumas vezes. Estava concentrada, pude perceber, ligeiramente inclinada na minha direção. Respirando lentamente com medo de denunciar que seu coração batia tanto quanto o meu. E, ah! O meu batia muito por ela. Deixei a mão erguer, tocar os fios ruivos como se estivesse mexendo em algo que pudesse se desfazer. Coloquei atrás da orelha, o polegar raspando de leve em seu rosto.

— Eu escolhi esse, pois quando te conheci tinha Sol — expliquei, sem completar a frase. Havia sol naquele dia sim, mas ela brilhava muito mais que um. Sonata deu um sorriso largo, cheio de vida, que me fez sentir saciado, como se simplesmente eu precisasse do sorriso dela para seguir com a vida. Até as letras da música sertaneja tocando no celular de algum moleque dentro do ônibus começava a fazer sentido. O que era muita loucura para mim.

— Fico feliz em saber disso, pois esse é o mesmo motivo pelo qual meu pai chamava minha mãe de Sol. — Queria perguntar se ela sempre se referia a Allegro ou ao seu pai de verdade, mas não consegui coragem para isso. — Luca, obrigada por tudo.

Dei um sorriso quando ela segurou minhas bochechas e se aproximou. Muito! Seus lábios roçaram minha pele um pouco para o lado dos meus lábios, o arrepio percorreu meu corpo como uma serpente gelada. Ela se demorou ali, foi lentamente provocando ainda mais meu coração. Achei que jamais iria parar quando o motorista anunciou a chegada na rodoviária. Saí do banco, cambaleando um pouco. Tirei as malas e ajudei Sonata a seguir pelo corredor, consciente de que era eu quem precisava de ajuda para andar.

Descemos do ônibus pouco tempo depois. Estávamos em uma rodoviária afastada da pequena cidade onde ficava o sítio. Com um taxista conseguimos chegar ao casarão envolto por árvores altas e mato crescendo, parecia um lugar bem cuidado, mas típico de filmes de terror.

Maurílio foi quem nos recebeu. Ele e Linda já estavam na casa, o que achei que faria Sonata estranhar, mas ela não esboçou qualquer reação, ao contrário, foi carregada pela outra garota enquanto falavam sobre a viagem e como o lugar era lindo. Maurílio me deu um abraço todo sentimental ao qual eu retribuí sem muito esforço.

Não vou dizer que estava chateado com ele.

Na verdade, a nossa briga nem sequer importava mais. O que eu temia era que aquela noite pudesse mudar tudo e Sonata voltasse a só ter Maurílio como meta e não mais a vida ou eu. Era egoísmo, não é? Pensar dessa forma. Acreditar que ela precisava me dar parte do seu tempo. Eu me repreendo quando penso nisso.

Mas era só um garoto que nem sabia o quanto aquele Sol significava para ele. Eu realmente não acreditava que a paixão poderia aumentar e que o amor chegaria para alguém tão jovem, então, tempo dela, seu foco em mim, era tudo o que eu mais desejava, enquanto o mundo começava a me mostrar o contrário desse sentimento de egoísmo.

Sonata e Linda pegaram os vinhos e queijos, servindo em uma bandeja de madeira esculpida. Maurílio acendia a lareira, o que eu achava pomposo demais, nem fazia tanto frio naquela região para estarmos usando o fogo para nos aquecer. Ainda assim, as garotas se divertiam, então preferi manter meu humor em silêncio.

— Pegamos alguns filmes em uma locadora próxima, podemos assistir mais tarde. Soube que Sonata cozinha muito bem, então, pensei que o jantar poderia ser por conta dela — comentou

Maurílio com um sorriso largo que me deu ânsia de vômito. Meus olhos foram para Sonata com expectativa.

— É claro, posso fazer um *Uk Roast Beef*. Só preciso dar uma olhada no que você tem na geladeira e ir até um mercado próximo. — Maurílio concordou fazendo um sinal para que ela se sentisse à vontade. Saltando do sofá, Sonata começou a observar os temperos, enquanto explicava passo a passo para uma Linda desinteressada.

— Deve ser um prato e tanto. Só pelo nome — respondeu Linda com pouca vontade. — É tipo um lanche? Talvez, fosse melhor algo mais saudável, salada por exemplo. Não sei como você não percebe ainda, mas dá para notar que aumentou de peso desde que entrou na faculdade.

— Você acha? — indagou Sonata olhando para si como quem se preocupava de fato com aquilo. Bufei na mesma hora. Maurílio falava sobre os próximos torneios de que irá participar, mas para mim era só um zumbido de mosca. — Acho que posso fazer algo diferente, então. Uma salada...

— Ah, não. Salada para vocês mulheres, eu quero carne — berrou Maurílio ao ouvir os

comentários. Meu pé batia contra o tapete enquanto as unhas roçavam na boca com um ódio extremo. — Vocês é que precisam manter a forma. Eu e Lucas queremos gordura!

Levantei do sofá, caminhei até a cozinha e peguei na mão de Sonata, puxando-a pela sala. A chave do carro de Maurílio estava em cima do balcão, então tomei nas mãos também. Apesar de odiar carros e veículos fechados, fui obrigado a aprender a dirigir, mas prometi só usar para emergências e, na minha opinião, esse era o momento.

— Vamos ao mercado — avisei sem olhar para trás. Sonata entrou no carro, colocou o cinto e ficou me encarando surpresa. Respirei um pouco, antes de ligar o motor do carro.

— Achei que não soubesse dirigir — comentou.

— Eu não gosto de dirigir, mas tirei a carteira assim que fiz dezoito anos — contei. Ela concordou com um aceno e deixou a cabeça bater contra o vidro, observava o cenário passando. — Você está perfeita — falei sem perceber. Meus dedos tamborilavam no volante quando paramos em uma sinaleira.

— Perfeita? — indagou. Eu concordei, deixando-a vermelha. — Você ficou chateado pelo que a Linda falou? Sei que ela quer só o meu bem. Não foi nada demais e até é bom controlar nas comidas já que eu acabo sempre provando muita coisa na loja...

— Você não entendeu — eu a interrompi, parando em uma vaga na frente do que parecia ser um mercado pequeno. Livrei-me do cinto para que pudesse virar na direção dela. Seus olhos fundos me encaravam em expectativa. — Você é perfeita e ninguém pode tirar isso de você.

Ela não disse qualquer palavra, apesar da boca se abrir várias vezes e o rosto enrubescer como dois pimentões vermelhos. Dei um sorriso e me aproximei mais, passando por ela, deixando nossos corpos próximos um do outro. A sensação elétrica voltava a passar pelo meu corpo, causando arrepios e o desejo incontável de beijá-la.

Alcancei a maçaneta da porta e abri, me afastando em seguida. Dei um meio sorriso e deixei o carro. Na minha mente, tudo o que passava era: que porra eu estava pensando? Poderia ter levado um tapa só por essa aproximação sem aviso prévio, seria mais um Maurílio na lista de atos estranhos.

Sonata desceu do carro e se postou ao meu lado, ainda se recuperava da vermelhidão, enquanto eu queria me abanar pelo calor que não parava de subir pela gola da camisa. Dei o primeiro passo, o segundo e o terceiro achando que ia ceder por causa das minhas pernas bambas.

— O que você precisa mesmo? — indaguei, esperando que ela pudesse me conduzir pelo mercado. Sonata assumiu o comando e me guiou para dentro do mercado. Enquanto eu carregava a cesta, ela enchia com coisas que iriam na receita. — E, qual o tipo de carne?

— Precisaria ser lagarto, mas acho que não vamos encontrar aqui. — Vendo minha confusão, ela deu uma risada alta. — É uma parte do boi, não é um lagarto mesmo, mas, enfim, vou usar coxão mole, vai ter um efeito bom também.

Depois de pegar a carne do açougue e pagar no caixa, voltamos para o carro que tinha o mesmo efeito dos elevadores naqueles filmes de romance. Me sufocava, fazia a mente só pensar na boca de Sonata e em como o seu cheiro delicioso era bem-vindo para as minhas narinas.

Eu não tinha percebido o quanto disso havia virado desejo de homem, mas para mim, pensar em

estar com Sonata, em beijá-la apenas, já não me saciaria. Agora, seu corpo conseguia trazer impulsos ao meu que antes eu ignorava, que simplesmente deixava de experimentar.

Sim, é uma confissão tímida, mas essencial para me entender. Eu nunca senti tesão o suficiente para me levar ao topo e nada mais do que amassos estiveram presentes em minha vida sexual, agora, eu era o virgem que não conseguia parar de pensar no quanto desejava Sonata nua.



Capítulo 20

— Algum problema? — Neguei com a cabeça e liguei o carro. Não era um problema que ela precisava saber, ao menos. Não falamos muito na volta, quando estacionei o carro e entramos na casa, Maurílio e Linda se pegavam no sofá.

Para mim não era uma surpresa, mas, logo que vi a cena, virei o corpo para ficar de frente para Sonata. Ela me observava confusa e virou para ver o que eu estava escondendo. Em um impulso, abracei-a, ouvindo seu gemido na minha blusa, soltei-a assim que ouvi a risada de Maurílio atrás de nós.

— Está sufocando a garota, Lucas! — Pedi desculpas baixinho, e tomei todas as compras na mão, ainda ouvindo a voz irritante de Maurílio rir. Se ele soubesse, seria de propósito, e assim eu poderia dar um soco nesse infeliz, mas não, eu só perderia a razão agora. — Ele não é muito jeitoso com garotas, sabe?

— Conte aquela do colégio, Maurílio! — implorou Linda, como se soubesse do que estava falando. Encarei Maurílio e vi que ele negava, consciente de que eu odiaria falar sobre qualquer coisa desse tipo. Segredos, nós tínhamos de sobra um do outro. — Ah! Qual é, nem é nada demais. Levar um fora é comum, se mijar também...

— Levar um tapa na cara ou ser o passatempo de alguém rico também é normal — retruquei, vendo que ofendi ambos o suficiente para se calarem. Sonata parecia entender a conversa, apesar de não partilhar do interesse.

Grande parte da conversa morreu ali, não havia muito o que dizer e o clima se estendeu tenso. Tivemos um dos jantares mais prazerosos em toda a minha vida, aquele que eu não precisava ouvir Linda falar de qualquer coisa banal, ou Maurílio rir de coisas sem graça. Limpamos tudo antes de nos sentar e tomar vinho até a visão borrar.

Linda e Maurílio não aguentaram a pressão por muito tempo e se arrastaram para o quarto. Sonata estava jogada de um lado do sofá, enquanto eu ficava entre as pernas dela, em um espaço mínimo, apoiado com o rosto no sofá. Estávamos sujos de vinho graças a fraca coordenação motora

que adquirimos com a bebida e ríamos sem motivo nenhum.

— Estou aqui partilhando o vinho com a mulher mais linda do mundo — falei, a língua se enrolando. Sonata deu uma risada gostosa de se ouvir. Era um daqueles momentos especiais que lembraríamos no dia seguinte e voltaríamos a rir por estarmos perdidos no álcool.

— E eu estou com o homem mais lindo do mundo, enquanto nem sinto mais o gosto da bebida — brincou erguendo a taça meio cheia, o líquido vermelho balançando de um lado para o outro. — Luca, me diga, por qual razão tenho de sofrer por amores correspondidos?

— Você percebeu eles juntos, então? — Ela concordou com um resmungo, mas não parecia ser disso que estava falando, pois em seguida deu de ombros. — Já sabia?

— Linda me contou antes de faltarem ao trabalho. Na verdade, ela comentou algo sobre estar pegando o rapaz mais gato da nossa sala... — Neguei com a cabeça, revoltado. Ela deu uma risada baixa. — Eu sei, eu sei. Ele não é o mais gato da nossa sala, mas concluí que não era você, pois não consigo imaginar os dois juntos.

— Que bom que não, isso me alivia. A única coisa que eu não preciso é de uma *barbie* reclamando das calorias de algum tipo de comida — confirmei sem nem precisar cogitar aquele tipo de coisa. Ela jamais iria se encaixar no quadro de relacionamentos comigo. — Para ela conseguir algo desse tipo, precisaria ser mais você.

— Mais eu? — Concordei em um resmungo alto. Ela voltou a rir sem saber se era piada ou não. Nem eu mesmo sabia, então dei uma risada esganiçada. Sonata sentou no sofá de frente para mim e deixou meus olhos recaírem em cada sarda que ela tinha no rosto. — Como assim, mais eu?

— Só uma Sol pode afastar esse inverno. — Bati contra o peito para dar ênfase. Voltamos a rir. Sonata tomou um longo gole do vinho e colocou a taça de lado. Como ela brilhava, como eu a desejava descontroladamente. Tudo o que mais queria era tê-la ao meu lado, beijá-la, acariciá-la.

— Não sinto mais o gosto desse vinho. Acho que está estragado — ela comentou entre soluços e risadas. Admirei aquela naturalidade dela, o sopro de vida que sempre soltava quando falava. Era apaixonante, de verdade. Meu coração mal cabia no meu coração quando a via sorrir daquela forma.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o polegar, limpei um pouco do vinho que estava na boca dela. Dei um sorriso, ela reagiu com um outro gole da bebida. — É, nada bom.

Concordei tomando o restinho da taça, pois também não sentia mais o gosto. Estaria sem paladar até para isso? Virei para encarar o seu rosto, o cabelo alaranjado, a boca vermelha do vinho. Ela me excitava com uma simples troca de olhares, sem muito esforço, sequer me provocava. Apenas dividir a sala com ela me deixava louco. Respirei fundo. Meu corpo suplicava por uma investida, neguei novamente.

— Acho que teremos de abrir outro, Luca, pois não consigo sentir nada.

— Talvez só não consiga sentir o vinho — falei, sem perceber que me aproximava do rosto dela. — Podemos experimentar alguma outra coisa, mais forte? Temos velho barreiro em algum lugar...

— Não gosto de velho barreiro, prefiro alguma outra coisa. Que opções temos? — Pensei sobre aquilo, seu sorriso se alargando e me convencendo de que cada molécula do meu corpo reagia ao ter Sonata perto. Fechei meus olhos, tentei respirar fundo para conseguir me conter, mas ao abrir foi como se meu coração explodisse.

PERIGOSAS ACHERON

Puxei o rosto dela para mais perto do meu, nossos lábios se tocaram levemente, enquanto minha mão percorria cada detalhe de sua bochecha até a nuca, passando pelos cachos que eu tanto adorava, sentindo o cheiro de morango me preencher por completo. Sonata não relutou, apenas deixou que eu fortalecesse mais nosso beijo, invadindo sua boca com a minha.

Ela tinha gosto de vinho, todo o sabor que eu havia experimentado na primeira taça estava ali, invadindo-me, ganhando força e forma. Cada parte do meu paladar sentia aquelas notas, descendo e subindo enquanto nossas línguas se trançavam desajeitadamente, depois se acostumando ao movimento.

Soltei-a quando achei que não conseguiria mais ficar sem fôlego. Sonata me olhava intensamente, tão surpresa e envolta em desejo quanto eu. Começamos a rir, o que não era uma reação esperada para o momento, logo parou. Voltamos a procurar um no outro, o primeiro passo para seguirmos adiante com nossos corpos se envolvendo.

Eu me aproximei dela e senti que Sonata também se impulsionava. Eu não estava mais no

meio das suas pernas, ela tinha assumido a posição em cima de mim, contornando minha cintura, prendendo-a entre o seu corpo e seus pés. Nossos lábios se encontraram de forma voraz, loucos um pelo outro, famintos para ter mais um pouco do sabor.

Minhas mãos deslizaram por sua coxa, subindo o vestido que ela usava, passando pela calça leggings que lhe protegia do frio, procurando alguma maneira de sentir sua pele na palma da minha mão, aquele calor penetrante subindo na minha calça, fazendo-se presente quando começamos a nos balançar um no outro, a se esfregar intensamente para sentir mais e mais.

Sonata gemeu entre nossos beijos, me fazendo ficar ainda mais louco. Puxei o ar tantas vezes para conseguir marcar aquela sensação maravilhosa, para nunca esquecer o que fazíamos um com o outro e como conseguíamos ser diferentes quando estávamos completando nossos desejos naquele momento intenso.

Era para ter durado, era para nunca ter se dissolvido como foi, mas os gemidos de Linda ecoando pela casa fizeram com que a gente se afastasse, minha mão ainda em sua perna, o corpo

convulsionando em busca de mais e Sonata procurando-me com a mão afoita. Começamos a rir, novamente, com os sons terríveis que vinham de cima.

Não lembro quando nos dividimos e tudo acabou, mas me encontrei na cama, usando as roupas sujas de vinho, quando o sol baqueou meus olhos com força. Tentei me concentrar, mas acabei vomitando no chão no mesmo instante, era uma mistura roxa que eu preferi não reconhecer.

Então me arrastei para dentro do banheiro mais próximo e fechei a porta, mas ela não trancava. Tirando a roupa, ouvi um resmungo baixo e virei para me deparar com uma forma escurecida pelo box.

— Maurílio? — perguntei, a visão meio turva ainda por causa do sono. — Cara, preciso tomar um banho, não demora, por favor. Vou esperar aqui.

— Na verdade, é a Sol — respondeu, aquela voz familiar se chocou com tudo em meus ouvidos, foi como um estralo na mente, pois cada uma das memórias me invadiu sem dó. Eu havia beijado Sonata. Não, não era apenas isso. Eu tinha amassado ela entre meu corpo e meu sexo.

Coloquei a mão na boca para segurar o

choque. Pedi desculpas antes de sair correndo do banheiro, mas sem saber se era por ter entrado ali ou pela noite passada. Me tranquei no quarto em uma tentativa de respirar, quando me dei conta de que a porta do banheiro não fechava.

Voltei na mesma hora e fiquei de plantão para que ninguém entrasse ali. Quando ela desligou o chuveiro, saí correndo pelo corredor e voltei a me esconder no quarto. Desabei na cama, minhas mãos batendo contra o travesseiro, a dor de cabeça latejando forte. Eu queria vomitar de novo, até porque o cheiro estava insuportável ao lado da cama.

Será que ela lembrava do que tinha acontecido? Se ela lembrasse como eu conseguiria olhar para Sonata, novamente? Pior, e se não? Eu ficaria com aquele trauma sozinho na minha mente rondando o tempo todo? Gritei com o travesseiro para abafar o som. Eu estava condenado. Sozinho com a lembrança ou sendo fuzilado por Sonata, eu estava morto.

Deixei o quarto depois de muito tempo e, claro, da limpeza por ele todo e por mim mesmo. Já não adiantava mais evitar, eu precisava vê-los ou seria motivo de piada, novamente. Maurílio foi o

primeiro a me receber, estava tomando uma cerveja enquanto assistia alguma programação de esporte na televisão.

— E as meninas? — perguntei. Ele deu de ombros como se pouco importasse e me serviu de cerveja. — Não está de ressaca para já estar bebendo de novo?

— Ressaca só pode ser curada por outra ressaca, é o que sempre digo. Agora, beba. Sente-se aqui, estou vendo o pior jogo de basquete da minha vida, mas é melhor que nada. — Concordei, tomando um gole da bebida. Estava bem gelada. — Você demorou para descer. Vomitou?

— Não sou muito bom para bebidas — concordei, apesar desse não ser nem de longe o motivo. — Vocês vão dar uma carona para nós de volta? Não estava a fim de esquentar um banco de ônibus, é muito longo o trajeto. O dobro de tempo.

— Sem problemas. — A frase terminou quando as garotas voltaram rindo do pátio. Falavam algo sobre piscina, enquanto eu sufocava com a ideia de que Sonata iria me encarar a qualquer momento e dar um tabefe na minha cara, dizendo que eu era um aproveitador de meninas inocentes!

Segurei o fôlego quando ela virou para me

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrar. Lucas pareceu ter percebido, pois arqueou a sobrancelha. Meu coração disparava feito um louco e tudo que eu queria era encontrar meu quarto novamente e morrer lá dentro. Não foi o que eu esperava, no fim ela sorriu como de costume e conversou normalmente.

Falava da enxaqueca com a qual tinha acordado e que só se resolveu com um bom banho. Ela não se lembrava e isso me fez voltar a respirar normalmente, ainda que meu coração dissesse estar extremamente desapontado, pois se Sonata dissesse algo positivo eu finalmente lhe teria, não?

Com ela, era sempre uma sinuca de bico.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 21

Não falamos sobre qualquer ocorrido no sábado e a vida seguiu como deveria ser, ou ao menos eu fingia acreditar, já que da minha cabeça em nenhum momento saiu o corpo de Sonata cavalgando em cima de mim e o beijo, quente, terno, delicioso exatamente como eu sempre imaginei.

Imaginação, era agora só mesmo o que eu tinha. A sensação do toque nas mãos, só sombra do que eu vivi em um momento que fazia meu coração virar do avesso. Sonata, eu realmente amava aquela garota.

Botei a roupa para ir trabalhar na terça-feira e saí cedo de casa. A bicicleta dela estava na vaga com o pneu furado, então, provavelmente Sonata tinha ido caminhando como eu. Talvez eu pudesse encontrá-la a rua.

Corri em direção a loja, atravessei algumas
PERIGOSAS ACHERON

ruas e esperei vê-la em cada esquina. Quando consegui, vi uma Sonata olhando para baixo, encarando os próprios pés. Estava distraída, pude notar, mas jamais pensei que era o suficiente para ela colocar o pé na rua e atravessar com o sinal ainda aberto.

O sorriso que eu tinha sempre que a via morreu, o coração acelerou de uma forma e rompeu no mesmo instante em que eu saí correndo, berrando o nome dela, tentando fazê-la acordar daquele transe antes que fosse tarde demais. Algumas pessoas se apavoravam, um carro freou bruscamente sem conseguir parar, e eu me joguei nela, derrubando-a contra a calçada e sendo atingido em seu lugar.

O céu girou de uma forma que jamais imaginei antes. Senti uma queimação no estômago me atingir e os cortes em alguns lugares começarem a latejar. Sonata estava segurando a minha cabeça quando tudo começou a ficar turvo e o sangue que vinha da testa ia até a boca.

Ergui a mão para receber o rosto em lágrimas dela, uma sensação ruim me atingindo. Quando o carro bateu em mim, não tinha sentido dor, nem medo. Agora, vendo ela chorar, foi como se meu

mundo desmoronasse. Fiquei sem chão. Lágrimas rolaram do meu rosto enquanto acomodava a cabeça em seu peito, para sentir o respirar. Se eu fosse morrer, ao menos aquele sentimento eu levaria comigo. Eu me afastei, volvei a enxergar seu rosto, limpando com o polegar as lágrimas, deixando meu toque frio ser aquecido por sua pele.

— Eu gosto tanto de você...

— Eu também. Eu também — falou. Quis me corrigir. Dizer que não era o mesmo gostar que o dela. Não era como amigo. Era algo mais. Acabei não fazendo, pois suas lágrimas se intensificaram, invadindo-me e colocando meus pensamentos em desordem.

Tudo o que eu não queria era vê-la chorar daquela forma, menos ainda por mim. Quem era eu para lhe fazer sofrer dessa forma? Sol, minha amada Sol. Tudo o que tinha feito até ali era por ela, para ver seu sorriso. Ser o motivo de tantas lágrimas era devastador. Voltei a me aninhar em seu peito, sentindo o subir e descer da respiração acelerada. Como seu coração batia por mim. Como eu queria que ela ouvisse a sinfonia que o meu coração tocava por amá-la tanto. Esqueci do tempo, das pessoas ao redor, tinha certeza de que alguém

pediu uma ambulância, pude destacar quando as pessoas formavam uma roda em cima de mim, mas só quis saber dela. Saber que, se fosse morrer, ela estivesse ao meu lado.

Acordei horas depois sem conseguir me erguer de uma cama dura e um travesseiro que parecia pedra envolta em tecido. Uma seringa espetava meu braço passando analgésicos para dentro da veia. Estava meio baleado, a visão ruim quando encontrei Sonata segurando a minha outra mão, observando com seus olhos arregalados e úmidos.

— Você está sentindo dor? — ela perguntou, mas neguei com a cabeça. Eu ainda não estava sentindo nada, exceto medo de vê-la chorar. — O médico disse que vai ficar bem, foram apenas ferimentos superficiais e a mão direita quebrada.

— Então, por qual razão sinto que perdi muito mais coisa? — Ela ficou muda, mas seus olhos deixavam claro que escondiam algo, uma tormenta, uma mágoa e uma culpa que eu não consegui decifrar. — Não foi sua culpa, Sonata, está bem?

Carlos entrou na mesma hora em que eu tentava me aproximar para limpar as lágrimas dela, ele vestia o terno formal de sempre e me encarou com um aviso silencioso nos olhos, algo que eu já

conseguia imaginar do que se tratava. Meu pai havia chegado.

— Sonata, o que acha de me acompanhar para um café? Agora Lucas está bem e você precisa descansar se quiser cuidar dele à noite. — Ela concordou e deu um meio-sorriso antes de partir acompanhada de Carlos.

Demorou menos de dois minutos para meu pai enfiar a cara na porta e mostrar seu sorriso rançoso ao me ver. Ele usava roupas pomposas, mais chamativas do que o costume, e me perguntei qual era o motivo para tamanha festa. Não precisei muito para reconhecer a intenção do velho.

— Achei que sua amiga pobretona estaria aqui. Até coloquei meu melhor traje para nos encontrarmos! — Fiquei calado, endurecido pelo ódio, meu maxilar travou. — Gostou do quarto em que lhe coloquei? Pensei que faria bom proveito e ela também poderia ter conforto. Esse sofá deve ser melhor do que o que ela tem em casa.

— Veio aqui apenas para me irritar? — indaguei, o punho fechado. Meu pai andou até a janela do quarto, espiando pela persiana a chuva que caía lá fora. Estava com um sorriso mortificante, o que me deixava ainda mais nervoso.

— Você não vai fazer nada com ela.

— Isso depende de você, Lucas — informou pacientemente, ajeitando a gravata na camisa. — Tudo depende de você agora. Primeiro, não devia ter subestimado meu poder ao ponto de acreditar que eu jamais descobriria, isso me deixou bem irritado. Segundo, você vai assumir a diretoria da empresa para que eu não coloque aquele lixo de loja de queijos no chão...

— Eu disse que você não vai fazer nada com ela! — berrei em resposta.

— Na verdade, vou sim. Não estou com paciência para ver meu filho brincar de andar de bicicleta ou fazer pães de queijo. — Ele fez uma careta de repugnância. — Se preferir continuar morando na espelunca, isso é um problema seu, mas nunca mais você vai botar os pés naquela loja ou eu vou fazer.

— Não tem como me impedir de vê-la... — tentei, incapaz de conter as lágrimas de ódio que se formavam. Meu pai riu alto e claro.

— Não, mas posso fazê-la nunca mais te ver. O dinheiro para destruir qualquer amizade é o que não me falta. — Meu pai partiu depois daquela frase. Foi embora me deixando com o gosto amargo

a inundar minha boca.

Eu estava fora de mim, perdi completamente o fio do raciocínio. Não pude em nenhuma das vezes respondê-lo como devia, nem encontrar uma ameaça que fosse para usar contra as suas. Eu fiquei inválido de argumentos e agora mal conseguia descrever como meu coração doía.

Joguei o travesseiro longe, contra a parede, as lágrimas rolando sem critério, um terror predominando dentro do meu peito. Carlos voltou sozinho depois de um tempo, pegou o que joguei antes e me entregou uma caixinha de panos para limpar os olhos. Recusei ambos e ele suspirou cansado, sentando-se na ponta da cama.

— Sonata foi dar um pulo em casa, tomar um banho, trocar de roupa. Ela vai voltar logo, seria bom que você estivesse menos inchado até lá. — Fiquei olhando-o, culpando-o por meu pai ter descoberto. Carlos percebeu e baixou a cabeça. — Sinto muito não ter impedido isso de acontecer, mas ele já estava preparado quando me chamou na sala. Tinha fotos.

— E, Sonata? Ela sabe agora? — Ele fez que sim com a cabeça. — Foi você que contou?

— Não. Eu tinha decidido que iria contar, pois

ela precisava estar preparada caso quisesse manter a amizade de vocês dois, já que seu pai não seria fácil, porém, ela se adiantou. — Ele fez uma pausa para virar o rosto e me encarar. — Ela ligou para o Maurílio ontem à noite. Não me falou sobre qual era o assunto principal da conversa.

— Então, ele contou — concluí. Nem sequer conseguia sentir ódio de Maurílio, afinal, a mentira tinha sido iniciada comigo e eu era o total culpado por ter explodido agora. Virei para Carlos, percebendo que eu não havia perguntado qualquer coisa sobre ele. — Meu pai lhe ameaçou de algo?

— Não deve se preocupar com isso agora, Lucas. Vai precisar de forças para enfrentar ele, se quiser continuar com Sonata. — Insisti com o olhar, implorando para que ele se abrisse comigo. Carlos deu dois tapinhas na minha perna. — Eu já queria abrir a minha empresa mesmo, então, agora posso parar de dar desculpas para isso.

— Ele te demitiu?! — Puxei a coberta, mas fui impedido por Carlos de sair da cama. A dor no abdômen foi penetrante o suficiente para que eu não mantivesse resistência. Voltei a deitar, rugindo de ódio. — Ele é um canalha! Eu sou um canalha! Devia imaginar que ele faria isso se descobrisse.

— Lucas! Não existe uma razão que me leve a crer que devemos nos culpar por escolher nosso futuro. É errado estar preso, garoto. Mais do que ser demitido ou ver alguém ser. — Ele fez uma pausa e sorriu com afeto. — Eu já estava pensando em lhe deixar quando você assumisse a diretoria. Então, isso não é nada, só adiantamos o plano.

Carlos me deixou no quarto sozinho, disse que precisava ir para casa arrumar suas coisas e planejar a empresa que abriria. Ouvir aquilo me doeu mais do que o golpe do carro. Queria poder ajudá-lo, mas até eu mesmo estava em uma enrascada da qual não sabia como sair. Não queria abandonar a *Rainha do Queijo*. Isso me doía só de pensar.

Não ver Sonata com frequência, saber que ela descobriu que eu menti, que não posso ficar mais perto dela para protegê-la do meu pai. Eram tantas coisas e havia muito mais para se falar, muito mais pedidos de desculpas do que eu teria tempo de pedir.

A porta do quarto se abriu quando passava das onze. Era Sonata de cabelo úmido, carregando uma sacola e cobertas quentes. Usava um conjunto de moletom amarelo que por dentro me fez rir, apesar

da graça não conseguir chegar ao meu rosto. Ela estava bem. Era isso que importava. Repeti na minha cabeça.

— O que acha de tomar um banho? Seria bom para relaxar — falou ao me ver acordado. Queria lhe perguntar se ela me perdoava, pois doía saber que, agora, ela tinha consciência de todas as mentiras. Sem saber a maior e aquela que justificava tudo; meu amor por ela. Toda a coragem que criei ao longo dos dias, o desejo de contar a ela o que sentia, se dissipou completamente. Eu seguia o covarde de sempre.

Concordei com a cabeça, e tentei sair da cama sozinho sem sucesso, mas fui carregado por Sonata até o banheiro. Por qual razão ela ainda estava ao lado de um mentiroso? De um riquinho que tanto odiava? Talvez, agora ela se lembrasse de quando a levei para o evento do Maurílio e então concluísse que era proposital. Que eu era tão filho da mãe quanto elas. Lá, ela me colocou sentado no vaso e, com delicadeza, puxou a roupa para cima, cuidando com minha mão engessada.

Era a primeira vez que ela me via sem camisa e vou dizer que nem era uma visão de tirar o fôlego, ainda sim, seus olhos analisaram cada um

dos hematomas que marcavam a pele, os dedos passando levemente por eles, me causaram arrepio, não consegui deixar de observá-la.

O cabelo caindo em uma cascata úmida sob o rosto vermelho de quem tinha enfrentado um frio terrível até ali. Os olhos marejados, preocupavam-se comigo ao mesmo tempo que se culpavam pelo ocorrido. Eu tomei uma de suas mãos na minha e beijei suavemente a pele, sentido o roçar delicado na face.

— Você está bem. É o que me importa — insisti para que ela sempre soubesse disso. Mesmo que amanhã não a visse mais, mesmo que nossa amizade ou qualquer que fosse aquele sentimento, não durasse até o amanhã, ao menos ela saberia que eu preferia mil vezes minhas feridas a qualquer uma em seu corpo.



Capítulo 22

Saí do banho e me vesti com as roupas essenciais para só então ser auxiliado por Sonata com as demais peças. Ela secava meu cabelo com a toalha que tinha trazido. Não trocamos muitas palavras desde sua chegada, mas o afeto era palpável entre nós dois. Senti tanto a necessidade de abraçá-la, mas não sabia se tinha o direito de fazê-lo.

— Se sabe que menti, por qual razão ainda está aqui? — Ela se permitiu me encarar por um longo momento, pensando nas palavras que eu tinha dito, na pergunta cuja resposta eu precisava com ferocidade. — Você devia estar me odiando ao saber de tudo o que escondi...

— Como posso odiar o homem que se jogou na frente de um carro para salvar a minha vida? — retrucou com outra pergunta, voltando a secar o meu cabelo. Segurei sua mão na minha, em

PERIGOSAS ACHERON

um pedido silencioso de espera. — Não estou brava, Luca. Nem mesmo acho que devo sentir algo com relação a sua mentira, apenas quero ser grata pelo que fez.

— Como pode dizer isso? Sonata, você tem de estar brava comigo, precisa me odiar. É a única forma de eu me sentir confortável ao olhar para o seu rosto e saber que você descobriu tudo. — Respirei fundo, a minha mão ainda na dela. Seu corpo curvado me chamava como naquela noite de sábado. — Salvar você não tapa o que eu fiz.

— Seus motivos são apenas seus. É assim que eu penso. Se escolheu mentir no dia que lhe chamei para a entrevista e o contratei, sua razão justifica tudo. — Ela fez uma pausa antes de continuar. Seu hálito batendo contra o meu rosto era quente e tenso. — Se continuou a mentir depois, também deve ter motivos, e apesar de eu ter descoberto agora, não me sinto disposta a ouvir sobre.

— Então, está disposta ao que agora? — Sonata ficou em silêncio, observando como nossos corpos estavam próximos um ao outro, como ela se encaixava perfeitamente entre as minhas pernas. Engoli em seco quando nossos olhos se encontraram. Estava quente no quarto, sufocante,

destruidor.

Eu mal conseguia respirar e fazia o máximo para sentir o seu hálito em todas às vezes que puxava o ar. Sonata se abaixou levemente, a mão fechando na minha, seus olhos se escondendo atrás do cabelo que caía. Ela estava pronta para me beijar, senti isso com o enrijecer do seu corpo, o calor emanando da sua pele.

Eu me aproximei levemente, tentando perceber cada detalhe de seu rosto, com medo de esquecer, de nunca mais poder vê-la tão perto. Sim, era isso que aconteceria. Sonata e eu não podíamos ficar juntos ou meu pai acabaria com a sua loja, com a promessa dela para com a mãe, com as danças de Allegro e os pães de queijo quente.

Não era possível que eu seria egoísta novamente. Que pensaria só no meu umbigo, no desejo de tê-la perto. Eu não podia fazer isso. Então me afastei. Levantei da cadeira soltando a sua mão, virando de costas para não ver a cara que ela fazia. Senti seu suspirar abalado e o afastar dela.

— É melhor dormirmos — falou com a voz embargada. Concordei em um resmungo. — Amanhã temos mais um longo dia e sua recuperação é importante.

Concordei novamente, deitando-me na cama, puxei a coberta e fiquei de frente para ela, mas Sonata tinha se precavido disso e estava para o outro lado do sofá. Meu coração murchou, se contorceu, berrou com a minha mente por ter estragado o clima. No entanto, eu estava aliviado, pois me senti, finalmente, como alguém que dava valor para o futuro e não o agora.

— Meu pai contratou outra pessoa para o seu lugar — falou me surpreendendo. Claro que sim, era o que ela devia ter feito mesmo. Um substituto para a minha função e alguém melhor para se encontrar todos os dias. — Você ainda pretende voltar?

— Não — respondi com sinceridade. Agora, eu precisava fazer o que o velho mandasse para proteger Sonata, então a loja de queijo tinha ficado no passado. Ela concordou com um resmungo. — Sinto muito se estou causando problemas.

— Eu já imaginava, e Carlos me contou que isso poderia acontecer, afinal, você tem de assumir a diretoria da sua empresa, não é? — Confirmei com um sim baixo. — É legal trabalhar lá?

— Não tanto quanto na *Rainha do Queijo* — respondi com sinceridade e depois dei uma risada

que chamou sua atenção. — Não possuímos um Allegro dançando ou duendes como item divino. Nossas estatísticas também não são tão eficientes quanto a premonição de seu pai nos dias de pouco trabalho.

— Vai sentir saudade, então? — Respondi baixinho que sim. Era mais que apenas saudade. Eu estava deixando parte de mim, do lugar e das pessoas, no lugar em que me sentia eu mesmo. Lugares assim são raros e dolorosamente difíceis de encontrar. — Eu também vou sentir saudade de você, mais do que tudo.

Deixamos o assunto morrer até que a chuva embalou nossos sonhos e o silêncio tomou conta de tudo. Acordei quando Sonata já tinha deixado o hospital e Carlos ajeitava minhas coisas em uma mala. Ele sorriu ao me ver e prontamente se aproximou da cama.

— Ela tinha de ir trabalhar e você ganhou alta, mas preciso saber para onde te levar. Pretende ir para a sua casa anterior ou a atual? — Levantei, tirando as cobertas de cima e limpando o olho cheio de remela.

— Só tenho uma casa, Carlos. A outra é do meu pai — respondi, tomando iniciativa para sair

da cama. Estava me sentindo mais pesado e letárgico naquela manhã e é o que dizem sobre as dores, o segundo dia é sempre o mais dolorido.

Colocamos as coisas no porta-malas e entramos no carro de Carlos. Sabia que ele estava me ajudando apenas pela amizade, afinal, não trabalhava mais para mim. O que eu sentia muito, com todas as minhas forças.

— Acho que essa também é nossa despedida, não é? — indaguei. Ele negou rapidamente e pareceu extremamente chateado com a pergunta. — Não estou dizendo que quero me livrar de você, seu boboca. Só que iremos nos ver menos.

— Ah! Isso sem dúvida, mas ainda quero você na minha despedida de solteiro e no casamento. Você me prometeu muito champanhe e estou pronto para cobrar. — Ri daquilo. — Estou pensando inclusive em irmos de novo no Mundo Animal.

— Para comemorar sua despedida de solteiro? Está brincando, não é? Aquele lugar é para famílias com crianças, não dois marmanjos que nem nós! — Ele deu de ombros afetado.

— Me senti uma criança feliz lá, não posso? Vai dizer que não gostou das músicas? Ou talvez da

PERIGOSAS NACIONAIS

pizza! Qual é, a pizza era boa e, embalada naquele jazz com vozes infantis ao fundo cantando uma música de que nunca ouvi falar, era excelente. — Suspirei pesadamente quando ele riu da minha cara. — Foi divertido, mas concordo que não para uma despedida de solteiro.

Paramos o carro e eu descii com as malas, Carlos me acompanhou até em casa, mas logo partiu para começar a produzir um produto do qual teve ideia. Concordei e me deixei cair na cama para descansar mais um pouco. Não foi preciso muito, os remédios causavam um efeito fatal para o sono e adormeci assim que deitei.

Já passava das 20h quando acordei com batidas na porta. Era Allegro falando sobre jantar. Atendi-o recebendo um abraço apertado e repentino, logo após um prato transbordando de comida que cheirava extremamente bem.

— Esse é para você comer tudinho, viu?! Amanhã venho buscar o prato. — Eu me aproximei assim que o vi se afastar. Queria perguntar sobre Sonata e ele reconheceu isso somente pelo meu rosto envergonhado. — Ela está na faculdade. Hoje precisava entregar aquele trabalho que fizeram todos juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Eu tinha me esquecido. Conferi o relógio, não era tão tarde, ainda dava tempo de chegar lá. Coloquei o prato na pia e passei por Allegro até a vizinha que Sonata tinha pedido a bicicleta. Eu sei, era estranho aquele tipo de pedido, mas ela atendeu com gosto, pois dizia que eu era o herói da pequena ruivinha.

Com a bicicleta de rodinhas rosas, nunca me senti tão confiante. Pedalei até não aguentar mais, uma das mãos engessadas só se apoiava, enquanto a outra fazia todas as manobras perigosas na avenida, cheguei a salvo, mas não comicamente inteiro, afinal, o duende fez questão de colocar todas as pessoas que podia para me verem andar naquilo.

Quando entrei na sala, todos me olharam surpresos. Estava cada um com sua equipe de trabalho e logo reconheci Sonata, Linda e Maurílio, que acenava para mim. Aproximei-me com um pedido de desculpas para a professora e tomei meu lugar.

— Pediram para decidir quem vai apresentar o trabalho, estávamos falando que você e Sonata é quem deviam, já que fizeram o trabalho e sabem melhor que nós dois. Podemos dar um migué na professora, falar que nós dois fizemos o trabalho e

vocês vão apresentar — contou Maurílio. Olhei para Sonata que baixava a cabeça timidamente. — Você não devia estar no hospital?

— Então, vocês fariam ela se apresentar sozinha? — retruquei com um sorriso pouco amigável, que fez Linda se remexer na cadeira. Sonata quis falar algo, mas a impedi. — Vocês dois vão apresentar, já que nós fizemos o trabalho. Não é muito difícil, são coisas que a professora explicou em sala de aula, além do mais, só precisa pegar os papéis e dar uma lida antes.

— Qual é, Lucas! — tentou Maurílio, mas acabou pegando os papéis na mão em meio a suspiros afetados, leu e releu ao lado de Linda. A apresentação deles foi a coisa mais cômica do mundo.

Enquanto eu e Sonata ficamos de lado com as cabeças baixas, Linda e Maurílio falavam todas as grosselhas que vinha na mente. A risada queria vir, mas contive em todos os momentos possíveis. Quando terminaram, a professora elogiou o trabalho escrito, mas pediu que eu e Sonata fizéssemos alguns comentários.

O que claramente deixou Linda e Maurílio em lençóis muito piores do que já estavam, afinal, tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

o que falávamos contestava as palavras deles. Ao término, as notas foram dadas individualmente, com a professora ressaltando que um trabalho em grupo é feito com mais do que uma dupla.

Maurílio e Linda ficaram bravos, é claro, e foram embora mais cedo da faculdade. Eu e Sonata saímos rindo até o estacionamento das bicicletas, quando ela encarou meu motor cor de rosa e voltou a gargalhar incrédula.

— Você pegou da Maria? Não acredito! — Dei de ombros. — Deve ter feito um tremendo esforço para chegar até aqui. Sabe que não precisava.

— Eu sei, mas não queria meu cordeiro sendo comido por lobos — brinquei, fazendo-a ficar vermelha.

Pegamos nossas bicicletas e voltamos para casa entre brincadeiras e desequilíbrios, rindo como se não tivéssemos passado por tantas coisas horas antes. Era uma Sonata e eu do passado, quando não nos preocupávamos com o que o sol traria no dia seguinte, fosse para nossa amizade, nosso companheirismo ou nosso trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 23

Fiquei por mais alguns dias enfunado em casa até poder ir trabalhar na *Braincoff*, seu Allegro me visitava com frequência e trazia algo para eu comer. Carlos voltou umas duas vezes para contar seus planos, mas Sonata não veio me ver em nenhum dos dias. Eu também evitava vê-la, pois sabia que meus sentimentos iriam doer mais.

No fim, acabei voltando para a empresa antes mesmo de precisar e encontrei pacientemente meu pai, atrás da cadeira, com seu sorriso vitorioso e desdenhoso. Ele me abordou com café, biscoitos e uma pilha enorme de documentos para que eu desse uma olhada, percebi que todos se tratavam da minha posse. Engoli aquilo como um tijolo.

— Hoje à tarde teremos a reunião com os acionistas e pretendo derrubar aquele paspalho do Alfredo e o filho dele com sua assinatura e posse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fez uma pausa e bateu com os nós dos dedos na mesa, dando ênfase para o que falava. — Não sabe como está sendo difícil manter aquele canário de bico fechado! Todo dia uma reunião diferente com um acionista, a mesma ladainha, falar sobre a capacidade de Maurílio.

— Imagino a dificuldade, meu pai — desdenhei, sabendo que ele perceberia, mas, diferente do esperado, em nenhum momento deixou de rir. Como poderia ser diferente? Ele me tinha em suas mãos.

— Estou mantendo seu império, meu filho. Seu sonho e a nossa realeza, coisas que aqueles podres jamais podem nos tirar com facilidade. — Fechei a cara. Nossa realeza? Éramos mais pobres que qualquer outro dentro daquele prédio e isso devido somente a ganância de meu pai. — Se quiser, até deixo você ficar com aquela vadiazinha de vez em quando, mas não esqueça que aliança é só com quem merece.

— Não fale assim dela! — berrei, levantando da cadeira e a deixando cair em um baque. Meu pai voltou a rir com sua gargalhada rouca e fria. — Estou fazendo tudo o que você quer já, então não fale mais de Sonata.

PERIGOSAS ACHERON

— Sonata... — repetiu, degustando o nome dela na boca. Aquilo me deu ainda mais nojo. — É um nome tão ridículo quanto ela, mas não poderia esperar diferente de gente pobre. Agora, uma coisa você tem razão, está fazendo tudo como eu quero e vai continuar, ou sabe o que pode acontecer a qualquer momento, não é?

— Eu sei — respondi com os dentes trincados em raiva.

— Você tem também um novo secretário, Castanhare. É claro que ele é fiel a mim, então nem tente nada. — Meu pai sorriu como uma hiena pronta para dar o bote. — Não se esqueça de que eu tenho dinheiro para contratar pessoas e você, nada!

Entrei na minha sala sem me importar com o som que a porta de vidro fez ao bater. Imaginei que o dia seria ruim, mas não tinha percebido o quanto isso iria conseguir me afetar. A respiração pesada, o peito dolorido, tudo indicava que esse estresse seria apenas o começo de uma penitência que eu não acreditava ter que receber.

Olhei para o telefone, o número de Sonata estava ali, e apesar de eu sempre pegá-lo, jamais consegui discar. A voz dela era o que eu precisava, mas o que mais poderia acontecer se eu a ouvisse?

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez mudasse de ideia. Talvez voltasse a ser egoísta, não aceitaria nada daquilo e deixaria meu pai com sua fúria. Não, não era o certo.

Meu telefone acendeu, mas a esperança de ser Sonata morreu assim que li o nome de Maurílio. Atendi-o sem pressa e me surpreendi ao ouvir a voz de seu pai na linha. O senhor Alfredo tinha a voz bem diferente da de meu pai, era mais manso, mais gentil, um homem que eu admiraria se não fosse sua ganância bem parecida com a dos outros acionistas.

— Quero falar com você, filho. Pode ser? — pediu. Não neguei, na verdade não respondi nada. Desliguei o telefone e mandei uma mensagem com hora e local, pois era certo que meu pai estaria vigiando de perto.

Quando deixei a Braincoff ao meio-dia, fui até o restaurante da frente e almocei sem pressa. Vi que Castanhare estava em outra mesa, me observando sempre que eu fingia distração. Percebi que ele bebia só água e pediu o mais barato do cardápio. Carlos fazia isso, mesmo que eu dissesse para ele que iria pagar. O lugar não era barato ou amistoso com pessoas que pediam coisas e não pagavam.

PERIGOSAS ACHERON

Esperei o momento certo para agir, quando o garçom se aproximou.

— Leve para aquele rapaz na outra mesa o vinho mais caro que tem na casa, sirva-o e espere que ele reclame. Faça questão de ser o mais caro! Está bem? — Entreguei ao garçom o valor gordo para o seu serviço e também para o vinho. Era o último dinheiro que tinha vindo do meu pai, então fiquei feliz em gastar daquela forma.

Quando o garçom serviu Castanhare, o mesmo reclamou sem sucesso. Então me ergui lentamente, o bafafá enchendo o restaurante ao ver a briga entre cliente e o atendente. Deixei o dinheiro com o caixa sem pedir troco e saí correndo do restaurante. Não olhei para trás, apenas segui o fluxo dos meus pensamentos em direção ao local combinado, onde o pai de Maurílio me encontraria.

Alfredo estava sentado na mesa de um boteco, sentindo-se desconfortável com seu copo pequeno enchido com água. Não era o ambiente apropriado para um homem como aquele, mas o suficiente para distrair qualquer pessoa que nos visse. Sentei de frente para ele, recuperando o fôlego, sorri, fazendo um pedido qualquer do cardápio.

— O senhor não vai querer nada? —

perguntei, mas Alfredo negou com um aceno, então dispensei o moço que fez cara de poucos amigos. — Bom, a distração para o meu segurança não vai durar muito, por essa razão preciso saber logo o que o senhor quer.

— Lucas, você realmente quer assumir a diretoria? — Neguei com a cabeça assim que ele fez a pergunta. — Então, por qual razão voltou? O que seu pai está usando contra você? Sabe que posso ajudá-lo!

— Como o senhor está ajudando seu filho? — Ele ficou mudo. — Olha, seu Alfredo, o fato de eu não querer a diretoria é pelo mesmo motivo que seu filho. Não me vejo nela e não quero ser obrigado pelo meu pai a fazer parte disso.

— Eu sei. Eu sei. — Abanou com a mão, impaciente. O garçom dali trouxe o prato feito que pedi e, pela fome, mal consegui ser cordial com Alfredo, apesar dele não ter se importado. — Maurílio não quer estar atrás de um escritório e você não se vê na *Braincoff*. Isso eu entendo e respeito a decisão, não estou aqui para lhe convencer de desistir. Na verdade, não pretendo forçar meu filho a assumir.

— Então, o que o senhor quer comigo? —

Alfredo suspirou pesadamente e colocou dois papéis na minha frente. O que li dizia claramente que a sociedade que Alfredo e meu pai tinham, na verdade estava no meu nome e no de Maurílio. — O que isso quer dizer exatamente?

— Que seu pai e eu somos meros representantes de vocês na sociedade e que, portanto, se decidirem retirar esse poder, você se torna o acionista com a maior parcela da empresa. Todas as decisões devem ser feitas por você. — Ele fez uma pausa para que eu engolisse tanto a comida quanto a notícia. — Entende o que isso quer dizer? Você pode demitir o seu pai e também escolher um novo diretor.

— Não sei que diretor escolher, seu Alfredo e menos ainda posso garantir apoio dos outros acionistas. — O velho balançou a mão como se isso não fosse mais importante, o que provavelmente ele já tinha pensado e resolvido. — O que o senhor ganha com isso?

— Mais autonomia, Lucas — respondeu com sinceridade. — Seu pai jamais permitiu que outra pessoa além dele sentasse na cadeira da diretoria, ele comprava votos quando sabia que podia perder para nós em conjunto, mas se eu e você nos

unirmos, nem mesmo os acionistas comprados poderiam nos derrubar.

Pensei um pouco naquilo. Era claro que eu estava sendo usado para os propósitos de Alfredo, mas meu pai estava fazendo o mesmo comigo e até o momento tudo o que eu podia era engolir seus caprichos e me rebaixar completamente. Peguei o papel na mão. Com aquilo, meu pai não teria poder nenhum.

— Quem o senhor acha que irá assumir a diretoria melhor que meu pai? — Ele pensou por um momento antes de falar.

— Carlos teria sido o melhor, apesar dele ser apenas um secretário e agora não estar mais na empresa. Meu voto seria dele se seu pai tivesse permitido — revelou, surpreendendo-me. — Mas sem ele, creio que você é a melhor escolha, só não sei se tem interesse nisso.

— Eu não sei se quero, para ser sincero. Ao menos não quero sendo obrigado pelo meu pai para assumir. Carlos também não gostaria de receber essa nomeação, ele me pareceu feliz ao começar seu próprio negócio — contei, Alfredo resmungou um sim enquanto roçava os dedos no lábio. — O senhor não assumiria?

— Estou velho demais, infelizmente. — Riu daquilo, suspirando em seguida. Realmente, ele estava cansado já, meu pai deveria ter parado há muito tempo também. — Tente convencer o Carlos, meu filho. Ele é a melhor solução para nós e tenho certeza de que se for um pedido seu, ele vai aceitar. Vou tratar de trazer um advogado para a reunião de hoje, temos pouco tempo.

Deixei Alfredo ir embora enquanto apreciava meu arroz com ovo e bife, o que estava uma delícia, por sinal. Bem que eu ouvia falar que as comidas de boteco eram as melhores. Já satisfeito, liguei para Carlos que demorou bastante em atender, bom, agora que eu não era mais seu chefe, ele ficou bem abusadinho. Ri daquilo.

— Oi, Lucas, diga — falou ao atender o telefone. Dei um suspiro de quem fingia estar zangado pela demora. — Estava no banheiro, Lucas. Você não ia querer que eu atendesse.

— Nesse caso está perdoado — brinquei, repugnado com o fato de que era informação demais. — Escute, sei que está tentando muito conseguir ser autônomo, mas quero lhe fazer uma proposta. — Carlos ficou mudo no telefone enquanto me ouvia. — Quero que assuma a

diretoria.

— Está é louco, querido. — Essa foi sem dúvida a resposta que eu menos esperava. Fiquei tentando entender o que ele estava dizendo, se realmente me chamava de louco e de onde era aquela maneira de tratamento. — Desculpe, a filha da minha noiva fala muito isso para mim. Lucas, eu fui demitido, você se lembra?

Sim, eu me lembrava e era exatamente esse golpe que meu pai não iria esperar. Com Carlos sendo meu indicado e o de Alfredo, nem os acionistas comprados poderiam barrar aquilo e eu estava disposto a ver o grandessíssimo diretor cair de seu cavalo majestoso.



Capítulo 24

Entrei na sala de reunião quando só meu pai estava sentado em sua habitual cadeira. Tomei posse do meu lugar como era o costume de quem iria se apresentar como novo diretor, e esperei que aquela risada debochada dele fosse o suficiente para eu ter muito mais ódio do que aquilo que já guardava.

— Soube que você fugiu do seu secretário — falou como quem não queria nada. Secretário era uma palavra nova e peculiar para segurança. — Me pergunto onde foi por tanto tempo.

— Ele precisa me acompanhar quando eu tiver uma diarreia também? Na próxima vez então vou pedir que ele carregue um balde, assim evitamos desencontros — retruquei com o mesmo sorriso. Meu pai continuava analisando para saber onde eu ia, mas manteve a aspereza da minha resposta como a única que daria para o momento.

PERIGOSAS ACHERON

Ele podia relaxar um pouco, o que era dele estava guardado.

Os acionistas chegaram na empresa e tomaram seus lugares. Alfredo fez o mesmo, sem cumprimentar meu pai, assumiu uma carranca de pura infelicidade. Era esse nosso truque, fingir que tudo estava indo conforme os planos dele.

A reunião começou com a posse da palavra de meu pai, ele falou as mesmas coisas como da última vez, mas focando principalmente em lembrar aos outros acionistas que era impossível deixar alguém que não tinha experiência de empresa assumir a diretoria. Uma direta especial e com cumprimentos para Alfredo.

Seguindo sua linha de raciocínio e o término daquelas palavras que me davam tanto asco, levantei-me da cadeira e iniciei um discurso floral, adulto, exatamente como meu pai desejava desde o começo.

— Meu pai sempre esteve certo em muitas coisas, mas nada é mais correto que a diretoria passe para as mãos de quem sempre trabalhou por essa empresa e que tem muita experiência de área. — Fiz uma pausa, passando a mão pela mesa e forçando o punho contra a madeira. — Dessa

forma, não vejo como ser diferente a escolha para o cargo. Sendo, assim, peço que votem com sabedoria ao fim dessa apresentação.

Todos ficaram interessados nas minhas palavras, quando fechei o botão do paletó e segui para a porta, os burburinhos começaram. Era só aquilo que eu lhes diria? Era o fim da apresentação? Passava pela cabeça deles. Pude sentir o espírito do meu pai enrijecer também, assustado, pronto para mandar acabarem com Sonata. Eu sorri em vitória.

Abri a porta e Carlos entrou na sala. Vestia seu melhor terno e o cabelo penteado para cima chegava a brilhar de tanto gel. Era o perfeito candidato e eu nem precisava olhar tanto para ele. Pedi que se sentasse na minha cadeira, o que resultou em mais fofocas. Meu pai se levantou no mesmo instante, batendo o punho contra a mesa.

— O que está fazendo, Lucas? Que tipo de brincadeira é essa? Já estávamos acertados, você não se lembra do que isso envolve? — concordei com um aceno tranquilo e pousei a minha mão no ombro de Carlos.

— Eu, como acionista da maior parte da empresa dou meu voto para Carlos Domingues, um

dos funcionários mais exemplares dessa empresa e que conhece cada recanto da mesma. — De forma determinada, não deixei uma palavra sequer fora de ordem. Era óbvia a minha insanidade para quem não sabia do papel. Meu pai deu uma risada gelada.

— Acionista? Você é só um funcionário, Lucas. Eu sou o acionista com maior parte da empresa! — Alfredo pigarreou na mesma hora, tirando um papel de seu bolso, ele deixou em cima da mesa para que todos pudessem ler. — Não me venha com seus truques, Alfredo, pois você também tem o rabo preso.

— Na verdade, João. Eu não tenho problemas com meu filho e ele não quer assumir sua cota na empresa para o momento, então ainda sou o representante, contudo — apontou para o papel —, como vocês podem ver, Lucas, ao completar dezoito anos, poderia exigir assumir sua parte sem a interferência do pai, o que ele faz exatamente agora.

— Isso é ridículo... — tentou meu pai, gaguejando e buscando mentira nos meus olhos. Eu sorri e voltei na porta para buscar o advogado que Alfredo trouxe consigo.

— Na presença de um representante da justiça,

eu assumo a parte que me pertence na empresa, com voz e poder de escolha. — Fiz uma pausa para todos engolirem bem aquelas palavras. — Sendo assim, meu voto, como já havia dito, pertence a Carlos Domingues, para novo diretor da *Braincoff*.

— Eu não vou... — começou meu pai, mas foi Alfredo quem o fez calar-se dessa vez.

— Sua presença aqui é dispensável, João. Não se esqueça que seu cargo é meramente diretor e essa é uma reunião para acionistas, então, caso não queria ser retirado daqui, tome seu devido lugar de ouvinte. — Ele fez uma pausa para limpar os lábios secos enquanto meu pai olhava para os seus homens de confiança na mesa. — Vamos votar, sim?

Os votos aconteceram aleatoriamente e em voz alta. Carlos tinha deixado a sala junto do advogado, mas meu pai permaneceu sentado em sua habitual cadeira. A votação estava empatada, mas havia o peso das ações nisso. Alfredo era o último, então ele se levantou da cadeira e deu o xeque-mate.

— Meu voto é para Carlos Domingues, visto que sua qualidade como funcionário jamais foi questionada. A empresa, é certo, estará em boas

mãos — concluiu, dando assim por encerrada a votação.

Os acionistas deixaram a sala, mas não eu e meu pai. Nós dois permanecemos, pois era uma guerra que não havia acabado ainda. Estávamos nos encarando por muito tempo, em um silêncio tão pesado e bruto que ninguém ousava abrir boca. Eu esperei pacientemente, pois sabia o que vinha. Meu pai não me decepcionou.

— Vou destruir aquela loja, Lucas. Você jamais deveria ter me provocado dessa forma. Me envergonhado! — Derrubou os papéis da mesa com seu ódio descontrolado. Ele realmente se achava poderoso e o mais engraçado é que temi isso durante muito tempo. — Vou acabar com aquela vadia, você não vai ver nem o pó dela! Está me ouvindo?!

Agora, observando realmente a fragilidade que se escondia em seus ataques de fúria, sorri divertidamente. Era só um homem sem força, tentando lutar em uma briga de galo na qual não tinha vez. Levantei-me pacientemente, fechei o paletó, alisei com a mão e voltei a encarar meu pai com o sorriso que ultimamente ele dava para mim. Aquele poder todo era perigoso, eu sabia, mas

também era um favor que eu fazia questão de retribuir por muito tempo, a imagem de quem mandava ali.

— Pai, não quero lhe impedir de fazer suas vontades, mas não se esqueça de que, como acionista legal da parte que pertencia a você e também com a sua demissão do cargo, todo o dinheiro que o senhor tem para esbanjar me pertence. — Meu pai ficou mudo, parecia não esperar aquele golpe bruto. — Caso ainda queira dar continuidade nos seus planos da nova empresa é melhor não me desagradar e ficar quieto no seu canto.

— Isso é... — Levantei a mão para calá-lo.

— Vamos ver quanto tempo aguenta em um apartamento menor e sem sua atual esposa. Afinal, dinheiro é o que mantém o relacionamento de vocês. — Dei um passo para fora da sala, mas voltei para encarar o rosto pálido de meu pai. — É melhor ficar longe da loja para manter seu status de rico.

Deixei meu pai na sala e fui de encontro a Carlos que estava olhando da janela de meu escritório. Ele sorriu, apesar de não parecer extremamente contente pelo novo cargo. Bom, não

precisava ser um gênio para saber que ele não se sentia confiante para um papel tão importante, mas que, ainda assim, estava disposto a fazer o seu melhor.

— E, agora? O que pretende fazer? Vai continuar com esse cargo ou vai voltar para a loja de queijos? — ele perguntou. Eu também não sabia dizer. Suspirei pesadamente e me recostei na mesa, olhando também para o céu azul do lado de fora. — Vai desistir de Sonata agora que seu pai está finalmente incapacitado?

— Não é por desistir, é por não saber o que fazer. Ela não veio falar comigo depois do que aconteceu, então, talvez ela não queira me ver. Eu me sinto preso a essas perspectivas — respondi. Carlos resmungou um sim, compreendendo o que eu queria dizer.

— Mas e se, na verdade, ela estiver esperando por você? — Virei para encará-lo e vi que sorria de forma leve. — Sabe, Lucas, às vezes, tudo o que mulheres desejam é um simples passo do homem. Sonata pode estar esperando exatamente esse movimento para agir. Lembre-se de que ela também tem seus medos, não é exclusividade sua.

Pensei naquilo por um momento. Eu também

não tinha ido atrás de Sonata, mas Allegro sempre me levava comida à noite. Também nunca liguei para seu número, ou falei com ela durante as aulas. Eu tinha medo, mas Carlos estava com a razão, não era uma exclusividade minha me sentir dessa forma.

— Onde está a chave do seu carro? — perguntei para Carlos que tirou do bolso, mas não teve tempo de entender o motivo. Com ela em mãos, eu saí correndo, ouvindo algo sobre “eu sou seu chefe agora”, mas que ignorei com prazer.

Precisava chegar na loja, precisava ver Sonata e lhe dizer o que eu sentia por ela. Nunca falei claramente, todos os pontos, todos os momentos eu me corriji. Então, eu realmente precisava me declarar, ela precisava saber que eu falava sério. Era necessário repetir isso todas as vezes, pois Sonata tinha que entender como era o meu Sol.

Dirigi pela rua até o calçadão, estacionei o carro em uma vaga e corri por entre as pessoas que compravam ou apenas passeavam pelo lugar. Parei na frente da loja de queijos com a língua de fora, lembrando que eu precisava de um físico melhor se fosse realmente continuar com aquelas corridas.

Entrei na *Rainha do Queijo*. Estava cheia, as

peessoas não me notaram de primeira, exceto Allegro e o novo atendente, um rapaz bem mais jovem que eu. Ele sorriu para ver o que eu queria, mas o pai de Sonata apenas o impediu com a mão no ombro.

— Sonata, preciso que venha aqui fora — falou, dessa vez chamando a atenção de todos para mim e para a situação que iria acontecer. Ajeitei meu terno antes dela sair da cozinha e, quando p uma eternidade.

Ela estava de amarelo, como sempre, e brilhava exatamente como em meus sonhos. Cheia de luz no rosto, de calor nos cabelos, de fogo em seu olhar sincero. Sonata parou na minha frente e eu sorri, simplesmente por não conseguir conter a felicidade que sentia ao vê-la.

Dei alguns passos à frente, deixei o sorriso sumir conforme eu me preparava para contar o que estava guardando havia tanto tempo. Peguei sua mão na minha, coloquei no meu peito, onde o coração batia freneticamente. Ouvi cliques ao fundo, pessoas arfando empolgadas, mas nada disso era tão importante quanto o olhar de surpresa de Sonata.

— Eu estou doente... — comecei, sem saber o

PERIGOSAS NACIONAIS

que falar inicialmente. As palavras atingiram Sonata, e ela gaguejou algo que eu não compreendi, então voltei a apertar sua mão no meu peito. — Meu coração dói.

— Você devia ir ao hospital... — começou ela, me fazendo rir da resposta preocupada e envergonhada. Neguei com a cabeça.

— Um hospital não pode me curar, Sol. Eu estou doente, meu peito dói, mas é por causa de você. — Fiz uma pausa, sentindo a respiração dela aumentar, o peito subir e descer loucamente, a boca aberta sem saber o que falar. — Eu estou doente de amor. De amor por você.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 25

“Eu preciso pensar” foram as suas palavras antes de fugir para a cozinha e me deixar no centro do salão, com olhares nervosos, piedosos e risonhos em alguns casos. Mal consegui encarar Allegro, pois ele também foi atrás da filha. Logo onde ele estava, o duende me encarava para lembrar do pedido ridículo que eu tinha feito e para o qual não tive retorno.

Voltei para casa meio abalado, vi que Carlos me ligava e caía muita chuva do lado de fora. Ele sem dúvida queria o carro, mas eu estava sem condições de levar para ele. Deitei na cama, após um banho longo e pesaroso, estava a dormir quando ouvi uma batida quase derrubar minha porta.

Carlos estava ensopado, com o rosto de poucos amigos e os óculos repletos de pingos. Soltei um *“ah!”*, como se tivesse me lembrado somente naquele momento. O que deixou meu

PERIGOSAS ACHERON

amigo e CEO da empresa tão bravo que deu a volta e ele começou a rir. Algo mais estranho ainda, na minha opinião.

— Você ganhou um fora. — Fiquei até arrepiado com tamanha crueldade de Carlos ao falar da minha ferida daquela forma. Peguei a chave em cima da mesa e entreguei para ele com a boca retorcida. — Quer conversar? Talvez, eu possa te dar uns conselhos. Sabe que não é o fim do mundo levar um chute, né?

— É vingança por causa do carro? — indaguei, zangado. Carlos riu.

— Pode chamar disso também, mas estou sendo sincero. Coisas assim acontecem. Quer um pote de sorvete? — Olhei para ele com cara de pedinte. Eu precisava sim de um pote de sorvete. Carlos voltou a rir e saiu do apartamento, voltando logo em seguida com o meu pedido. — Essa é a última vez que lhe trago algo como seu secretário.

— Achei que era por sermos amigos — retruquei em tom de brincadeira, puxei o pote para mim e fiz sinal para que Carlos entrasse, mas ele se recusou. — Achei que amigos tinham de ficar juntos nesse momento e assistir a um filme.

— Receio que você leu errado. O melhor é

fazer sozinho, não quero te ver chorar. — Dando um aceno, Carlos foi embora me deixando sozinho. Fechei a porta do apartamento, sentei na cama, ligando qualquer vídeo no Youtube. Parei no canal *Jovem Nerd* e fiquei longas horas assistindo os top 10 de filmes. Se um resolvia, vários deveria ser melhor.

Estar na fossa era realmente estranho, o sorvete descia pela garganta e as lágrimas derramavam-se pelos olhos até chegar em um momento que não se sabe se era o sofrimento que fazia você chorar ou a quantidade de gelo que ia para a cabeça. Foi a primeira vez que fui tão longe no quesito *fudido*. E me sentia de parabéns por conseguir melhorar anualmente esse ranking.

Esperei adormecer em posição fetal quando alguém bateu na porta, novamente. Saí da cama limpando a boca e deixando o sorvete em cima da mesa antes de abrir e me deparar com Sonata, respirando pesado, o cabelo molhado e perfumado de quem havia recentemente tomado banho.

Ela me encarou de um jeito tão intenso que senti meu estômago revirar. Era calor que eu via, um fogo, um desejo, sentimentos que começavam também a penetrar meu corpo assim que olhava as

gotas de água escorrendo por seu rosto, traçando as linhas que tantas vezes desejei ter traçado eu mesmo.

— Luca... — ela me chamou, um sopro apenas, mais baixo do que geralmente ela já falava. O ar entrando e saindo pelo seu corpo, fazendo subir e descer o peito, deixando o pescoço nu tensionado e provocativo. — Eu senti saudade.

Sonata não precisava me dizer muito mais que isso para fazer meu impulso e desejo agirem por todo o meu corpo. Eu a puxei para perto de mim, fechei a porta do apartamento e fui em sua direção, que se afastava a passos lentos até que o corpo estivesse barrado pela porta.

Esperei, queria vê-la desejar como eu aquele beijo, saber que ela realmente queria estar comigo e que permitia o meu toque. Então, deslizei o dedo indicador pelo seu queixo, traçando as partes molhadas, indo até sua boca, vendo-a estremecer e me desejar. Implorar com sua respiração, com as formas que seus músculos tensionavam.

Também não pude aguentar mais. Eu a queria há tanto tempo e agora, disposta, ali na minha frente, o rosto delicado em espera. Espera do meu beijo. Como era bom pensar naquilo, eu finalmente

estava diante do cenário que imaginei tanto, dos sonhos que tive com ela e de como sua boca se mesclava na minha.

Eu a beijei.

Foi como uma explosão dentro de mim. A cabeça de Sonata encostou na porta, enquanto minha língua deslizava para dentro da boca doce dela, agarrando seus cabelos entre meus dedos, sentindo a maciez, respirando aquele perfume que só ela tinha.

Sonata não me deixou sozinho, estava recebendo minha língua na sua, dançando de forma sexy pela boca, me fazendo sentir ainda mais desejo de me infiltrar ali e nunca sair. Sua mão passou por debaixo da minha blusa procurando o calor que eu emitia naquela noite fria.

Estava sem ar, com as pernas bambas, com meu coração doendo de tanta paixão e desejo que eu carregava. Minha mão desceu para sentir as coxas dela por baixo daquele vestido, a pele fria pela chuva que acabou pegando até o outro lado do condomínio, estremeceu ao meu toque, o arrepio subindo deixando ainda mais sensível.

Ouvi um gemido baixo saindo de sua boca, me instigando ainda mais a continuar tocando

levemente sua pele enquanto introduzia todo o meu desejo dentro do beijo sem pausa que nós dávamos. Foram minutos até recuperarmos nosso fôlego, afastando-nos por um momento, só para ter certeza de que o ardor ainda permanecia.

E como permanecia. Estava ali, em nossa pele, nossa respiração, nosso olhar e, principalmente, a boca avermelhada que pedia por mais. Voltei a beijá-la, arrancando-lhe outro gemido baixo. Tomei as duas pernas nas minhas mãos, puxei-a para cima, encaixando suas coxas na minha cintura, fazendo sentir a minha ereção, enquanto lhe colocava sentada na mesa.

Deixei a boca dela apenas para me aventurar pelo seu pescoço, desfrutar do cheiro que a pele dela emanava. Deslizei minha língua pela sua clavícula, enquanto puxava o vestido para cima de sua cintura, deslizando-o para fora e revelando o corpo de Sonata, suas formas miúdas, de uma fada, me fizeram ficar mais louco.

Ela usava um conjunto de renda amarelo que combinava maravilhosamente bem com seu tom de pele e as sardas no colo do peito, onde me joguei faminto, lambendo cada parte, puxando o sutiã com os dentes, revelando um dos bicos dos seus seios

onde suguei e acariciei, envolvendo na minha língua, sentindo sua forma saltada.

Cada gemido de Sonata fazia meu pau pulsar, implorando para penetrar nela, para deixá-la ainda mais louca de desejo, mas não era o momento, não ainda. Eu precisava me conter. Fazê-la aproveitar cada momento, era meu dever. Impedir que sua mente se esquecesse desse dia, era minha missão. Eu não poderia decepcionar todo aquele tesão que saía freneticamente dela.

Uma das minhas mãos acariciou seu outro seio, brincando com a ponta dele, enquanto endurecia, Sonata gemia, segurava meus cabelos puxando-o para trás, deixando seu corpo dobrar na mesa. Ela estava louca, e eu a deixaria ainda mais.

Desci com a boca até seu quadril, a língua percorrendo suas formas, o gelo que ficou do sorvete, pude perceber, fazia Sonata ter pequenos espasmos, principalmente quando atingi sua área mais sensível e ergui as pernas para dar mais espaço para que eu continuasse brincando com a sua virilha até alcançar o clitóris.

Ela gemeu, alto, forte, revirando seus olhos, enquanto eu me deliciava em ver suas reações, sentindo as pernas dela se contraírem, fechando-se

em uma defesa involuntária, abrindo logo em seguida para receber mais da minha língua em sua buceta úmida.

Fazer Sonata sentir aquelas coisas era tão importante para mim quanto minha própria vontade de penetrá-la, isso porque era tão prazeroso vê-la se movimentar, puxar meu cabelo, o corpo implorando por mais, que eu poderia continuar assim para sempre.

— Por favor... — pediu em uma respirada fraca, derretida pelo prazer intenso que sentia. Tomei aquilo como algo que já não dava mais para adiar. Voltei a puxá-la de encontro ao meu corpo e caminhei até a cama, deitando-a e analisando sua forma nua, tão perfeita, me esperar.

Desci as calças e me aproximei da cama, mas fui recebido por suas mãos em um ímpeto selvagem. Fui completamente tomado pela sua boca, sugado, como se ela pudesse arrancar a minha alma com aquele ato. Suas chupadas bruscas, a forma como sugava minha circunferência era uma dor que atingia o prazer mais indescritível que tive.

Não havia momento que eu conseguisse respirar com tranquilidade, cada vez que sentia a

umidade da língua mais eu gemia e me contorcia. Os olhos de Sonata denotando prazer ao me envolver com a sua boca me fazia não querer deixar de observá-la.

Toquei em seu cabelo, deixei os cachos enlaçarem na minha mão, permitindo que eu visse seu rosto por inteiro, sua boca sugando, sua língua passando em movimentos circulares. O cheiro delicioso de seu corpo ainda penetrando nas minhas narinas.

Eu não podia aguentar mais, eu a queria dentro de mim, precisava senti-la sendo penetrada por mim. Com delicadeza, afastei o seu corpo do meu, deitando-a e assumindo uma posição acima dela, com os braços um de cada lado, separando-nos ainda que o calor fosse impossível de afastar.

Beijei delicadamente seus lábios, senti meu gosto se misturar ao dela, parei para vê-la e, novamente, me perdi naqueles olhos cheios de amor. Da gaveta ao lado, peguei a camisinha, estava tão nervoso, tão consciente de que a mulher da minha vida me aguardava, que custei para deixar exatamente como precisava.

Sorri para Sonata, recebi o mesmo, ardente, vivo. Tudo o que eu precisava para ter certeza de

que podia prosseguir. Inicialmente, a penetrei devagar, deixando-me deslizar para dentro de suas úmidas partes, enquanto arrancava um gemido rouco de nós dois. Meus movimentos foram leves, tomando força conforme a penetração nos deixava ainda mais receptíveis.

Uma das minhas mãos acariciava seu rosto, enquanto a outra mantinha meu corpo longe de esmagá-la. Seu ventre balançando com minhas investidas, a sua boca abrindo, deixando a língua umedecer os lábios. Cada movimento, Sonata penetrava as unhas nos meus braços e eu arquejava em resposta.

Ela me virou sem esforço, pois cedi ao poder desconcertante que Sonata tinha sobre mim. Sentada com as duas pernas abertas, seu cavalgar era ainda mais delicioso. Não pude fazer nada, só me permiti ser conduzido por suas curvas, ordenado por seu corpo e totalmente domado por aquela mulher.



Capítulo 26

Não dormimos, talvez por medo de perdermos tudo o que passamos nas últimas horas. Sonata estava deitada no meu peito, passando os dedos na minha pele, enquanto eu brincava com os cachos ruivos. O sol já começava a surgir da janela da cozinha e os últimos pingos da chuva caíam na vidraça. Acabei rindo ao pensar que finalmente tinha acontecido.

— O que foi? — perguntou ao ver meu sorriso. Eu respirei profundamente, querendo responder da melhor forma que eu podia, sem deixar nenhum espaço para dúvidas na cabeça de Sonata. Sentia que ela precisava ouvir todos os dias o que eu sentia por ela e como isso me fazia bem.

— Estou feliz, pois estar com você foi o meu sonho favorito. — Beije a testa dela e recebi seu sorriso reconfortante. — Você pode não lembrar, mas nós nos beijamos na fazenda. Estávamos

bêbados, é claro, mas ainda assim, foi tão intenso que fez todas as minhas noites virarem do avesso.

— Eu também não consegui dormir depois daquele dia. — Afirmou ter lembrado de nosso envolvimento amoroso. Fiquei observando-a, esperando que ela pudesse responder a minha pergunta silenciosa. — Eu não sabia se você estava bêbado! Fiquei com medo de passar vergonha e preferi ligar para o Maurílio e perguntar se você tinha falado algo sobre a fazenda.

— Então, foi por causa do beijo que ligou para ele. Agora, entendo. — Ela fez que sim com vergonha. — Maurílio não sabia, eu não queria contar para ninguém por medo de ser julgado. Fiquei entre a tristeza e o alívio por você não ter lembrado, que acabei preferindo não falar nada.

— Tive o mesmo receio. Era algo novo, estranho e tão perigoso. Depois ainda descobri sobre você e seu pai, então, isso foi o pior. — Sonata pausou suas palavras como se lembrasse do acidente e isso lhe gerasse culpa. — Eu não me senti alguém capaz de estar ao seu lado, então preferi fugir do sentimento que tive.

— O que o fez mudar de ideia? — Ela deu uma risada gostosa como se houvesse uma piada

particular para aquela pergunta. — Não me diga que foi o duende?

— Não. Foi meu pai, mas é um passo bem perto de um duende, não é? — brincou. Devo concordar que Allegro realmente lembrava seus próprios duendes, não pela altura, mas pelas cores chamativas. — Ele falou que você passou por todos os constrangimentos possíveis para dizer que gostava de mim.

— Ele tem mais razão do que eu pensava, mas para ter você ao meu lado, não foi nada. — Puxei-a para mais perto em um abraço quente debaixo das cobertas. — Mas ainda não explica o que lhe fez mudar realmente de ideia. Foi só por pena?

— Não! Claro que não. É que eu percebi que gostava de você também, mas nunca fiz nada para mostrar isso, apenas me envolvia em desculpas de que não era boa, portanto, não tinha motivos para lhe fazer perder tempo. — Ela suspirou de leve no meu pescoço me fazendo estremecer. — Sinto muito por tê-lo feito esperar.

— Esperar não é nada quando agora tenho todo o tempo do mundo — respondi, apertando-a novamente. Não queria largar Sonata, mas tive de ceder, pois ela precisava ir trabalhar, e na *Rainha*

do Queijo não havia chances de ter uma receita boa se fosse outra pessoa a fazer.

Eu me despedi dela na porta e deitei na cama novamente, aspirando o cheiro do corpo de Sonata que tinha ficado no colchão. Ela tinha se tornado minha e eu dela, não havia nada mais lindo do que essas palavras e o sentimento que fazia meu sorriso se alargar. Nem meus pés conseguiram se conter e bateram contra a cama, em uma tentativa de esboçar toda a alegria que estufava meu peito.

Esperei adormecer com os últimos momentos de Sonata na minha mente, mas fui alvejado pelo barulho do celular e das ligações que, mesmo eu ignorando, continuavam seguidas. Puxei a tela para ver que se tratava de Carlos, então atendi.

— Não me diga que não sabe ligar seu computador novo, Carlos — brinquei, mas não ouvi resposta ou risada do outro lado. Senti uma tensão passar pelo silêncio, então me levantei da cama. — Você está bem?

— Lucas, eu estou bem, mas preciso falar sobre seu pai — começou, me fazendo engolir seco. O que o velho teria aprontado de novo? — Agora de manhã recebi uma ligação da empregada de sua casa, pois ela não conseguia falar com você.

Seu pai está no hospital, Lucas.

— Hospital? Do que está falando, Carlos? Aquele velho é mais forte que um touro, que motivo o fez parar no hospital? — Carlos deu uma tossida como se tivesse receio de falar tudo o que sabia. Suspirei pesadamente. — Ok. Não sou uma criança, então desembucha de uma vez?

— Sua madrasta, ela descobriu que seu pai não tem dinheiro nenhum, que na verdade é seu e, bom, eles tiveram uma briga, o que levou seu pai a um infarto. — Ele fez outra pausa para que eu assimilasse a informação, mas eu ainda não conseguia fazer isso. — Bom, ele está no hospital, pois teve um derrame, mas não sei qual a extensão do problema.

— Ela está com ele? — Outro silêncio do outro lado. — Qual é, Carlos?! Vai ficar me fazendo perder tempo? Ela está com ele? O que o médico disse?

— Sua madrasta fugiu assim que ele teve o infarto. Ela levou o dinheiro que tinha em casa consigo e não chamou a ambulância, então, ele só foi encontrado pela empregada agora cedo. — Fiquei completamente descrente que aquela mulher chegou a esse ponto. Apoiei-me na parede, o

coração apertado. Arrependimento me dominando completamente. Fechei os olhos, tentei me concentrar na voz do outro lado da linha. — O estado dele é grave, mas, como eu disse, não sei toda a extensão do problema.

— Me passa o endereço por mensagem, estou saindo daqui agora — pedi para Carlos que concordou, minha voz gaguejava. Talvez eu tivesse sido duro demais com ele, afinal meu pai era velho. Acreditava que tinha tudo sobre controle. Como o arrependimento era cruel em situações assim.

E o ódio? Por incrível que pareça, ainda que eu sentisse o desejo de acabar com ela, tirar toda a mordomia que ela teve, nada se sobressaía a dor de ver meu pai na bosta. Jogado como um objeto descartável. Um dia antes, a vingança me corroía e, agora, era capaz de fazer tudo diferente. Ser um filho piedoso; permitir que ele se redimisse sem tanta dor. Meu pai não merecia tanto. Ao menos, não da mulher para quem ele deu tudo.

— Antes de você desligar, sei que não é mais meu secretário, mas tenho um favor a pedir. Quero que localize minha madrasta e peça para que a polícia barre qualquer saída dela do país. Ela vai pagar por cada centavo.

Desliguei o telefone e peguei as minhas coisas quando recebi o endereço de Carlos. Não vi Sonata ou Allegro na saída, apenas corri pela rua em uma tentativa de chegar o mais rápido possível no hospital. Meu pai estava lá, em um quarto, cheio de apetrechos para respirar e uma enfermeira fazendo anotações ao seu lado. Meu coração apertou. Parei para vê-lo completamente derrotado na cama, os lábios caídos, os olhos murchos. Nem de longe o homem que eu deixei no escritório. Apesar de todos os nossos conflitos, ele era meu pai. Tinha me criado quando mamãe não quis, nisso ele era um herói. Não, na verdade, ele era apenas uma das linhas tortas que Deus escreveu.

— Você é o filho? — perguntou a enfermeira. Concordei com a cabeça e recebi um leve sorriso de compaixão. — Ele consegue nos ouvir e às vezes até fala algumas palavras. Vou pedir que o doutor venha lhe explicar melhor.

— Perdão... — murmurou entre os aparelhos assim que a enfermeira saiu. Não consegui entender de imediato, então me aproximei dele para ouvir melhor. — Perdão... — repetiu, enfraquecido.

— Não tem motivo para pedir perdão, ela era uma vaca, mas o senhor a amava. — Sua mão

tocou na minha. Estava fria, e pela primeira vez percebi como as manchas de velhice tinham de destacado. — Não importa mais — insisti. — Esse não é o castigo que alguma pessoa mereça.

— Perdão, meu filho — voltou a repetir. Uma lágrima escorreu do seu rosto flácido. — Sua mãe...

— O senhor precisa ficar quieto se quiser melhorar! — briguei, mesmo tentando manter um tom mais baixo. — Nem doente consegue parar de falar? Assim nenhuma outra mulher vai te querer. Por favor, vamos poupar ao menos hoje de falarmos sobre suas ex.

— Sua mãe, Lucas. — Observei atento àquelas tentativas de me contar algo. O que ele tanto queria falar sobre a mulher que me abandonou? — Ela te ama... — Ri daquilo. Como é? Me ama? — Ela nunca me perdoou por eu ter...

— Ter? — indaguei ao ver que ele barrava nas palavras. Ter, o quê? O que ele tinha feito para ter tanto remorso? Não era ela que precisava sentir isso? Afinal, foram suas mãos que me abandonaram não as de meu pai. — Achei que o senhor não pudesse falar tantas palavras juntas.

Ele me ignorou e continuou a falar.

— Ter impedindo-a de ver você, Lucas. — Ele

fez uma pausa que me deixou com um nó grande na garganta. — Eu que fiz isso. Não deixei ela te ver, impedi-a de se aproximar. Destruí ela por egoísmo.

— Você está de brincadeira?! — gritei me afastando dele e depois ganhando impulso para segurá-lo no colarinho, enquanto o via tossir. — Está dizendo que todo esse tempo você me enganou? Fez minha mãe parecer uma vagabunda egoísta?

— Eu... — Os aparelhos começaram a apitar quando o soltei na cama. As enfermeiras entraram com o suporte de um médico e me empurraram para fora do quarto. Vê-lo tossir e a porta se fechar foi uma das poucas coisas que me deu mais ódio na vida, pois eu queria saber mais, eu precisava descobrir o que aquele velho ainda escondia de mim.

Chutei um balde de lixo no caminho. Ouvi alguém brigar comigo e pedir silêncio, mas apenas ignorei. Deixei-me cair contra a parede e escorregar até o chão. As mãos espalmadas contra o rosto seguravam as lágrimas que escorriam dos meus olhos. Solucei descontroladamente. Implorei para que nada daquilo fosse real. Como eu poderia encarar tudo aquilo como uma mentira? Depois de

anos tendo certeza de que fui esquecido?

Se meu ódio pela minha mãe jamais tivesse existido, eu não teria tanta culpa carregando meu peito, não estaria envergonhado, lutando contra o rancor e a certeza de que eu era o cuzão da história. Eu precisava tanto descarregar aquilo que não reparei quando Maurílio me chamou. Seus passos correram até mim e ele me abraçou, acolhendo-me confortavelmente em uma amizade que fazia tempo, eu nem sequer lembrava que tinha.

Foi o melhor que recebi e o mais necessário para voltar a superfície depois de me afogar completamente naquele mar de dúvidas, de rancor e principalmente de vergonha por ter falado tantas vezes que ela era uma mulher morta para mim. Uma mãe que não merecia um filho e que, no fim, foi obrigada a estar longe dele.

Ela estaria onde? Qual era seu rosto hoje? Eu nem sequer tinha as lembranças de suas fotografias antigas, pois meu pai mandou queimar. Teria novos filhos? Ainda estaria querendo me ver? Quais as chances de recuperarmos tudo o que perdemos e que infelizmente fomos obrigados a esquecer?

Eu conseguiria amá-la depois de odiá-la tanto?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 27

Maurílio tinha pego um copo de água para mim e sentado ao meu lado, observava-me com preocupação, enquanto preferi mergulhar na transparência da água. Minha mente estava um caos e eu não sabia como começar a podar as coisas ruins que me envolviam.

Olhei para Maurílio em espera. Ele parecia diferente da última vez em que o vi, de certo Alfredo deixou bem claro o que meu amigo perderia ao se recusar a entrar como CEO. Pais são bem parecidos mesmo mudando de endereço.

— Seu pai vai ficar bem — disse, como se isso fosse de fato o que estava me chateando. Tomei um gole da água, segurando aquele copo sensível de plástico nas mãos. Era isso mesmo, o poder de um rico envolvendo um pobre era exatamente como pegar o copo e apertar. — Nunca pensei que te veria chorar tanto por causa do velho.

— Não fiz isso por ele. — Maurílio ficou mudo. — Minha mãe, ele impedia ela de me ver. Ele provavelmente a ameaçou assim como fez comigo e com a Sonata. Que homem faz isso com a própria família?

— Homens que gostam de poder, suponho — comentou Maurílio, um tanto quanto envergonhado. Senti que ele queria falar algo, mas pensava em como. — Lucas, você tem interesse em procurar sua mãe?

— É claro! — retruquei em resposta — Antes eu a odiava e agora sinto-me culpado por isso. Um cretino por ter acreditado no meu pai, mesmo sabendo o homem controlador que ele é.

— Então, eu posso te levar lá. — Aquela afirmação me surpreendeu. Esperei que Maurílio pudesse me explicar. Ele suspirou pesadamente antes de continuar. — Sua mãe, eu lembro quando ela decidiu ir embora, pois seu pai veio até o meu para pedir ajuda para impedir que você fosse levado por ela.

— Me conte tudo o que sabe, Maurílio! Por favor, me diga o que aconteceu antes que eu quebre sua cara por ter guardado isso para você — ameacei. Éramos crianças na época, meu pai repetia

tanto sobre o abandono que jamais desconfiei de algo. Maurílio concordou, entendendo como eu me sentia.

— Homens gostam de poder, como eu disse antes e o mundo comprova. Então, para impedir que ela lutasse pela sua guarda, eles prepararam uma armadilha para ela ser incriminada por algo que não cometeu. — Ele fez uma pausa para limpar os lábios. — Eu não entendi muito bem, pois era criança, mas hoje desconfio que a acusaram de estelionato e obtiveram provas para ameaçá-la disso.

— Por qual razão você não me contou isso antes? Quando criança eu entendo, mas e agora?! Depois de mais velhos, você ainda guardou essa merda? — Levantei da cadeira e o peguei pelo colarinho. — Diga-me! Me dê um único e bom motivo para isso.

— Não existe bom motivo. Meu pai descobriu que eu sabia e disse que se falasse algo para você, poderia me considerar longe da herança — explicou com a cabeça baixa, os punhos fechados ao que parecia em remorso pelo seu egoísmo. No fim, o soltei por ser incapaz de julgá-lo.

Eu também fui egoísta ao pensar coisas ruins da minha mãe, sendo que jamais fui a fundo para saber suas razões. Talvez aquele medo de Maurílio em perder a herança, também passou pela minha cabeça em algum momento, e isso não fazia de mim alguém melhor que ele.

— Onde ela está?! — perguntei, mas Maurílio negou com a cabeça. — Você disse que sabia!

— E eu sei, mas não posso deixar você ir sozinho. Vai precisar confiar em mim nessa, pois pode não ter forças para saber voltar. — O que ele disse não fazia sentido, mas o que importava naquele momento? Eu só queria ver minha mãe, só precisava pedir perdão para ela. — Vamos pegar flores no caminho, não é legal chegar de mão vazia.

Acabei aceitando a carona, mas não deixei uma única palavra sair da minha boca durante todo o caminho. Maurílio também não falou, estava absorto no seu silêncio, prestando atenção na estrada que saía da cidade. Vi que haviam casas espalhadas pela BR quando seguimos por ela. Talvez, em uma dessas minha mãe tenha vivido todo esse tempo.

Era longe, mas não o suficiente para acalmar meu coração palpitando freneticamente. Estava

ansioso, meu estômago revirava e eu ficava imaginando como ela devia estar agora. Mais velha, certamente. Ela lembraria de mim? Talvez não. Eu tinha mudado tanto de aparência desde quando era criança.

Sonata precisava saber disso. Peguei meu celular, mas Maurílio parou o carro me fazendo ficar distraído. Tinha algumas casas do lado oposto de onde ele tinha parado, fiquei olhando para ver se encontrava qualquer sinal de uma mulher, um vislumbre talvez familiar, mas não tinha nada, nem ninguém.

— Onde estamos? — Maurílio suspirou e saiu do carro esperando que eu o seguisse para fora. Fiz isso, carregando as flores recém compradas, quando percebi que ele encarava o lugar à nossa frente. Onde eu jamais imaginei que poderia estar indo. — Que brincadeira é essa? Você já não cansou de me zoar?

— Não é brincadeira — falou, caminhando por entre lápides frias, num corredor de terra. — Ela aguentou muito tempo em uma casa pequena por essas redondezas, mas o isolamento só a deixou em uma situação pior. Acabou falecendo dois anos atrás pelo que descobri.

— Ela... — tentei repetir aquelas palavras enquanto o seguia. Minhas pernas estavam moles e carregavam, com muito esforço, um corpo débil pela notícia. — Ela morreu de quê?

Antes de me responder, Maurílio parou em frente a uma lápide simples, cujo nome tinha sido entalhado na pedra, mas nenhuma fotografia foi exposta, então novamente eu não poderia vê-la.

— Desgosto. — Foi o que consegui tirar do meu pai quando soube. Ela faleceu por não aguentar a reclusão e por ter de se manter afastada de você. — Deixei meu corpo ceder ao peso que o puxava para baixo. — Vou lhe deixar a sós com ela.

Do que adiantava me deixar sozinho com uma pedra fria, muda, que só estava ali para fingir que o mundo ainda lembrava da sua existência? Não pude falar, não fui capaz de abrir a boca em nenhuma das vezes que tentei enquanto estava sentado ali.

Eu tinha ficado feliz, apesar das lágrimas de ódio no hospital. Estive em expectativa durante todo o caminho, mesmo sabendo que ela poderia nem sequer me reconhecer.

Todas as sensações jogadas junto dela, a sete palmos do chão. Lugar de onde jamais voltariam a

sair. Coloquei as flores no seu túmulo, o colorido vivo vibrando em comparação a pedra fúnebre e fria.

Ergui meu rosto, olhando uma última vez para aquele nome que pertencia a uma memória distante e conturbada da minha mãe. Todas as vezes que pensava na hipótese de visitar um cemitério era sempre recheado de conversas longas, de naturalidade, como se pudesse realmente bater um papo com os mortos. Agora, o rasgo na minha garganta não permitia qualquer palavra sem muito esforço.

— Se... — tentei, tomando fôlego para continuar. — Se ainda existe tempo no céu para onde a senhora foi, peço que me perdoe por jamais ter ido até você, por profanar o seu nome e status de mãe. — Fiz uma outra pausa, limpando os lábios secos. — Se eu conseguir ir até você um dia, prometo compensar tudo.

Não olhei novamente para trás, fui até Maurílio, que me esperava encostado no carro, os braços cruzados, o olhar culpado recaindo sobre um punhado de pedrinhas que chutava.

— Para onde agora? — perguntou-me, como se já soubesse do que eu precisava. — Te faço

companhia e depois de deixo na sua casa.

Concordei e entrei no carro. Maurílio realmente não precisava de uma resposta minha, pois foi no primeiro boteco, às dez da manhã, que comecei a encher a cara. Não importava se era cerveja, vodka, cachaça, tudo servido em um copo de vidro sujo, o que eu queria era beber e afundar aquele ódio em algum lugar no meu peito.

— Sabe qual é a melhor lembrança que tenho dela? — indaguei, sabia que Maurílio não tinha ideia. Engoli de uma única vez a cachaça vagabunda que tinham. — Eu queria muito um urso de pelúcia com o meu tamanho. Meu pai não quis me dar, pois não era algo de um piá. Saí chorando de lá, mamãe parecia mais triste do que eu, então colocou um no carro no dia seguinte e me entregou. Fiquei extremamente feliz. O melhor brinquedo que ganhei era aquele.

— E seu pai? — Maurílio não bebia nada alcoólico. Além de dirigir, precisava ser forte para me carregar. O celular dele tocou em cima da mesa; era Sol ligando. Baixei o rosto, como se me ver na miséria, desgraçado como estava, fosse sinônimo de vergonha. — Devia ligar para ela.

— Ele queimou meu urso. Papai. Ele brigou

PERIGOSAS NACIONAIS

com a minha mãe e destruiu o brinquedo — continuei contando, a língua estalando conforme a bebida traçava o caminho para o meu estômago. — No dia seguinte — bati com o copo na mesa — ela foi embora.

— Você não teve culpa — falou Maurílio, na tentativa de amenizar a lembrança. — Lucas! Seu pai é responsável por tudo isso e infelizmente, está pagando caro.

— Não tenho culpa, eu sei bem. Não é isso que me faz retornar à lembrança e sim o fato de que lá, naquele dia em que ela sumiu, eu devia odiar meu pai, nunca consegui e mesmo agora... — coloquei a mão no rosto para esconder as lágrimas. — Mesmo agora, o meu ódio consegue ser abalado pela lembrança dele! Como se eu não pudesse, como se fosse incapaz de sentir isso por alguém. Será que sou tão fraco assim?!

Nem lembro quando bebi daquela forma. Foi talvez no primeiro dia da faculdade? Ou, talvez, algumas semanas depois, quando eu descobri que era mais foda do que imaginei no terceirão inteiro? Só sei que sempre acabei entre vômitos e inconsciência, duas coisas que não eram legais juntas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei com Sonata ao meu lado, tirando as minhas roupas e colocando um pano úmido na minha testa. Parecia aflita com o fato de eu estar deitado naquela cama como se tivesse doente. Queria lhe dizer que essa era outra doença que o hospital não poderia curar e nenhum remédio faria efeito.

Ela sorriu com o olhar cabisbaixo de quem sabia do ocorrido, provavelmente Maurílio contou para Sonata, e não o culpei. Ela precisava saber que eu havia sido enganado, que minha mãe me amou até os últimos dias da vida e que faleceu decepcionada por jamais ter conseguido ver o filho novamente.

— Trouxe uma sopa, mas seria melhor tomar um banho antes. — Fiz que sim e com ajuda caminhei até o banheiro, me despindo do resto da roupa que faltava e entrando em uma água morna. Sonata fechou a cortina, me dando privacidade.

Olhando para o chão, a água escorrendo pelos meus pés, o calor descendo pelas costas, aquela sensação relaxante, mas não o suficiente para conter o soluço seguido de choro que me fez sentar no chuveiro e derrubar todas as barreiras de segurança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sonata ouviu e entrou no chuveiro, ainda de roupa, abaixou-se para me abraçar e ficou ali por todo o tempo necessário para me manter acolhido, enquanto o choro fazia meu corpo estremecer. Não sei quanto tempo fiquei encolhido, procurando o seu aperto para me fazer ver que estava tudo bem, mas quando as lágrimas foram secando e o soluço era a única sombra disso, eu já estava sendo conduzido para fora do banheiro.

Sentei na cama e esperei que outra onda viesse, mas não foi assim. Quando Sonata se aproximou de mim, o vestido molhado, a paixão louca inundando seus olhos só me fez pensar que eu precisava dela, de seu corpo, de sua alma, do carinho que só ela poderia me dar com a intensidade que eu precisava.

Tomando-a para junto de mim, beijei seus lábios quentes, inundando-me do sabor doce que ela tinha. Sentindo o perfume dos cachos do seu cabelo incendiar meu corpo.

Esqueci de todo o resto.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 28

Dois dias se passaram desde que descobri que de uma mãe ausente tive na verdade uma mulher sendo ameaçada e que do pai que eu já acreditava ser um merda, tive a certeza que seu status para filho da puta estavam atualizados. Ainda assim, eu era o filho responsável por aquela criatura que definhava no hospital.

Quando Carlos me ligou para ir até sua sala, já tinha me esquecido da madrasta e do que tinha pedido para ele conseguir. Para falar a verdade, meu ódio por ela evaporou e cheguei a acreditar que foi uma escolha sensata ao fugir do meu pai na melhor das chances possíveis, quando ele nem poderia mover um dedo contra ela.

A sala de Carlos não tinha sido reformada, ainda era a mesma que meu pai usou e com a secretária e atual noiva do CEO ocupando um cargo que ela se recusou a deixar. Disse estar bem

PERIGOSAS ACHERON

onde estava e que não queria ser uma mulher de casa. Não vi problema, até pelo fato de que Carlos parecia mais aliviado com o estresse que acumulava, ao lado da mulher.

— Estou interrompendo? — indaguei ao ver os dois debruçados sobre um documento aparentemente importante. Carlos negou com a cabeça e sua noiva deixou a sala com um sorriso caridoso, o que agora era parte da maioria dos funcionários cientes do problema com meu pai. — Queria que todos soubessem que ele era um merda, assim iriam parar de me olhar dessa forma.

— Creio que todos sabem, Lucas. Estão olhando assim é por sua causa e o fato de que terá de arcar com todos os problemas, mesmo tão jovem — explicou Carlos, ajeitando-se na cadeira e apontando a da frente para mim. — É a primeira vez que ocupamos dois lugares importantes, me sinto lisonjeado.

— Sou da teoria que o lugar mais importante é o do secretário. Se me perguntar o que comi ontem, de certo não saberei, mas Domingues sim. — Acabei mantendo o homem ao meu lado, afinal, agora quem comandava o dinheiro era eu. — Você me chamou para falar sobre minha madrastra. O que

descobriu?

— Bom, ela utilizou o dinheiro para comprar passagens para o Egito, assim não poderíamos rastreá-la com facilidade e por meios legais, mas agora, ela utilizou um dos cartões do seu pai para comprar algumas peças de roupa nova. — Ele pegou um papel e me entregou.

— Peças de roupas bem caras — retruquei ao ver a fatura absurda nas minhas mãos. — Bom, deixe como está. Apenas cancele todos os cartões no nome dos dois. Duvido que ela venha atrás já que abandonou um homem morrendo sem prestar socorro. — Carlos arqueou a sobrancelha e eu dei uma risada em resposta. — Desculpe, mas pode pedir a sua secretária? Não quero Domingues metido nisso.

— Seus maneirismos precisam mudar, sou CEO agora — brincou. Carlos não se importava com meus pedidos e o fato de eu esquecer da parte que ele não era mais meu secretário e tinha muito o que resolver além dos meus problemas. — E, seu pai? Hoje ele tem alta, certo? Vai levá-lo para a casa?

— Preferi fazer algo mais útil nesses últimos dias, como por exemplo, procurar um asilo para

que ele passe o resto da vida sendo atendido da melhor forma possível. — Pelo olhar de Carlos, ele julgava se aquilo era certo ou não, afinal o homem era meu pai. — Sei o que vai dizer, mas não tenho como cuidar dele. Mal consigo olhar para o seu rosto.

— Apesar do modo como sua mãe morreu, imagino que ela não iria querer o filho guardando rancor — tentou Carlos, mas neguei com a mão para que ele não entrasse no assunto. — Vou estar presente em tudo no asilo, só não quero servi-lo como fiz toda a minha vida. Sei que é uma decisão egoísta, mas é a minha.

— Muito bem. Não se esqueça a data de entrega do seu TCC! Já vi que é uma moda nos estudantes de hoje em dia, esperar a água bater na bunda. — Dei risada. Na verdade, não era bem esse termo, o correto seria que o trabalho fica melhor com a força do cagaço.

Ainda assim, Carlos tinha razão e Sonata partilhava do mesmo pensamento já que se afundou na pesquisa, restringindo até o tempo de visita que eu tinha. Prometi que colaboraria com ela, mas meu corpo estava se contorcendo por mal conseguir roubar umas bitocas daquela boca sedutora.

Deixei a empresa para ir até a biblioteca da faculdade. Eu estava levando o TCC bem a sério, não tanto como alguns alunos, mas o suficiente para me fazer perder o sono com anotações, metas e leituras. Meu corpo até conseguia relaxar às vezes, mas minha mente nunca colaborava para boas noites de sono.

A faculdade não estava vazia, mas era certo que tinha bem menos fluxo do que de noite. Deixei minha bolsa em uma das mesas disponíveis e comecei a procurar os livros que precisava para seguir com a ideia do meu projeto de *Migrações e Relações Internacionais*. Estava digitando as primeiras linhas, quando me deixei pender para o lado. A preguiça era uma característica indomável.

Olhei para o celular. Desde que eu tinha começado, passaram-se apenas dois minutos. Dois malditos minutos que aparentavam quarenta. Peguei um café, torci o pescoço, fiz alguns sons com a boca, baixos, mas o suficiente para me preparar psicologicamente e recomecei o que estava fazendo mesmo com os olhos piscando.

Quando uma mensagem chegou, nem precisei de tempo para esquecer o que estava fazendo e agarrar qualquer chance que eu tinha de ficar na

procrastinação. Era Sonata, seu rostinho lindo com filtro de rato fazia meu coração pular de tanta paixão. Nem sei como cabia em mim aquele tipo de sentimento em um lugar só? Será que ela conseguia sentir isso mesmo sendo tão pequena? Eu nem conseguia espaço para colocar tudo.

Sonata

“Você está na faculdade? ”

Eu

“Tô sim, na biblioteca. Você também veio estudar? ”

Sonata

“Me encontra no banheiro do térreo do quinto bloco. Aquele que não vai ninguém. ”

Aos tropeços, abandonei minha mochila com todas as coisas em cima da mesa e pulei pelos degraus da escada sem me importar se poderia acabar com a minha vida naquele momento. Eu estava no bloco 2, longe, muito longe, mas nada que minhas pernas de flamingo não conseguissem chegar.

Cheguei em menos de dois minutos,

garantindo o efeito do café para isso e não para os estudos, entrei no banheiro e me deparei com Sonata. Ela estava afoita e não me esperou perguntar o que tinha acontecido. Largou a mochila em um canto e pulou no meu pescoço, enfiando a língua de forma febril contra a minha.

Conduzi-a para dentro de um dos boxes do banheiro e fechei a porta, mantendo seu corpo contra a parede bamba, deixando minhas mãos subirem pelas suas costas, sentindo o calor emanar da pele dela. Parei de beijá-la quando percebi.

— Está sem calcinha? — indaguei. Ela afirmou com a cabeça e beijou meu pescoço, fazendo com que eu sentisse um arrepio forte percorrer minhas costas.

— Não tenho muito tempo. Minha agenda diz que são dez minutos de sexo. — Queria perguntar que papo era aquele de agenda, mas acabei me deixando levar pela excitação.

Sonata abriu minhas calças, deixou a mão tocar meu sexo, contornando-o e fazendo movimentos que me deixaram louco, foi ela quem colocou a camisinha, sem deixar de brincar comigo o tempo todo. Temia deixá-la cair, então forcei ainda mais seu corpo contra a parede temendo que

aquela merda não aguentasse o tranco, quando coloquei lá dentro e senti toda a umidade dela me envolver.

Impulsionei-me várias vezes contra seu corpo, certificando de fazê-la gemer em cada uma das vezes, enquanto sua boca procurava descontroladamente a minha, fugindo do som alto que parecia afugentar sua garganta. Alguém entrou no banheiro nesse momento, lavou algo na pia, mas eu não pude parar, então apenas diminui os movimentos para algo mais leve.

Sonata acabou por soltar um gemido que provavelmente assustou a pessoa, pois a mesma deixou o banheiro a passos rápidos. Rimos da vergonha que sentimos, mas sem deixar de finalizar aquele momento tão prazeroso que nos envolvia. Quando terminamos, Sonata estremeceu todo o corpo enquanto eu envolvia o rosto nas suas madeixas.

O problema estava no fato de que agora, nenhum dos dois sabia se era seguro deixar o banheiro.

— Será que devemos espiar primeiro? — perguntou Sonata. Achei que não seria uma boa opção, visto que a suspeita só aumentaria. Respirei

fundo, como se precisasse daquilo para sobreviver ao passo seguinte. Peguei a mão dela e saí com o peito estufado, pronto para confrontos e risadas.

Não havia ninguém. Nem uma alma viva no corredor. Voltamos a rir, balançando as mãos, caminhando até a biblioteca onde eu tinha deixado todas as minhas coisas e as quais eu rezava para estarem ainda lá.

— Que papo é esse de agenda? — questionei, assim que lembrei do que ela tinha falado no banheiro. Sonata tirou da mochila um planner de rato que folheei para tentar entender. Havia horário para tudo naquilo, desde ir ao banheiro para fazer número um, em uma contagem de uma em uma hora, além do número dois, que estava anotado uma vez ao dia. — Você realmente se regulou para conseguir ir as 20h?

— Tudo é uma questão de adaptação — respondeu, passando algumas páginas até onde estava a palavra “SEXO”. — Coloquei uma vez por semana, dez minutos.

— Espera, vou ganhar só uma vez por semana e rapidinhas? — Ela concordou sem entender o motivo de minha chateação. — Não acha pouco, não? Minhas necessidades de você são maiores que

isso.

— É só até o TCC acabar! E não vamos nos ver frequentemente agora que você precisa se mudar. — Fiquei confuso e parei no meio do corredor. — Seu pai, Lucas. Você não vai ficar com ele na sua antiga casa? Não dá para deixá-lo sozinho mais.

— Todo mundo está fazendo essa mesma pergunta só para me tirar do sério — retruquei bufando, a mão empurrando o cabelo para trás. — Eu vou colocá-lo em um asilo! É a melhor decisão que fiz, não posso cuidar de um homem que me fez tão mal, Sonata. Menos ainda voltar para aquela casa.

— Mesmo assim, ele ainda é seu pai, Lucas. Não acha que devia ao menos dar uma segunda chance para ele? — Bufei com aquela pergunta. Ele não tinha dado uma segunda chance para a minha mãe, na verdade retirou todas essas possibilidades. — Sei que não devo me meter, mas, pensa com carinho no fato de ele ter pedido perdão.

— Todo mundo pede perdão quando acha que vai morrer, Sonata. Não é algo para se validar. — Ela ia falar algo, mas a interrompi. — Vamos mudar de assunto? Eu não quero falar sobre o que

vou fazer com ele. É uma decisão minha e até o momento está bem fixada.

— Tudo bem. Isso quer dizer que você não vai se mudar? — perguntou.

— Isso aumenta a quantidade de sexos na sua agenda? — Ela deu de ombros.

— Talvez para dois. — Riu em resposta.



Capítulo 29

Meu pai estava mudo dentro do táxi, concentrava-se na paisagem como se as casas fossem a coisa mais interessante da sua vida. Tinha perdido um bom peso no hospital e isso era deixado claro pela flacidez que a pele apresentava.

Sonata e Carlos tentaram me convencer até o final de que eu não devia largá-lo em um asilo como se fosse objeto, mas ter de vê-lo todos os dias me dava um nó na garganta impossível de desatar. Era a minha tranquilidade ou a dele.

— Só para que saiba e não me odeie, vai ter tratamento VIP lá. Estou pagando por isso. — Percebi que aquela frase soava tanto como algo que meu pai falaria. E me envergonhei ao ponto de baixar a cabeça.

— Me perdoe — foram apenas essas as palavras dele. Não consegui entender se era realmente um pedido de desculpas ou mais uma de

suas tentativas em querer que eu me arrependesse da decisão. — Eu amei ela...

— Não se atreva a falar da minha mãe. Ela não merece ter o nome sujo ao sair da sua boca — retruquei, irritado. O motorista nos encarou do retrovisor. — Já fiz muito para prejudicá-la. Falar de amor só me causa nojo.

— Fiquei cego de ódio quando ela foi embora. — Por todos os santos, eu não podia aguentar aquelas palavras por muito tempo. Virei para brigar com ele, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Me perdoe...

Foi ali que percebi que o perdão não era para mim. Seu pedido jamais foi direcionado ao medo de ser levado para o asilo ou por realmente achar que me fez mal, mas sim para ela. Ele pedia perdão para a lembrança que tinha de minha mãe.

— Perdão? Acha que isso... — Parei de falar e virei o rosto, o nó na minha garganta se intensificando. Ela teria perdoado ele depois de ter sido o responsável por tirar tudo o que ela amava? O mundo realmente era assim? Tão fraco. Tão negociável? Não conseguia me imaginar perdoando alguém como ele, principalmente depois de tudo o que fez.

PERIGOSAS NACIONAIS

O carro parou na frente do asilo, uma construção bonita, próximo a uma das praias isoladas da cidade. Eu tinha visto em fotos, mas jamais pensei que fosse algo tão luxuoso. Bom, pelo preço, deveria ser uma mansão com piscina aquecida e um bar aberto 24 horas por dia.

Fui ajudado pelo taxista a descer meu pai e colocá-lo numa cadeira de rodas. Entreguei-lhe o dinheiro e pedi que, se pudesse, me aguardasse, pois não iria demorar. O homem confirmou e se apoiou no carro, em espera. Subi uma rampa empurrando a cadeira até parar na recepção.

A atendente sorriu, tomou nossos documentos e me deu tempo para dar uma passeada pela instituição. Encontrei a piscina térmica, mas não o bar. Deixei meu pai de um dos lados de uma cadeira de plástico e me sentei. Os idosos faziam sua ginástica laboral e cheguei a sorrir ao vê-los tão entusiasmados.

Aquele era um lugar diferente, eu tinha certeza. Sonata e Carlos me julgaram por não saber que se tratava de luxo e novas amizades para meu pai. Ele ficaria bem ali, melhor do que confinado em casa, com uma pessoa estranha para limpar a sua bunda e minha aparição esporádica.

PERIGOSAS ACHERON

Ele também sorria, mas de uma maneira triste. Parecia dar adeus às lembranças que tinha na mente, enquanto se preparava para seu novo lar. Era normal aquilo? Idosos dando adeus às memórias, como se soubessem que elas não durariam pra sempre?

— É seu pai?! — falou a voz de uma senhora com roupas floridas e uma boneca no colo. Eu confirmei com a cabeça, esperando que ela continuasse. Apesar de sorrir, seus olhos me falavam sobre solidão. — É difícil vermos um por aqui.

— Um pai? — indaguei. Ela negou.

— Um filho. — Sua resposta me pegou desprevenido ao ponto de eu ter de segurar as lágrimas que encheram meus olhos.

Eu tinha sangue de barata mesmo, mas diferente do que pensava, essa fraqueza não me deixava levar intensamente por algo. Seja a raiva ou o amor. Uma pessoa fraca é forte o suficiente para ver e aprender com o que lhe cerca. Voltei a encarar as pessoas na piscina. Era engraçado como fazíamos questão de ver sorrisos onde nem sequer existiam, tudo para nos conformar de que está tudo bem abandonar. Cheio de perspectiva, minha

opinião já não era mais a mesma.

— Ohana quer dizer família. Família quer dizer nunca abandonar ou esquecer — repeti aquilo dando uma risada baixa. Não acreditei que estava falando da frase de um filme. Virei para o velho. Aquela era uma das frases que ele repetia quando eu era criança, antes de mamãe ir embora. — Você tem medo de ficar sozinho?

Ele não respondeu, mas balançou a cabeça positivamente. Eu também tinha medo de ficar sozinho, pois temia não ver mais um pai ao meu lado. Respirei fundo, puxei a trava da cadeira e voltei para o saguão.

— Pode cancelar a inscrição. Eu pago a multa rescisória — falei para a mulher, que se surpreendeu e abriu a boca. — Não. Não se preocupe em falar das qualidades do local ou benefícios. Nada me desagradou, só quero os documentos de volta.

— O que posso colocar como justificativa para seu cancelamento, então? — ela perguntou. Pensei naquilo. Não tinha resposta melhor, nem sei se o que eu daria seria de fato uma boa resposta.

— Coloque apenas; Ohana. — Peguei os documentos e saí sem me preocupar se ela tinha ou

não entendido o que eu falei. O motorista ficou surpreso com meu retorno e o de meu pai, acabou tendo de ajudar novamente e seguir viagem para o nosso antigo e novo lar.

A casa estava vazia havia dias, mas as mulheres que limpavam fizeram questão de deixar tudo um brilho, algo bem diferente do terror que era a minha atual casa. Eu precisava pegar umas dicas com elas se quisesse manter uma boa performance com Sonata, afinal, ela já trabalhava demais.

— Menino Lucas! — surpreendeu-se Lucinda, com as mãos na boca e o jeito amável de sempre. — Fico tão feliz em ver você! Deveria ter me avisado que vinha com seu pai e eu teria dado mais uma arrumada na casa.

— Está tudo perfeito, Lucinda. Preciso só de um favor... — Ela ficou me olhando atentamente. — Quero que me ensine a fazer uma macarronada para hoje, pois vou trazer alguém especial aqui e quero muito surpreendê-la.

— Farei isso, menino Lucas. Vou pegar tudo o que precisa para te ensinar. — Lucinda se afastou animada, enquanto eu levava meu pai para mais perto da janela. Puxei o banco e sentei de frente

para ele, que me observava com atenção.

— Quando decidi trazê-lo para cá, enterrei parte do ódio que sentia pelas coisas que você fez, mas isso se deve a duas pessoas que mudaram a minha vida, enquanto estive longe dessa casa. — Fiz uma pausa, pegando na mão fria dele. — O Carlos é um bom homem e merece o melhor, então quero que sempre pense nele assim, mas a pessoa que mais importa agora é a única que você não aceita.

— Eu posso... — tentou, mas pedi que ele ficasse em silêncio, assim podia continuar de onde estava.

— Sonata não é meramente uma namorada e nem uma simples dona de uma cafeteria, ela é a mulher que faz meu coração tremer, que tira todo o meu ar e me impede de dormir à noite. — Limpei os lábios secos. — Então, quero que saiba em primeira mão, que ela vai se tornar a minha esposa um dia e eu preciso que me apoie nessa, pois vou lutar por ela até o fim, da mesma forma que um dia o senhor fez por minha mãe.

— Sim. Sim — repetiu, tentando segurar a minha mão com toda a força que ele parecia ter. Aquela não era a melhor resposta ou a mais longa,

contudo, vindo do meu pai, o “sim” me bastou para tirar um sorriso dos lábios.

Quando liguei para Sonata, adiantei-lhe tudo o que ela precisava saber. Estava satisfeita pela minha decisão, pude perceber no telefone e isso me fazia feliz, por saber que ela tinha orgulho. Acabamos marcando a janta para o fim daquele dia, assim aproveitaríamos bem o sábado.

Foi extremamente difícil aprender com Lucinda sobre os preparativos para uma boa macarronada, pois não eram exatamente dois passos, como fiquei imaginando. E ela era extremamente rigorosa, utilizando-se de uma colher de pão para corrigir as minhas mãos, o que doía bastante.

Quando Sonata chegou eu mais parecia ter caído em um lixão do que cozinhado uma macarronada. Tive de esconder meu avental e limpar o rosto com detergente para conseguir atendê-la ao menos, levemente, apresentável.

— Que cheiro gostoso! — elogiou assim que entrou na casa. Hoje ela usava calças jeans, o que me fez pensar na dificuldade que eu teria para abrir aqueles botões mais tarde. Além de carregar uma mochila, o que me deixou um pouco preocupado.

— Trouxe vinho.

— Isso é ótimo! Assim estaremos turbinados para mais tarde — brinquei, dando-lhe um beijo no cabelo preso e outro na boca. — Entre, meu pai está olhando o trânsito e Lucinda arrumando os pratos na sala de jantar. Allegro não quis vir?

— Hoje é o encontro da *Organização dos Amigos dos duendes* — explicou, como se aquilo fizesse sentido. — Ah! Lembra que ele acredita no poder dos duendes? Bom, tem outros que possuem o mesmo “poder” de falar com eles, então se encontram mensalmente para conversar e fazer planos sobre a próxima missão.

— Que tipo de missão seria essa? — perguntei, mas Sonata deu de ombros. — Vai dizer que não sabe?

— Na verdade, até sei, mas não faz sentido também. Eles chamam de *Encontros*. Só isso. — Concordei sem entender, na realidade nada do que aquilo significava. Preferi voltar para o que realmente importava, as apresentações.

Fiquei com um pouco de receio daquele encontro, mas meu pai mal conseguia falar tudo o que pensava sem se atropelar e cada palavra que

saiu foi agradável aos nossos ouvidos, o que me deixou feliz e descansado. Lucinda também quis conhecer Sonata e acabou se juntando à mesa depois de eu obrigá-la muito. Foi um dos jantares mais gostosos que tive.

No quarto, Sonata observou tudo com uma surpresa constrangedora. Fiquei aliviado quando seus olhos pareceram relaxar e ela pousou a mochila em cima da escrivaninha que eu tinha.

— Isso é roupa para você tomar banho aqui? — Ela deu risada e negou pegando o planner nas mãos. — Não está pensando que vai estudar dentro do meu quarto, ao lado da minha cama e com meu corpo nu te esperando, está?

— Minha concentração é muito boa, então não me preocupo com sua casa, seu quarto ou você nu. — Fiquei desapontando, admito. Sonata percebeu e me deu alguns beijinhos na boca como quem pedia desculpas. Seu rosto era tão fofo e meigo que eu não conseguia fingir não estar invadido por aquilo. Fui obrigado a rir e olhar para o lado, tentando manter o mínimo de dignidade.

— Você é muito linda — falei, sem conter as palavras que sempre me preenchiam ao vê-la. — Queria ter forças para recusar tudo o que você pede

ou ao menos lutar contra suas escolhas.

— Estar diante de uma mulher é ceder grande parte das vezes, já ouviu falar isso, ratinho?

— Concordei, dando mais beijos pelo seu rosto inteiro.

— O que é isso? — perguntei ao ouvir o apelido. Ela deu uma risada alta. — Está dizendo que sou um rato da loja de queijos?

— Não apenas um rato, mas o rato. Aquele que é louco pela *Rainha dos Queijos* — respondeu. Mesmo com toda a cafonice do mundo, eu não resisti as palavras dela.

No fim, eu era um bobo que aprendia a amar todos os dias.



Capítulo 30

Fazia alguns meses que não passava pelo condomínio onde morava, estava relutando em encontrar Allegro, pois sabia o que precisava fazer, na verdade, o que meu coração desejava incontrolavelmente pedir. Era estranho, mas nem mesmo toda a euforia do TCC conseguia me fazer esquecer aquele desejo de ver Sonata ao meu lado.

Talvez fosse loucura, afinal, éramos jovens, estávamos recém concluindo uma faculdade, na pior fase dela. Queria que meu coração pensava da mesma forma que meu cérebro. Seria muito mais calmo assim. Olhei para o celular que vibrava.

Sonata

“Onde você está agora? ”

Eu

“Estou em uma reunião, mas já nem sei o

que o Carlos falou na última meia hora. “

Sonata

*“Haha. Sabe que momento está
aparecendo na minha agenda? ”*

Eu

“Agora? Não sei se consigo sair. “

Sonata

*“Podemos adiar para próxima semana,
então. ”*

Por Deus, essa mulher ia me fazer enlouquecer. Olhei para Carlos que estava submerso em sua apresentação de projetos como CEO. Ele provavelmente ficaria bravo se eu saísse, mas não conseguia decidir qual necessidade era mais importante para o momento. A do sexo ou de perder um amigo.

Sonata

*“Então, posso remarcar sua consulta
comigo? “*

Eu

“Onde você está, agora? “

Sonata

*“Na loja de queijos. Hoje não abrimos,
lembra? “*

É verdade, Sonata tinha me contado algo sobre uma inspeção que iriam fazer e a loja ficaria fechada por um dia. Olhei para Carlos, novamente. O nome de Sonata saltitando pelo canto do olho. Ele precisaria me perdoar. Talvez não hoje, mas amanhã, quem sabe.

Eu

“Estou indo. ”

Levantei abruptamente da cadeira, nem sabia que desculpa dar, mas minha mão foi direto na barriga e fiz uma careta de quem sentia muita dor. Pedir desculpas por estar com dor de estômago era mais simples do que a vergonha jamais esquecida do ato de fingir a dor. Olhei para Carlos, que nem de longe pareceu acreditado no que falei e sorri de leve.

Deixei a Braincoff com as melhores pernas que eu podia ter para correr. Andava treinando nos

últimos dias, o que achei uma boa devido aos pedidos de sexo sem preparação que Sonata me fazia com frequência. No começo, as pernas latejavam e eu sentia-me fraco para mantê-la no colo, mas agora, parecia ter criado músculos interessantes naquela parte.

A *Rainha do Queijo* estava com a placa de fechada, mas a porta destrancada. Abri e fechei com chave antes de ir para a cozinha. Encontrei Sonata sentada na bancada de metal e assim que confirmou minha presença, suas pernas se abriram na visão mágica de um parque de diversões sem tapume. Aberto somente para mim.

Sentir Sonata no meu corpo nunca era a mesma sensação, ao contrário, em todas às vezes que fazíamos eu me sentia como na primeira vez. Despreparado para lidar com ela, com medo de machucá-la ou de não conseguir lhe causar prazer nenhum. Eu não queria isso, tinha o dever de fazê-la estremecer e gozar sempre.

Não era nenhuma meta pessoal, na verdade, eu não me importava mais se era bom no sexo ou não. Tudo o que eu queria era ser bom para ela, fazê-la gemer de prazer quando eu a lambesse do seu jeito preferido. Conseguir que ela gemesse em cada

entrada que fazia com minha ereção. Fazer seu corpo se sentir poderoso, como deveria ser.

Estávamos prontos para terminar quando alguém bateu com força na porta de vidro e ouvi a chave virar. Sonata se desesperou e correu para colocar a calcinha que estava jogada em um dos lados, enquanto eu fechava zíper da calça e pressionava a ereção contra uma das bancadas em uma tentativa frustrada de esconder.

— Oh! Sonata e Lucas que bom que estão aqui — falou Allegro com entusiasmo. Virei para acenar me deparando com ouros dois homens que lançaram o olhar, ao mesmo tempo, para a vantagem na minha calça. — Esses são os rapazes da inspeção, eles querem dar uma olhadinha no local.

Ah! Que ótimo. Maravilhoso. Agora a *Rainha do Queijo* ia fechar por prática de sexo ilícito na bancada da cozinha e eu seria o maior culpado aos olhos de Allegro. Tentei dar uma respirada leve, sem que percebessem o que eu fazia, só para saber se havia algum cheiro sexual pairando no ar.

Os dois fiscais vasculhavam cada parte da cozinha, enquanto Sonata mostrava os utensílios evitando a bancada onde estávamos. Lancei um

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar para ter certeza de que não havia mancha nenhuma no balcão e por sorte, estava tudo nos conformes, diferente do cheiro estranho na cozinha.

— Precisa só conseguir saídas de ar, moça, pois o cheiro daqui é muito sufocante pra qualquer funcionário — falou um deles. Sonata concordou e apontou para os queijos. Enquanto eu, bem, tive de conter a saliva para evitar o engasgo.

— Temos alguns que realmente possuem um cheiro estranho. Vou providenciar essa semana ainda — confirmou, recebendo um aceno deles.

Não demoraram para ir embora, mas Allegro permaneceu no salão, com seu sorriso de deboche no rosto e o duende na mesa. Não era necessário me dizer, ele estava julgando o fato de que havia tantos lugares e nós escolhemos logo aquele dia e a loja para fazer o que queríamos.

— Tenho percebido que está me evitando, Lucas — falou Allegro. Sonata foi me defender, mas deixei a mão no seu ombro para impedi-la de fazer isso. Caminhei até o pai dela e sentei de frente para ele. — Não sou contra sexo sem compromisso, na verdade, acho extremamente essencial para a circulação, contudo, não quero ser evitado por uma coisa dessas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é por isso. Peço desculpas se passei essa impressão, mas é que gostaria muito de falar formalmente com o senhor e só não tive coragem — expliquei-me.

— Senhor? Deus me livre atingir essa categoria, meu jovem. Allegro é mais que suficiente para que eu entenda seu respeito — brincou ao me ouvir. Aquilo nem de longe me deixou relaxado. — Talvez, queira conversar comigo primeiro, sem Sonata?

— Não. Não acho que devo. Ela é a única que pode me responder, mesmo que o senhor aprove, essa decisão é dela. — Sonata se aproximou e tomou a cadeira da minha frente. Eu virei para ela, sentindo que precisava estar olho no olho. — Posso estar entendendo errado, confundindo tudo o que estou sentindo com você, mas eu não consigo mais passar as noites sozinho na minha cama. Está sempre fria...

Parei por um momento de falar, pois queria estar ciente de todas as feições que ela fazia naquele momento de declaração. Sonata mexia comigo, não tinha como duvidar, ela conseguia buscar uma parte de mim que eu nem conhecia e, quando estava longe, esse lugar me fazia falta. Era

como se estivesse incompleto.

— Não sei o que você acha de pessoas que se juntam ao invés de casar, mesmo sendo cedo, mas eu quero dizer que para mim, nada é cedo ao seu lado. Tudo parece eterno e duradouro. — Sorri como um menino de dez anos que não sabia mais como continuar. Acabei engolindo a saliva em seco e deixando meu coração concluir tudo. — Eu amo você.

— Eu amo você — ela completou no mesmo momento que eu, fazendo, da declaração, uma mescla de nós dois. Olhamos um para o outro com a ardência, a mesma saudade brotando de nossas almas que desejavam a todo custo, estar inteiramente envolvidos, o tempo todo.

Allegro bateu palmas e riu alto cortando completamente o clima, mas permitindo que o pedido tivesse uma plateia feliz. Ele deu tapinhas nas minhas costas, beijou a cabeça da filha e pegou o duende no colo.

— Nós dois damos nossas bênçãos — falou se referindo ao duende e a ele. Era realmente típico de Allegro e eu não poderia esperar menos dele ou do objeto em suas mãos, aquele mentiroso boneco salafrário.

Carlos me esperou voltar para a empresa naquele dia e me deu uma bronca de uma hora sobre o que eu não podia fazer em uma reunião tão importante. Ele tinha assumido um papel de pai e chefe que eu achava até engraçado. Logo me parabenizou pela notícia e disse que leu na internet sobre minha data de nascimento, parece que eu teria gêmeos.

Concordei sem querer pensar o que ele estava esperando para fazer que ficou vendo esse tipo de coisas. Ao perguntar qual eram as chances dos filhos deles, ele falou menino. Por incrível que pareça, três meses depois, descobriram que a esposa dele estava esperando um menino.

Fiquei chocado e preocupado com essas pesquisas na internet. Fui obrigado a fazer várias para concluir que todos os sites diziam a mesma coisa. Fechei o notebook ao fim do dia sentindo calafrios por toda a espinha. Não era possível que estava certo, era? Eu nem sabia a fazer o básico da casa ainda? Agora já teria de me preparar para não desapontar Sonata quando ela estivesse grávida.

Esperei que aquela informação não me tirasse o sono, mas ao contrário, me fez dormir feito um bebê. Palavra traumatizante para mim, na época.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me encontrei dentro de um sonho lindo, ao lado de Sonata, abraçando-a e beijando, até que o cenário se alterasse rapidamente para uma sala branca, daquelas cirúrgicas, com aparelhos e enfermeiros.

Estavam puxando algo de dentro de Sonata, enquanto ela gritava e esperneava. Ninguém me dava bola, nem se preocupava com fato de que minhas pernas estavam bambas, e que eu tapava a boca para não vomitar com a quantidade de sangue que saía. O médico, aquela criatura mascarada, puxou, pelas pernas, o que parecia um bebê coberto por algo branco e vermelho que berrava descontroladamente.

Não demorou muito para tirar outro, mas só fui perceber não ser compatível com o cenário, quando ele tirou um terceiro. Desmaiei no mesmo instante.

Acordei com a terrível sensação de que tudo foi real. Olhei para Sonata ao meu lado e comecei a balançá-la até que acordasse e me visse. Surpresa, ela resmungou algo que eu não dei importância.

— Quando desce sua menstruação? — perguntei, exasperado. Ela não pareceu me ouvir, então a chacoalhei mais. — Foco, Sol. Quando desce sua menstruação?

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei, Lucas! Acho que era para ter descido ontem. Não lembro — resmungou, virando de lado. Senti que o sangue desapareceu do meu rosto. Qual era a probabilidade do atraso de um dia estar certo? — Fique tranquilo. Vá dormir.

Tranquilo? O último sentimento que eu poderia ter era tranquilidade. Eu seria pai? Peguei o celular da cabeceira e disquei o único número confiável em todo o mundo. Allegro atendeu desperto, como se já esperasse a ligação.

— Por favor, me diga, vou ser pai? — perguntei, antes que ele pudesse falar alguma coisa. Ainda mudo do outro lado, continuei: — Por favor, você sempre acerta quando vai chover. Me diga, vou ser pai?

— De fato, choveu por muito tempo, mas não vai cair nenhuma gota a mais. Podemos chamar de ressaca — respondeu com a voz pacífica que só ele podia ter.

— Sim! Eu sei, mas não é isso que perguntei. Me diga? O duende disse que vou ser pai? — Allegro deu uma risada do outro lado.

— O duende só fala quando vai chover, Lucas, mas ele sempre gosta de lembrar que quem está nela, é para se molhar. — Desliguei o telefone.

PERIGOSAS NACIONAIS

Allegro não podia me ajudar, mas ele sempre acertava as coisas, então como não conseguia saber daquilo?

— É claro que quem está na chuva vai se molhar — retruquei, irritado. Deitei na cama e tentei pegar no sono novamente, mas a voz de Allegro não deixou minha cabeça parar.

“Não vai chover por um bom tempo...”

“Quem está na chuva, é para se molhar. “

O que significava aquilo?

Fim

PERIGOSAS ACHERON



Agradecimentos

Encontro foi uma experiência completamente diferente, pois eu estava grávida, então esse agradecimento vai ser bem diferente do que faço geralmente. Não vou agradecer por me apoiarem no livro, mas por terem me mantido firme na gravidez, enquanto seguia com Gutinha crescendo dentro de mim. Sem essas pessoas, não teria chegado ao fim. Perto ou longe, estavam comigo.

Concluí o livro entre o sexto e sétimo mês de gestação, então as dores nas costas estavam intensas, eu mal conseguia caminhar e juro que se colocasse um alfinete na minha barriga, iria explodir. Fazia calor, um baita de um calor. Agora é somar todas essas coisas ao sono pesado e a vontade de ir no banheiro de cinco em cinco minutos. Bom, aí está uma gravidez, onde no tempo livre eu dava vida a Lucas e Sonata.

Maria Augusta, meu primeiro agradecimento vai ser para você e, apesar de não saber ler ainda, espero que um dia esse livro passe pelas suas mãos

PERIGOSAS ACHERON

e tenha a certeza de que trabalhamos juntas nele. Isso mesmo, nós duas construimos esse casal e deve ser um dos laços que nos une pela eternidade. Sinta orgulho de mim filha, pois estou tentando. Apesar de tudo, vou continuar tentando.

Trabalhar com Comédia Romântica, ainda mais no ponto de vista masculino exigiu muito de atenção e cuidado. Várias vezes consultei meu marido, questionando-o o que ele faria em determinada situação. Sempre disposto, resolveu meus maiores dilemas, afinal, mulheres e homens agem e pensam de forma completamente diferente, por isso meu agradecimento vai para ele. Obrigada por segurar a minha mão, por entender que eu precisava fincar as unhas nelas para aliviar a dor. Seu sacrifício nunca será esquecido.

Pai, mãe, Mark. Obrigada por estarem do meu lado e me fazerem perceber que tudo ia ficar bem. Mãe, por favor, próximo parto, lembra que sou eu parindo, então acalme teu coração que mais parecia ser você! Háhá. Pai, obrigada por acreditar em mim e voltar a dormir depois que a mãe avisou que eu estava no hospital. Mark, obrigada pela mensagem que me mandou assim que soube. Sei que você a fez meio dormindo, meio acordado, mas o seu

“*estou aqui. Vai dar tudo certo*” fez a diferença.

Para as minhas agentes, Alba, Grazi, Mari e Guta. Vocês quatro continuaram acreditando que eu era capaz mesmo depois de ter perdido a esperança de que algum dia voltaria a concluir um trabalho. Veja bem, Encontro é a prova de que vocês estavam certas, eu era capaz.

Meninas do Calabouço. Foi intenso e incrível passar tantos meses ao lado de vocês, escrevendo todos os dias, competindo como se não houvesse amanhã. Quando estava com contração, vocês conversaram comigo durante minha espera para ser atendida. Fizeram o possível para aliviar o medo que começava a surgir. Obrigada por isso.

Meu agradecimento final é ao meu *eu do passado*. Não poderia me deixar de fora, não depois do que passei e sigo passando. Você foi *incrível*. Sua filha é linda. Apesar de não ter experiência, está sempre tentando ser uma mãe melhor. Não fique com medo mais, pois ela lhe reconhece como mãe. Ela sorri para você quando lhe vê e procura ao ouvir tua voz. Você vai passar a madrugada escrevendo, para dar atenção no dia seguinte e, apesar de amar dormir, não se importa em sacrificar algumas noites, desde que ela fique bem. Gutinha é

PERIGOSAS NACIONAIS

uma peste que dá vontade de morder. Você a ama muito e ela também te ama. Talvez não tanto quanto Brendon Urie ou o pai dela, mas ama muito.

Então, fique bem agora. Não precisa mais chorar sozinha à noite, pois você conseguiu. Venceu todas as batalhas e segue tão forte quanto antes.

PERIGOSAS ACHERON



Sobre a Autora

Francine Cândido nascida nos anos 90, sonhava em fazer parte da Turma do Bairro e morar em uma casa na árvore, acabou descobrindo que a escrita podia lhe proporcionar todos os materiais para construir algo sólido e significativo tanto na sua vida quanto na de outras pessoas. Hoje, é mãe de um bebê meme lindo e descobriu que dormir é item de luxo. Escreveu A Máscara do Rei, A Dama dos Loucos e Encontro na Cafeteria dos Pães de Queijo, além de alguns contos em antologias.

Me acompanhe nas redes sociais:

[Instagram](#), [Facebook](#), [Wattpad](#)

Conheça meus outros trabalhos:

[ADamadosLoucos](#)

Não se esqueça de escrever uma avaliação,
pois é muito importante para a autora!

Obrigada por ler!

PERIGOSAS NACIONAIS

<3

PERIGOSAS ACHERON